

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE PARANAÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

VERA RODRIGUES DA SILVA LIONES

**A FANFARRA ESTUDANTIL PÓLO DE PARANAÍ /PR NO ENSINO  
COLETIVO DE INSTRUMENTOS E FORMAÇÃO HUMANA  
(1998 – 2015)**

PPIFOR

**VERA RODRIGUES DA SILVA LIONES**

**PARANAÍ  
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE PARANAVAÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**A FANFARRA ESTUDANTIL PÓLO DE PARANAVAÍ /PR NO ENSINO  
COLETIVO DE INSTRUMENTOS E FORMAÇÃO HUMANA  
(1998 – 2015)**

**PPIFOR**

**VERA RODRIGUES DA SILVA LIONES**

**PARANAVAÍ  
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE PARANAVAÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**A FANFARRA ESTUDANTIL PÓLO DE PARANAVAÍ /PR NO ENSINO COLETIVO  
DE INSTRUMENTOS E FORMAÇÃO HUMANA (1998 – 2015)**

**PPIFOR**

Dissertação apresentada por Vera Rodrigues da Silva Liones, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de Concentração: Formação docente interdisciplinar.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Marlene Stentzler

**PARANAVAÍ  
2024**



Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LIONES, Vera Rodrigues da Silva

A Fanfarra Estudantil Pólo de Paranavaí/PR no Ensino Coletivo de Instrumentos e Formação Humana (1988, 2015) / Vera Rodrigues da Silva LIONES. -- Paranavaí-PR, 2024.

143 f.: il.

Orientador: Márcia Marlene Stentzler.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino: "Formação Docente Interdisciplinar") -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. Fanfarra. 2. Cultural. 3. Formação Humana. 4. Ensino. 5. História da Educação. I - Stentzler, Márcia Marlene (orient). II - Título.

**VERA RODRIGUES DA SILVA LIONES**

**A FANFARRA ESTUDANTIL PÓLO DE PARANAÍ /PR NO ENSINO  
COLETIVO DE INSTRUMENTOS E FORMAÇÃO HUMANA  
(1998 – 2015)**

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Márcia Marlene Stentzler (orientadora) – UNESPAR

Profa. Dra. Ana Paula Peters – UNESPAR / Curitiba I

Profa. Dra. Simone do Rocio Cit – UEM

Data de Aprovação:  
26/11/2024

# PP IFOR

## Dedicatória

A meu esposo, aos filhos que mesmo antes de nascer já me ensinavam sobre o amor e a vida, ao genro e a nora, aos pais, pelos exemplos de amor e dedicação. Pela compreensão e alegria de viver, pelo incentivo e confiança depositados. A todos que me acompanharam, pela torcida calorosa. A todos que, como eu, amam e acreditam que o ensino da música merece um lugar na escola, lugar da alegria compartilhada.

## AGRADECIMENTOS

Este projeto simboliza a realização de um sonho, demandado de várias tentativas, insistência, lutas e que agora com sua finalização, agradeço a Deus, pela vida, pelas bênçãos derramadas sobre mim e minha família, e por me permitir chegar até aqui ajudando na caminhada rumo à conclusão deste sonho.

Expressar gratidão é desafiador. Reconheço publicamente pessoas especiais, algumas podem ser surpreendidas por serem mencionadas, outras podem ser guardadas no coração, não nas palavras, pessoas que enriqueceram minha formação intelectual e emocional. Elas depositaram confiança, companheirismo e proporcionaram alegrias, incentivando, contribuindo e acreditando em mim ao longo deste projeto. São pessoas que se envolveram intelectualmente, com amor. Tê-las ao meu lado é uma bênção, compartilhar momentos preciosos com cada uma delas é uma dádiva.

A meu esposo, Wagner Rodrigues Liones, Regente e Músico Trompetista, por seu amor, cujo apoio incondicional e companheirismo facilitou meus passos, por compartilhar esta jornada e contribuir com sua parte histórica presente nestas páginas, seu cuidado e sua compreensão nos momentos de ausência familiar que este trabalho demandou.

Agradeço à minha orientadora, Profa Dra Márcia Marlene Stentzler, por suas palavras significativas, apoio dedicado e orientação essencial desde nossa primeira entrevista. Sua paciência e dedicação foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico, também seu direcionamento instigante me incentivou a alterar o objeto de pesquisa inicial, mantendo sempre presente a história e memória de um grande grupo de pessoas.

Agradeço profundamente à banca examinadora, composta pela Profa. Dra. Ana Paula Peters, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Campus Curitiba I, Profa. Dra. Simone do Rocio Cit, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Profa. Dra. Najela Tavares Ujiiie, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Campus Paranavaí por suas valiosas contribuições e orientações durante o processo de desenvolvimento desta dissertação.

A Profa. Dra. Ana Paula Peters, com sua vasta experiência, ofereceu indicações preciosas que me ajudaram a aprimorar a qualidade e a relevância deste trabalho. Suas sugestões foram fundamentais para direcionar e refinar minha análise na pesquisa.

Igualmente, agradeço à Profa. Dra. Simone do Rocio Cit pela leitura atenta e pelas importantes considerações que trouxeram novos olhares e perspectivas para esta dissertação.

Agradeço à Profa. Dra. Najela Tavares Ujiie, suas contribuições enriqueceram significativamente o resultado desta pesquisa, principalmente quando compartilhou de sua experiência e envolvimento cultural.

Sou grata pela dedicação e pela disposição de ambas as Professoras Dras. em participarem da banca e em compartilharem seus conhecimentos e experiências comigo. Suas orientações foram essenciais para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento deste trabalho.

Aos professores do mestrado, pelo carinho, amizade e empenho que trouxeram novos conhecimentos e a possibilidade para a realização desse trabalho.

Aos queridos amigos da FAESPO (Fanfarra Estudantil Pólo), alunos participantes de 1998 a 2015, e ainda aos que participaram da pesquisa de forma tão gentil e acessível. Com o coração repleto de carinho e saudades, também menciono os que foram participantes da referida Fanfarra e não estão mais conosco (*in memoriam*), que seus familiares lembrem de seus sorrisos.

A todos os amigos, que de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização desse sonho.

# PP IFOR

“A Música é a arte de manifestar os diversos afetos  
da nossa alma mediante o som”  
(Bona, 2002, p. 2).

LIONES, Vera Rodrigues da Silva. **A Fanfarra Estudantil Pólo de Paranavaí/PR no ensino coletivo de instrumentos e formação humana (1998 – 2015)**. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientadora Profa. Dra. Márcia Marlene Stentzler. Paranavaí, 2024.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a história da Fanfarra Estudantil Pólo do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino Fundamental Médio e Profissional de Paranavaí, analisando as suas contribuições para a formação humana e musical como parte da cultura escolar, entre 1998 e 2015. Em 1998 houve a troca de instrumentos e em 2015 a fanfarra deixou de participar de campeonatos. Neste período as fanfarras eram muito valorizadas na formação cultural dos estudantes, contribuindo para a formação humana e musical como parte da cultura escolar. As fanfarras davam visibilidade para a escola. Embora haja outros estados da federação em que ainda exista, nas escolas públicas, apoio para as fanfarras, no Paraná elas não são tão comuns em escolas públicas estaduais da educação básica. Porém alguns municípios apresentam estímulo para esta atividade como projetos em contraturno e extracurriculares. Para a realização da pesquisa, buscamos a conexão entre a música e a cultura escolar, tendo como base a música nas relações socioeducacionais afetas ao ensino e a formação humana dos estudantes participantes desses coletivos. Este estudo tem como base fatos históricos e socioeducacionais. Buscamos relacionar o particular (o singular, o dado empírico) com o geral, isto é, estabelecer conexão entre a fanfarra, a escolarização e a organização da sociedade. Entre os principais autores que utilizamos estão Roger Chartier (2002), para analisar as representações construídas acerca da Fanfarra; Augustín Escolano Benito (2017) que aborda a cultura escolar como parte do processo histórico de escolarização; Jacques Le Goff (2003) trata das memórias e sua relação com o tempo histórico, e Edward Palmer Thompson (1998) quando aborda inter-relações entre a sociedade, as experiências e a formação cultural, entre outros. A pesquisa foi qualitativa, bibliográfica e documental visando analisar em contexto sócio-histórico e cultural, as origens das fanfarras escolares e do estudo da música em escolas públicas. Como resultados, conhecemos o processo histórico de criação da Fanfarra Estudantil Pólo, a sua relação com o currículo escolar e a sociedade, explorando as memórias e representações sobre o processo de educação e formação da cultura musical nela desenvolvida. A pesquisa trata das relações da música na escola promovendo um ambiente socioeducativo em que a música esteve presente como um dos alicerces formativos, para a vida em sociedade. A Fanfarra é um valioso recurso para o ensino da música nas escolas públicas, especialmente com os projetos de fanfarras estudantis.

**Palavras-chave:** fanfarra; cultura; ensino; formação humana; história da educação.

LIONES, Vera Rodrigues da Silva. **The Student Fanfare Polo of Paranavaí/PR in the collective teaching of instruments and human formation (1998 – 2015)**: 143 f. Dissertation (Master's Degree in Teaching) – State University of Paraná – Paranavaí Campus. Advisor Profa. Dr. Marcia Marlene Stentzler. Paranavaí, 2024.

## ABSTRACT

This research aims to investigate the history of the Student Fanfare Polo of the Professor Bento Munhoz da Rocha Neto State College – Elementary, High School and Professional Education of Paranavaí, analyzing its contributions to human and musical formation as part of school culture, between 1998 and 2015. In 1998 there was an exchange of instruments and in 2015 the fanfare stopped participating in championships. In this period, the fanfares were highly valued in the cultural formation of students, contributing to the human and musical formation as part of the school culture. The fanfares gave visibility to the school. Although there are other states of the federation in which there is still support for the fanfares in public schools, in Paraná they are not so common in state public schools of basic education. However, some municipalities have incentives for this activity, such as after-school and extracurricular projects. To carry out the research, we sought the connection between music and school culture, based on music in the socio-educational relations affected by teaching and the human formation of the students participating in these collectives. This study is based on historical and socio-educational facts. We seek to relate the particular (the singular, the empirical datum) with the general, that is, to establish a connection between the fanfare, schooling and the organization of society. Among the main authors we used are Roger Chartier (2002), to analyze the representations constructed about the Fanfare; Augustin Escolano Benito (2017) who addresses school culture as part of the historical process of schooling; Jacques Le Goff (2003) deals with memories and their relationship with historical time, and Edward Palmer Thompson (1998) when he addresses interrelations between society, experiences and cultural formation, among others. The research was qualitative, bibliographic and documentary, aiming to analyze in a socio-historical and cultural context, the origins of school fanfares and the study of music in public schools. As a result, we know the historical process of creation of the Student Fanfare Polo, its relationship with the school curriculum and society, exploring the memories and representations about the process of education and formation of the musical culture developed in it. The research deals with the relations of music in school, promoting a socio-educational environment in which music was present as one of the formative foundations for life in society. The Fanfare is a valuable resource for the teaching of music in public schools, especially with student fanfare projects.

**Key words:** fanfare; culture; teaching; human formation; history of education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desfile 7 de setembro, 1986.....	15
Figura 2 – Vera e Wagner Liones com alunos da Fanfarra – Encerramento 7 de setembro de 1994 .....	17
Figura 3 – Apresentação da Fanfarra nos bairros, 1999 .....	19
Figura 4 – Medalhas de Mérito do Trabalho, 2004 .....	21
Figura 5 – Homenagem na Câmara Municipal pelas conquistas em Campeonatos e pelo trabalho prestado.....	21
Figura 6 – Integrantes do Pavilhão Nacional – Desfile 7 de setembro de 2008.....	67
Figura 7 – Entrega e um instrumento musical (surdo médio), 1981 .....	72
Figura 8 – Integrantes da Fanfarra – Desfile 7 de setembro de 1982.....	72
Figura 9 – Desfile 7 de setembro com o primeiro uniforme da fanfarra, 1984 .....	73
Figura 10 – Confraternização na “Sala da Fanfarra”, 2000.....	77
Figura 11 – Naípe de cornetas, treinos e ensaios em sala de aula, 2002 .....	77
Figura 12 – Comemoração com o troféu, resultado do Concurso São Matheus do Sul, 2000.	78
Figura 13 – Apresentação da Fanfarra na abertura da Semana da Pátria para a Comunidade Escolar, 2001 .....	79
Figura 14 – Fanfarra com percussão e Lira, 1997 .....	80
Figura 15 – Desfile 7 de setembro comemorado em data posterior devido as chuvas.....	81
Figura 16 – Fanfarra em posição de saída para a apresentação do Desfile 7 de setembro de 1999	81
Figura 17 – Fanfarra em apresentação do Desfile 7 de setembro de 2001 .....	83
Figura 18 – Corpo coreográfico em Desfile cívico de 2001.....	84
Figura 19 – Abertura cívica em Frente a Prefeitura, 1999 .....	84
Figura 20 – Pausa para registro de retorno de apresentação, 2000.....	85
Figura 21 – Apresentação em Desfile 7 de setembro em recuo em frente às autoridades, 2000	86
Figura 22 – Corpo coreográfico em execução de coreografia, 2000.....	86
Figura 23 – Apresentação de Balizas, 2000 .....	87
Figura 24 – Encerramento do Campeonato de Cruzeiro do Oeste, 1998 .....	88
Figura 25 – Pausa para registro, com placa de Campeã Paranaense, 2001 .....	89
Figura 26 – Pausa para registro, saída da corporação para evento UCFP, 2001 .....	90
Figura 27 – Resultado Campeonato Paranaense de Fanfarras e Bandas, 2001 .....	91

Figura 28 – Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras, 2001 .....	92
Figura 29 – Baliza avaliada no Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras, 2001 .....	92
Figura 30 – Primeiro desfile com uniforme azul, 2000 .....	93
Figura 31 – Corpo Coreográfico em transição de cores e uniformes, 2020 .....	94
Figura 32 – Pausa para foto no Campeonato em Londrina, 2002 .....	95
Figura 33 – Apresentação no Campeonato em Londrina, 2002 .....	95
Figura 34 – Desfile cívico, no estádio Waldomiro Wagner 2005 .....	96
Figura 35 – Pausa para a corporação tirar fotos juntos no desfile cívico, no estádio Waldomiro Wagner, em 2005.....	97
Figura 36 – Placa de Bi-Campeã Paranaense no desfile cívico, 2002.....	98
Figura 37 – Pausa para a corporação tirar fotos juntos abertura da semana cívica para a comunidade do colégio, 2015 .....	98
Figura 38 – Foto integrantes de metais, 2015.....	99
Figura 39 – Integrantes de percussão, 2015 .....	99
Figura 40 – Integrantes da Fanfarra, corpo musical, em frente a saída do Colégio, 2015 .....	100
Figura 41 – Corpo Coreográfico da FAESPO 2015 .....	101
Figura 42 – Pavilhão Nacional e guarda de honra, FAESPO, 2015 .....	102
Figura 43 – Apresentação em meio ao desfile, FAESPO, 2015.....	102
Figura 44 – FAESPO, conhecendo pontos turísticos, Jardim Botânico em Curitiba, 2001 ...	110
Figura 45 – FAESPO, camiseta nova, e momento de orientações, 2002 .....	112
Figura 46 – Desfile cívico, todos com o uniforme de cor padrão azul royal, branco e dourado, inclusive os calçados, 2004 .....	116

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
ABM	Associação Brasileira da Música
ANPPOM	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música
APMF	Associação de Pais, Mestres e Funcionários
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAp	Centro de Atendimento ao Público
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNBF	Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras
COMUSF	Projeto Música sem Fronteira
CREP	Currículo da Rede Estadual Paranaense
DCEB	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
EF	Ensino Fundamental
EFMP	Ensino Fundamental Médio e Profissional
EMBAP	Escola de Música e Belas Artes do Paraná
FAESPO	Fanfarras Estudantil Pólo
FAFIPA	Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavaí
FAMU	Fanfarras Municipais de Luiziana
FAMUEM	Fanfarras Municipais Emílio de Menezes da cidade de Japurá
FEMUP	Festival de Música e Poesia de Paranavaí
FERA	Festival de Arte da Rede Estudantil
FPFB	Federação Paranaense de Fanfarras e Bandas
FUNARTE	Fundação Nacional de Arte
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LRCO	Livro Registro de Classe <i>Online</i>
NRE	Núcleo Regional de Educação
NUCATHE	Núcleo de Catalogação, Estudos e Pesquisas em História da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIC-EM	Programa de Iniciação Científica – Ensino Médio
PPC	Proposta Pedagógica Curricular
PPP	Projeto Político Pedagógico

RCO+Aulas	Registro de Classe Online + Aulas
SEED	Secretaria de Estado da Educação Básica do Paraná
SEMA	Superintendência de Educação Musical e Arte
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCFP	União Cívica Feminina Paranaense
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UNIVALE	União das Escolas Superiores do Vale do Ivaí

PP IFOR

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1.1</b> Percurso histórico da pesquisadora .....	14
<b>1.2</b> A organização da pesquisa.....	22
<b>2 ARTE, MÚSICA E EDUCAÇÃO NAS LEGISLAÇÕES EDUCACIONAIS</b> .....	34
<b>2.1</b> Arte e Música na escola.....	43
<b>3 A MÚSICA E OS CAMPEONATOS DE BANDAS E FANFARRAS</b> .....	55
<b>3.1</b> Primeiros contatos com a Música e instrumentos musicais.....	61
<b>4 A FANFARRA ESTUDANTIL PÓLO</b> .....	71
<b>4.1</b> A estrutura física da Fanfarra e do Colégio.....	75
<b>4.2</b> O histórico da Fanfarra Estudantil Pólo e as conquistas.....	79
<b>4.3</b> Ensino e representações sociais a partir da Fanfarra .....	104
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	118
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	125
<b>APÊNDICES</b> .....	132
<b>Apêndice A – Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via forms</b> .....	132
<b>Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE</b> .....	134
<b>ANEXOS</b> .....	135
<b>Anexo A – Parecer do Comitê de Ética da Unespar</b> .....	135
<b>Anexo B – Autorização do Núcleo Regional de Educação de Paranavaí</b> .....	140
<b>Anexo C – Corporações inscritas no campeonato paranaense de fanfarras e bandas de 2023</b> .....	141
<b>Anexo D – Projeto Fanfarra</b> .....	142

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Percurso histórico da pesquisadora

A trajetória desta pesquisa e estudo, foi movida por encantamentos e desafios que desejo compartilhar com o leitor, iniciando pelos detalhes significativos da minha história que virão favorecer o entendimento sobre o tema, estes se revelam essenciais para a compreensão do meu relato e para a relevância deste no contexto do objeto de estudo. Nasci em 1972, num lar de pais com pouco estudo, mas com muita dedicação e vontade de adquirir conhecimento. Ambos pai e mãe de família de trabalhadores, com grande número de filhos. Eles eram dos filhos mais velhos e pararam seus estudos muito cedo para trabalhar e ajudar do sustento de seus pais. Contam que sempre perceberam a necessidade de aprender, e como dizem: “aprender de mais nunca é de menos”.

Portanto, incentivaram meus estudos desde a idade correta, buscando as melhores escolas, conseguiram bolsa de estudos na Escola Vicentina São Vicente de Paulo, a qual já nesta época possuía o grupo de coral, administrado por uma das Freiras, que também tocava piano. Enquanto nós crianças cantávamos diversas músicas, outras instrutoras nos ajudavam com instrumentos percussivos para acompanharmos os ritmos. As melodias eram bem diversificadas. Como forma de incentivar, as crianças que se destacavam participavam das apresentações externas à escola, que em sua maioria ocorriam nas missas e festividades religiosas.

Meu envolvimento com Fanfarras teve início a partir dessa experiência escolar. Recordo que alguns meses após o início do período letivo, em meados do mês de agosto, iniciavam os preparativos para os desfiles cívicos. A escola não possuía uma fanfarra, mas todos os alunos desfilavam, mesmo os que não estavam envolvidos com o projeto de canto. E, no aguardo para que cada escola se apresentasse, durante minha infância e como aluna na Escola Vicentina, pude conhecer as fanfarras escolares, que já se destacavam na época, na sua maioria nas escolas públicas do Curso Ginásial. Ingressei no projeto do coral no ano de 1980 e permaneci nele por três anos, até concluir a quarta série. Envolvi-me em diversas iniciativas relacionadas à música.

Durante o Ensino de 1º Grau, fui estudar na escola pública, a Escola Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino Fundamental (EF). Mas somente após dois anos estudando nesta escola, em 1986, foi que meus pais permitiram que eu integrasse a fanfarra,

inicialmente como instrumentista, tocando surdo por vários anos. Conforme segue abaixo, Desfile 7 de setembro.

Figura 1 – Desfile 7 de setembro, 1986



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Após a conclusão do ensino fundamental, necessitei mudar de escola, pois não havia a oferta do Ensino Médio na Escola Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – EF, que somente após alguns anos tornou-se Colégio com a oferta do Ensino Médio, mas continuei no projeto da Fanfarra. Fiz o Magistério, em uma escola que possuía fanfarra, o Colégio Estadual de Paranavaí, mas o vínculo com a Escola Estadual Bento Munhoz me manteve por lá.

À medida que a Fanfarra evoluía, testemunhei a inclusão de um corpo coreográfico. Nesse período, eu já cursava o 2º ano do Magistério, mas mantinha meu comprometimento nos ensaios nos finais de semana. Fui convidada a sair da parte instrumental e acompanhar as coreografias. Particpei ativamente na introdução e organização das primeiras coreografias, nos estudos e ensaios de balizas, inclusive cheguei a apresentar, substituindo uma falta de integrante nesta função. Com a conclusão do Magistério, e minha relação com a fanfarra foi crucial para o incentivo da coordenação da Fanfarra para participar de um teste seletivo que exigia o Ensino Médio para a função de Técnico Administrativo, iniciei, no ano seguinte, meu trabalho na secretaria escolar da mesma instituição onde havia participado da fanfarra e estudado por vários anos: O Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – EF, era o ano de 1991.

Ingressei na Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavaí (FAFIPA), no curso de Letras em 1992, desistindo deste curso no ano seguinte. Passei o ano de 1992 afastada da Fanfarra e neste ano pelo incentivo da professora Elmita Simonetti Pires (professora do Curso de Letras) participei do Festival de Música e Poesia de Paranavaí (FEMUP)<sup>1</sup> ganhando um troféu como melhor declamadora.

Em uma memorável apresentação em 1992, durante a grandiosa inauguração ocorrida em 23 de setembro do Estádio Municipal de Paranavaí, a fanfarra brilhou ao apresentar um espetáculo musical, para conforme contam nas notícias um público recorde de 18.430 pessoas seguida de jogo amistoso da Seleção Brasileira contra Costa Rica vencido pelo Brasil 4 x 2. Neste dia, aceitei a proposta amorosa de um dos instrumentistas, iniciamos um namoro (Diário do Esporte Amador, 2022).

Entre os vários compromissos com o trabalho e estudo, bem como o matrimônio, ambos ficamos distante apenas no ano de 1993. Foram diversas as tentativas para que eu retornasse, pois além de ter frequentado a instituição de ensino, por longo período fui participante ativa da fanfarra e agora era funcionária, porém o retorno foi diferente a princípio estive com a função de ajudar nas coreografias e ensaios como apoio a coordenação, na entrega de uniformes, adereços e o controle.

Eu retornei para a fanfarra em 1994 motivada por um convite especial, com a promessa de flexibilidade diante de minhas obrigações no trabalho, para descontar as horas que realizava no domingo, pois possuía grande carga horária de trabalho, com a função de apoio na coordenação do projeto na escola.

Este retorno representou não apenas uma reinserção na Fanfarra, mas também marcou o início de uma nova fase profissional em minha vida, onde fui aprimorando meus conhecimentos, estabelecendo uma conexão ainda mais profunda com a Comunidade Escolar, dedicando a conhecer melhor as atividades que a coordenação da fanfarra deveria executar, pois além da experiência adquirida como participante, agora funcionária da escola poderia contribuir mais, conhecendo como funcionava e maior proximidade com a comunidade, exercendo assim para a nova função, melhores resultados.

Dispondo de responsabilidade e comprometimento com a execução de cuidar e coordenar desde a frequência dos participantes, a distribuição de uniformes e materiais

---

<sup>1</sup> Este ano de 2024 será 59º Festival de Música e Poesia de Paranavaí (FEMUP) e o 56º Concurso Literário de Contos, organizados pela Prefeitura de Paranavaí através da Fundação Cultural, são eventos significativos para a cidade, categoria regional e categoria nacional. O festival, agendado para 8 e 9 de novembro na Praça dos Pioneiros e no Centro Cultural Rodrigo Ayres, reconhece e premia obras inéditas em língua portuguesa nas categorias de Música, Poesia, Conto e Declamação.

importantes para o bom desempenho dos participantes e zelo com os materiais que o projeto possuía.

Figura 2 – Vera e Wagner Liones com alunos da Fanfarra – Encerramento 7 de setembro de 1994



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

A foto acima, representa o início no ano de 1994, no encerramento das comemorações da Semana da Pátria, no Estádio Waldomiro Wagner. A fanfarra possuía apenas instrumentos de percussão.

À medida que o projeto se desdobrava nos finais de semana, contando com a participação de indivíduos externos ao ambiente escolar, alguns nunca haviam sido alunos do Colégio. Tornava-se essencial que algum funcionário estivesse presente para acompanhar as atividades, geralmente quem participava com a coordenação do projeto era alguém de confiança da Direção, pois utilizava o espaço escolar nos fins de semana, e a sala da Fanfarra era no mesmo bloco administrativo da escola, precisava abrir a porta e acompanhar que entrasse os integrantes e retirassem os instrumentos e adereços para os ensaios que ocorriam na quadra esportiva, nesta ocasião a responsável geral também era a secretária titular do Colégio, a professora Ana Bana sendo esta a que me estimulou a fazer o Magistério, acompanhou meus estágios e orientou sobre o Teste Seletivo do Estado para meu primeiro trabalho como Técnico Administrativo, nesta época geralmente eu a acompanhava aprendendo seus passos dividindo os trabalhos dos ensaios aos domingos. Hoje recordando esta trajetória, e as muitas de minhas escolhas profissionais, correlaciono com os dizeres de Peres (2011, p. 2),

Então, podemos pensar que somos um pouco daqueles mestres que fizeram transbordar o rio do nosso ir sendo até aqui, com nuances diferentes. Podemos pensar que tais diferenças singulares, nos nossos saberes e fazeres, fazem parte do próprio movimento da construção do conhecimento. Assim, portanto,

muitas das professoras que tivemos podem ser motores dos nossos fazeres atuais. Elas e eles, por vezes, bailam nos nossos imaginários como força daquilo que nos leva ao desejo de banharmo-nos outra vez naquele rio.

Ademais, nos anos subsequentes, recebi o convite para participar ativamente da organização da fanfarra, visto que o envolvimento de profissionais da escola se mostrava fundamental para o sucesso do projeto. Vários foram meus envolvimento com arte na escola, desde desenhos elaborados para a confecção de adereços, a realização de um Curso de Desenhista de Moda pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), para auxiliar nos desenhos dos uniformes, sempre realizando cursos paralelos de curta duração sobre a atividade artística relacionada com a Fanfarra.

Retornei à Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavaí no ano de 1995 no Curso de Pedagogia, habilitação em Orientação Educacional e me formei no ano de 1998. Em 2000, nasce nossa primeira filha e em 2002 nosso filho. No ano de 2003 conclui o Curso de Pós-Graduação lato sensu em Administração, Supervisão e Orientação Educacional pela União das Escolas Superiores do Vale do Ivaí (UNIVALE).

Continuei em paralelo seguindo com o trabalho Administrativo na secretaria escolar do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto onde fiquei nesta função até 2007 quando passei no concurso público e assumi como pedagoga indo trabalhar no Colégio Estadual de Paranavaí, na ocasião em que possuía vaga, e neste período trabalhei no Distrito de Mandiocaba pertencente ao Núcleo Regional de Educação de Paranavaí (NRE), como secretária escolar. Neste mesmo ano, também desenvolvemos um projeto de fanfarra na escola deste distrito.

Em 2007 eu tinha jornada de quarenta horas como secretária escolar e vinte horas como pedagoga. Foi ofertado que voltasse a trabalhar as sessenta horas no Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto, agora como secretária escolar e como pedagoga. Era o ano de 2008.

Em 2013 conclui o Curso de Pós-Graduação lato sensu em Educação de Jovens e Adultos pela União das Escolas Superiores do Vale do Ivaí (UNIVALE) realizado no município de Paranavaí, no mesmo ano Curso de Pós-Graduação lato sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

De 1986 a 1991 participei da Fanfarra e foram poucas as apresentações fora do município, praticamente as que ocorreram foram em desfiles cívicos, abertura ou o encerramento da Semana da Pátria. Mas, a partir do ano de 1996 estas se desmembraram para outras festividades, como as inaugurações de Ginásios, abertura de Gincana Cultural, Festivais

Culturais, Parque de Exposições, Festas Populares nos Bairros, Festividades do Dia da Criança, Dia do Estudante, Feiras, Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA)<sup>2</sup>, Paraná em Ação, nas festividades de final de Ano, em aniversários de algumas cidades circunvizinhas, Festivais, Concursos de Bandas e Fanfarras no Estado do Paraná, entre outras.

Figura 3 – Apresentação da Fanfarra nos bairros, 1999



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Em 1999, a FAESPO realizou apresentações nos bairros. Este registro é do projeto comunitário no distrito de Sumaré, no município de Paranavaí. Durante estes momentos, para preservar os uniformes de gala, a vestimenta adotada era de camisetas, como veste a aluna com o estandarte em destaque e o Mór de comando ao lado, na foto acima.

Contudo, o destino nos reservou uma trajetória surpreendente. Já trabalhando na escola e auxiliando no projeto fomos convidados a ser os instrutores dos alunos do projeto da Fanfarra Estudantil Pólo<sup>3</sup>. Do ano de 1995 a 2015, assumi a liderança dessa fanfarra com meu parceiro,

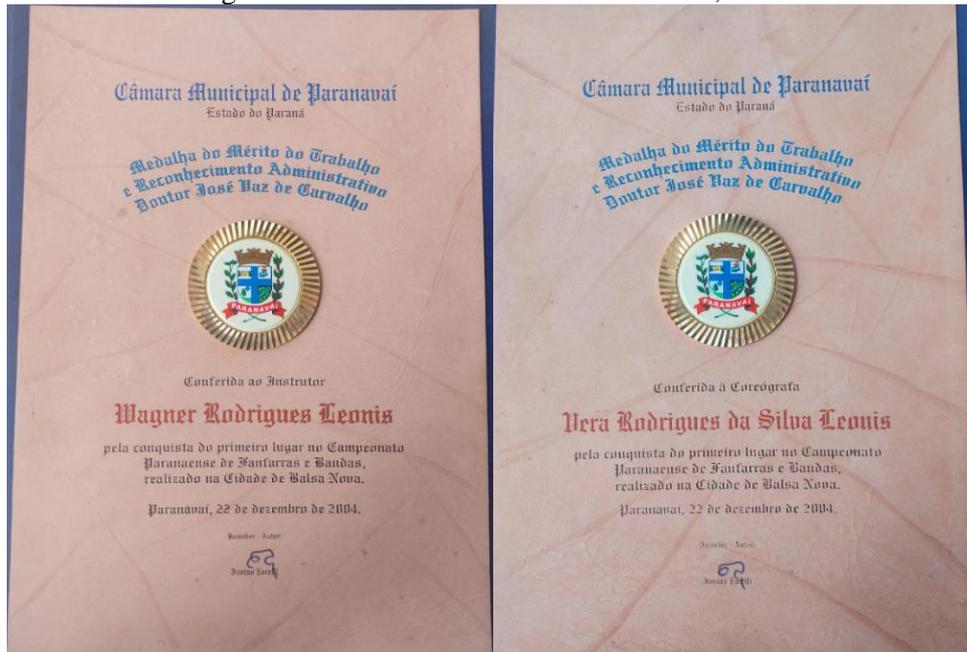
<sup>2</sup> O Festival de Arte da Rede Estudantil (FERA) foi evento cultural anual realizado no estado do Paraná, envolvendo os alunos, professores, equipes pedagógicas e diferentes profissionais da rede estadual de ensino. Iniciado em 2004 e encerrado em 2006, o festival foi um projeto educacional e cultural com o objetivo de engajar os jovens em diversas áreas, promovendo sua participação ativa e criatividade no ambiente escolar através de expressões artísticas. Dança, música, teatro, artes visuais, literárias, gráficas e audiovisuais foram algumas das manifestações artísticas que compuseram o festival.

<sup>3</sup> A palavra “Pólo” é acentuada conforme a norma anterior à mudança ortográfica de 2009, que eliminou o acento diferencial. O registro da Unidade Pólo, criado em 1974, mantém a acentuação, refletindo sua história e tradição. Mesmo após a mudança de nome, a instituição ainda é conhecida como Colégio Pólo em Paranavaí. Assim, a Fanfarra Estudantil Pólo preserva essa grafia, que é parte importante da identidade da instituição.

maestro (músico Trompetista) e eu, desempenhando o papel de coreógrafa. Ao longo desses anos, dedicamo-nos intensamente, realizando inúmeros ensaios, cursos, aulas especializadas sobre a música e implementando significativas transformações que contribuíram não apenas para o sucesso da fanfarra, mas também para o desenvolvimento da minha trajetória profissional e acadêmica. No ano de 2010, foi realizado o I Simpósio de Ensino da Música na Escola, na cidade de Curitiba, com o tema “O Papel das Instituições na Formação Inicial e Continuada”, dividido em duas fases: uma em setembro e outra em outubro, corroborando com a demanda emergente da Lei nº 11.769/2008 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/1996, tornando a educação musical, obrigatória na educação básica e com prazo de execução até o ano de 2011. Todas as escolas deveriam incluir a música em seu conteúdo obrigatório. Em uma das fases foi realizado a oficina com Lucas Ciavatta, auxiliando e abrindo horizontes sobre uma perspectiva diferente de ritmo e som, com o Método “O passo”.

Essa experiência enriquecedora não apenas consolidou nossa posição como líderes da fanfarra, mas também proporcionou um terreno fértil para o aprendizado contínuo, recebendo ofertas de trabalho em outros municípios e escolas da região como: Guairaçá, Paraíso do Norte, Nova Aliança do Ivaí, Rondon, entre outras. Isso influenciou positivamente meu percurso, tanto no âmbito profissional, quanto acadêmico. Cada ensaio, cada desfile, e cada desafio enfrentado moldaram a narrativa dessa jornada, deixando um legado significativo em minha vida. No ano de 2015 eu fui Diretora desta instituição de Ensino, tendo que lidar com várias situações inusitadas e diversos problemas, mas presenciando muitas vitórias e conquistas. Entre elas os diversos troféus e viagens a diferentes locais, cidades e estados com a Fanfarra. Nestes momentos de reconhecimento recebemos algumas homenagens, como se segue:

Figura 4 – Medalhas de Mérito do Trabalho, 2004



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Figura 5 – Homenagem na Câmara Municipal pelas conquistas em Campeonatos e pelo trabalho prestado



Fonte: Diário do Noroeste (2005, p. 19).

Concluimos um ciclo com a certeza de que a música influenciou e continuará influenciando positivamente aqueles que fizeram parte deste projeto: Fanfarra Estudantil Pólo. Sentimo-nos realizados pelo envolvimento, aprendizagem, conquistas e pelas amizades construídas.

## 1.2 A organização da pesquisa

O meu interesse pelos projetos escolares que envolvem a arte e a música despertou durante o trajeto para a escola, ainda na fase inicial do ensino fundamental, ou seja, no antigo primário e ginásio. Isso motivou a elaboração desta dissertação, quando exploramos a dinâmica e os impactos da Fanfarra Estudantil Pólo (FAESPO), a qual estive integrada do ano de 1998 a 2015. Na análise que aqui realizamos, examinamos como a participação nesse grupo musical influenciou o desenvolvimento dos alunos, tanto academicamente quanto pessoalmente.

Buscamos olhar para os efeitos da fanfarra na Comunidade Escolar e no ambiente de aprendizado, observando como a música e o trabalho em equipe moldam a experiência educacional dos jovens envolvidos. Ao mergulhar nesse estudo, é possível compreender melhor o papel das atividades extracurriculares, como por exemplo foram as fanfarras na formação integral dos estudantes e no enriquecimento do ambiente escolar.

Essas atividades extracurriculares complementam o currículo formal, proporcionando aos alunos oportunidades adicionais para explorar e desenvolver habilidades em várias áreas de interesse, pois nas fanfarras existem diferentes naipes de instrumentos, sendo composta pela apresentação do estandarte, portas bandeiras, balizas com ginástica rítmica, corpo coreográfico, mór de comando e outras atividades a serem exploradas numa mesma atividade extracurricular. Essa grande gama de atividades incentiva a criatividade, a disciplina e a colaboração, elementos que são essenciais para o desenvolvimento pessoal e acadêmico, além de complementar diretamente a disciplina de arte.

Embora essa disciplina faça parte da matriz curricular como componente obrigatório, seu estudo contempla diferentes formas de expressão nas artes visuais, dança, música e teatro, desde a implementação da Lei nº 13.278, de 2 maio de 2016 (Brasil, 2016). Os conteúdos estruturantes são trabalhados de forma articulada nestas quatro áreas do conhecimento, contemplando elementos formais, composição, movimentos e períodos, bem como o tempo e o espaço. Utiliza-se a apreciação musical, não com o objetivo de ensinar instrumentos musicais ou musicalização, mas como conceito básico. No entanto, alguns profissionais que valorizam mais este conteúdo estruturante buscam aprofundá-lo, estimulando a prática executiva e promovendo a formação de conjuntos vocais e grupos instrumentais, como bandinhas rítmicas. Esses grupos desempenham um papel significativo na integração social, disciplina e enriquecimento das vivências musicais com instrumentos. Ademais, conforme esclarece Tourinho (1998):

Raramente pensamos nas semelhanças da música com outras áreas do currículo, mesmo pretendendo que elas venham a conviver e coexistir num mesmo espaço e sob ideais semelhantes. Assim “rezamos” sempre em torno de uma Trindade – quase santíssima – que, a um só tempo pregava e negava a si própria: 1) quero estar no currículo/não quero ser currículo; 2) defendo que a escola precisa de mim/não necessito da escola – além do espaço e do material que ela me ofereça, e 3) proponho-me a ser educadamente relevante/ não quero, nem preciso compartilhar com os mesmos compromissos da educação escolar (Tourinho, 1998, p. 173).

Em vista disso, Tourinho (1998, p. 173) destaca o vasto “mundo da música que engloba uma multiplicidade de formas de atuação (compor, interpretar, registrar, historiar, criticar, filosofar, acompanhar, construir, consumir, vender...) [...]”. A inserção ampla das quatro áreas no currículo da disciplina de Arte enfraquece essas áreas devido à grande quantidade de contextos que precisam ser abordados e compreendidos historicamente.

Isso resulta em uma sobrecarga de conteúdos, dificultando um aprofundamento adequado em cada uma dessas áreas, principalmente as formas de atuação musical, e gerando uma educação fragilizada pela própria formação do professor de Artes, dificultando sua atuação nas amplas áreas ofertadas pela disciplina. Segundo Zanon (2012, p. 128):

Os professores precisam ter um treinamento diferenciado. Cada região do País tem uma realidade diferente. O universo musical de cada criança é bem diferente. É muito importante investir na formação do professor para ele saber por onde começar e investir na afetividade dos pais para que eles também possam fazer parte desse processo.

Assim, ressalto mais uma vez, defendemos que as fanfarras e bandas na cultura escolar são um desdobramento vital do ensino de música nas escolas. Essas atividades extracurriculares não apenas complementam o currículo formal de artes, mas também desempenham um papel crucial na formação integral dos estudantes, promovendo habilidades como disciplina, trabalho em equipe e apreciação musical.

Consideramos, portanto, que a cultura escolar, ao integrar atividades como fanfarras e bandas, enriquece o ambiente educacional e proporciona aos alunos uma vivência prática da música. Isso não só complementa os conteúdos teóricos da disciplina de arte, mas também oferece uma aplicação concreta e significativa dos conceitos apreendidos.

Em um contexto em que o desenvolvimento de um projeto de atividade extracurricular seja de uma fanfarra e ou banda, a apreciação musical é enfatizada, essas atividades práticas complementam a gêneros musicais, permitindo que os alunos experimentem a música de

maneira direta e envolvente. Assim, a cultura escolar é onde a teoria e a prática se encontram, oferecendo uma formação mais holística e rica para os estudantes.

A cultura escolar, conforme discutido por Julia (2001), vai além de um local de aprendizado; ela representa um espaço onde os comportamentos são revelados e as práticas escolares são postas em prática. Julia (2001, p. 10), a escola organiza-se com:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos: normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Neste enfoque, a cultura que é transmitida para a aprendizagem e formação das fanfarras demanda um olhar de reconhecimento sobre o papel da cultura na escola. Percepção essencial para compreender o processo e a dinâmica do fenômeno da aprendizagem em grupo do ensino de música por meio de instrumentos de percussões e cornetas simples dentro das instituições de ensino público, sua cultura e influência na formação destes integrantes, através das fanfarras estudantis. Esses elementos têm valorização específica no interior da escola. Para Thompson (1998, p. 194), considerando as especificidades da pesquisa:

Os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas ideias. São as normas, as regras, expectativas, etc., necessárias e aprendidas (e ‘aprendidas’ no sentimento) no ‘*habitus*’ de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção necessária.

O autor enfatiza o que denomina de valores pensados e vividos, os quais alimentam as próprias relações e a vida em sociedade. Logo, a relevância deste estudo se centra em nosso interesse pela educação e pela cultura que se estabelece na escola como um todo, mas em particular, pelas fanfarras estudantis nesse contexto, o que nos motiva a refletir sobre a situação atual da prática dessas fanfarras, em particular da Fanfarras Estudantil Pólo, que funcionou no Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino Fundamental Médio e Profissional na cidade de Paranavaí/PR, até o ano de 2017.

Para entendermos o nosso objeto de estudo buscamos subsídios em outras pesquisas, como na dissertação de Silva (2014). Ele afirma que:

É perceptível que o ensino através da banda vai além do âmbito musical. Fatores como socialização, disciplina, organização, responsabilidade e compromisso são alguns dos aprendizados que podemos claramente citar através das aulas de música, ensaios e apresentações públicas. É comum ouvir depoimentos de alunos, ex-alunos e de familiares desses músicos de que a banda afetou significativamente suas vidas, ressaltando contribuições no nível cultural, intelectual, profissional e, sobretudo, pessoal (Silva, 2014, p. 1-2).

Com o sentido da socialização existente da ação prática da fanfarra, buscamos a conexão entre a cultura escolar e a formação da sociedade com a expectativa de explorar as contribuições que a formação de uma fanfarra possa ter, considerando a música como parte da formação humana dos estudantes que dela participaram e como parte da vida desta pesquisadora.

O foco desta investigação está direcionado na busca por compreender a importância da música como ferramenta mediadora da aprendizagem, no desenvolvimento e na formação integral do ser humano. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a história da Fanfarra Estudantil Pólo do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino Fundamental Médio e Profissional (EFMP) no período de 1998 a 2015 e suas contribuições para a formação humana e musical como parte da cultura escolar e desenvolvimento de crianças, jovens e adultos.

Os objetivos específicos da pesquisa são: a) analisar, em contexto sócio-histórico e cultural, as origens das fanfarras escolares e do estudo da música em escolas públicas paranaenses; b) compreender o processo histórico de criação da Fanfarra Estudantil Pólo, a sua relação com o currículo escolar e a sociedade; c) explorar memórias e representações sobre o processo de educação e formação da cultura musical promovidos pela Fanfarra Estudantil Pólo.

Desse modo, o estudo foi organizado de forma a apresentar o universo de possibilidades da Arte, Música e a relação com a Educação. Os procedimentos metodológicos consistem em pesquisa qualitativa com estudo bibliográfico (teses, dissertações e artigos). Para viabilizar a investigação, respondendo aos objetivos, busquei por teses e dissertações no banco de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Foi feita pesquisa de campo com questionário (Apêndice A) pelo *google forms*, com 13 perguntas, dirigido a ex-participantes da fanfarra, que na ocasião assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B). Foram recebidas 33 respostas nos meses de dezembro de 2023 e janeiro de 2024, formando o nosso grupo-amostra. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Unespar e aprovado sob nº 6.499.793 em 08/12/2023 (Anexo A). De acordo com Gil (2002, p. 115) o “questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não

exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato”. Nesta perspectiva, o questionário também favorece a análise dos dados no período proposto.

Conforme Chizzotti (1991, p. 84) “Na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio”. Minayo (2002, p. 15) explicita a pesquisa qualitativa como “[...] o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante”. Buscamos em teses, dissertações e artigos sobre a temática com base nos autores como Gil (2002), Minayo (2002) e Pinsky e Luca (2009).

Também realizamos levantamento de notícias relacionadas às fanfarras estudantis publicadas entre os anos 1998 e 2015 no periódico Diário do Noroeste, fotografando-as e catalogando-as. Foram localizadas 32 notícias. Para esse levantamento contamos com o auxílio de Ana Lara Granero, bolsista do Programa de Iniciação Científica – Ensino Médio (PIC-EM) da Unespar e estudante do Colégio Estadual Dr. Marins Alves de Camargo (EFMP). As notícias são fontes que utilizamos juntamente com atas, relatórios, revistas, fotografias, sites, blogs, entre outros. As fotografias de notícias foram organizadas no drive e disponibilizadas no blog do Núcleo de Catalogação, Estudos e Pesquisas em História da Educação (NUCATHÉ), constituindo um acervo documental sobre a temática história da educação e cultura escolar, a partir da Fanfarras e das memórias dos participantes.

Adicionalmente trabalharemos com fotografias, não pela simples imagem fotográfica, mas analisando a apropriação da imagem como artefato. Sendo assim, Pinsky e Luca (2009), apontam para aquilo que devemos ter sempre em mente quando incluimos as fontes visuais na pesquisa histórica.

Utilizar as fontes fotográficas para a pesquisa histórica, portanto, significa inicialmente entender que tamanha diversidade de usos, gerou arquivos e coleções (arquivos, museus, bibliotecas, etc.) mas, também nos seus locais de origem de produção ou no final do caminho de sua circulação. [...] o contexto da imagem fotográfica não é o seu conteúdo, mas o modo de apropriação da imagem como artefato (Pinsky; Luca, 2009, p. 34-35).

As fotografias eram comuns nas apresentações das fanfarras e são outra fonte de registro, visto que na sua grande maioria estes eventos ocorrem em áreas abertas, ou de grande movimentação de pessoas. Segundo Pinsky e Luca (2009, p. 49) “o ‘retratar-se’, é uma prática cultural que integra uma rede de comunicação e atua, como tantos outros processos, na regulação da sociedade”. Ao ocorrer o registro individual de aluno no meio de uma

apresentação, ou por vezes do coletivo recebendo a premiação em um campeonato o fato histórico fica demarcado, a exemplo disto percebe-se que muitos dos registros coletivos apresentam alunos que ora eram tímidos, ou com pouco envolvimento serem registrados em performances únicas e de grande desenvolvimento.

Os dados provenientes do questionário também forneceram apoio para analisar o objeto de estudo com base na história sociocultural, entretecendo o referencial teórico e histórico da Fanfarra Estudantil Pólo, considerando a música como parte da formação humana, das emoções, da memória e de aprendizagens escolares. Trabalharemos com fatos históricos pelos caminhos da história sociocultural e educacional.

A pesquisa delimitou-se na história da Fanfarra Estudantil Pólo no período de 1998, com a inclusão de instrumentos de metais e cornetas, e 2015 ano que ainda estivemos a frente da corporação, coordenando o projeto. Buscamos traçar um olhar das macros às micro relações socioeducacionais e culturais que se estabelecem a partir da fanfarra no interior da escola e na sociedade, observando as relações sócio-históricas e culturais que a escola estabeleceu com os participantes da fanfarra, de forma direta (compondo a fanfarra) e de forma indireta (a sociedade que admirava suas apresentações).

Com base nas questões de pesquisa investigamos a fundo o resultado do trabalho dos professores e alunos da Fanfarra Estudantil Pólo, analisando em contexto sócio-histórico e cultural os ensaios, as apresentações, desfiles, registros em documentos sobre os concursos que ocorreram no período, relacionando as origens das fanfarras escolares e do estudo da música em escolas públicas paranaenses.

Através da rica dinâmica de socialização proporcionada pela prática da fanfarra, buscamos estabelecer conexão entre o ensino e a arte, em especial a música, que são intrínsecas à cultura escolar e fundamentais na formação da sociedade. Nesse contexto, visamos explorar os diversos benefícios que uma fanfarra pode oferecer, reconhecendo a música como um componente vital da formação humana dos estudantes. É neste sentido que percebemos historicamente, o ensino de música na educação brasileira, conforme Petraglia (2012, p. 64) afirma que:

[...] Muitas atividades compõem o processo de musicalização e talvez as mais importantes sejam: o desenvolvimento vocal, o desenvolvimento rítmico-motor, o desenvolvimento da audição, o aprendizado instrumental, a prática musical conjunta, o processo criativo, a apreciação das manifestações universais da música (e sua relação com as diferentes culturas e períodos históricos) [...].

E é por apresentar a prática musical conjunta que enfocamos nestas produções de arte e música no ambiente escolar, onde as fanfarras e bandas estudantis representam uma tradição educacional em que a música se insere no processo educacional, em particular dos resultados dos trabalhos da Fanfarras Estudantil Pólo no contexto sócio-histórico e cultural, e as origens destas corporações musicais. Perfazendo o movimento histórico do fortalecimento das fanfarras. A pesquisa desenvolvida por Silva (2014, p. 14) indica que “a partir da década de 1960, desenvolve-se no Brasil o movimento das oficinas de música, tendo o ensino criativo maior importância [...]”. Sobretudo, o autor explicita sobre o movimento das oficinas de música:

Essa teoria que privilegia procedimentos e aspectos da música contemporânea erudita foi desenvolvida no Brasil inicialmente no Rio de Janeiro, Salvador e em Brasília. Difundida inicialmente nas universidades e institutos de música, teve em Brasília uma presença na escola regular. Além disso, nos currículos dos cursos de Licenciatura em Educação Artística foram incluídas essas propostas. Nessa proposta o aluno passa a ser considerado um inventor, improvisador, compositor. Suas expressões próprias devem ser valorizadas ao máximo. O professor deixa de ser um estimulador do processo de desenvolvimento desse aluno, questionando, informando e incentivando os mesmos a se expressarem criativamente (Silva, 2014, p. 14-15).

Nessa perspectiva histórica do estudo das fanfarras há pesquisadores que destacam a relação entre o surgimento das fanfarras e aprendizagens em grupo musical (Amorim, 2020; Félix, 2013; Loureiro, 2001; Silva, 2014). Amorim (2020, p. 50) destaca que “a história das bandas de música escolares remonta, principalmente, à chegada dos primeiros salesianos ao Brasil, em 14 de julho de 1883, período de transição da Monarquia para a República”.

Vale expressar que em várias regiões no país é pelas fanfarras que chega o aprendizado inicial da música para muitas crianças e jovens, pela troca de experiências e de conhecimentos. As relações sociais podem modelar comportamentos para além do ensino entre os ‘pares de naipes’ de um determinado instrumento e ‘formam caráter’, na proporção em que ações reforçam valores, atendem a necessidades socioculturais e respondem a expectativas individuais.

Forma-se também uma memória afetiva que une as pessoas em torno de projetos educacionais e de vida. A memória, segundo Le Goff (2003, p. 477) está “[...] onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. As fanfarras estudantis proporcionam, na maioria das vezes, a primeira opção de contato formal que os alunos crianças e jovens têm com a música e com a prática instrumental. Ora pelo incentivo e convite de outros amigos, ou por vezes pelo entusiasmo de assistirem a uma apresentação, movidos pela vontade em participar, não raro não percebem que ingressaram no

aprendizado musical, resultado este da cultura escolar, a qual é moldada por diversas tradições e abrange um contexto complexo.

É tanto processo quanto resultado das experiências dos sujeitos envolvidos. Aprofundamos, por Escolano Benito (2017, p. 202), umas das designações que se aproximam dos ‘padrões da cultura escolar’: as atitudes, os gestos e as formas retóricas. “A escola foi uma das instituições culturais de maior impacto no mundo moderno”. Na conformação desta cultura escolar se envolve a construção e compartilhamento de significados, assim como disputas entre os atores que compõem o ambiente escolar e a sociedade organizada. “As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras” (Chartier, 2002, p. 27).

Portanto, a escola tem um papel fundamental ao validar e criar representações sociais, contribuindo para a formação de padrões e processos de integração social que são assimilados e redefinidos diariamente pelos estudantes, professores e comunidade, tanto interna quanto externa à instituição escolar. No contexto das tradições escolares, a fanfarra se espalha pelas cidades e as pessoas constroem representações sobre ela. Não raro, ex-alunos relatam lembranças sobre alguma atividade envolvendo a fanfarra, uma marca indelével em suas vidas. Essa presença marcante é permeada de sentimentos e é transformada constantemente por meio das ações, influenciando a sociedade como um todo.

A história da escola, portanto, é formada por permanências e mudanças e “Como instituição, a escola abriga entre seus muros situações e ações de copresença, que resultam em interações dinâmicas” (Escolano Benito, 2017, p. 77). Outrossim, compreender o processo histórico de criação da Fanfarra Estudantil Pólo, a sua relação com o currículo escolar e a sociedade reverbera em flutuar no contexto significativo para os alunos participantes, professores e para toda a comunidade que entre os anos de 1998 a 2015 pôde de certa forma, fazer sua parte. A chegada da Fanfarra, com seus sons e representações, exemplifica a presença vibrante e significativa da música, que ela traz para a vida das pessoas. De acordo com pesquisa de Loureiro (2001, p. 115),

No processo educativo musical, nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado no quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos. E, nesse sentido, a música pode produzir um estado de maior flexibilidade, abrindo caminhos para um fluxo amplo de idéias, de fantasias, estreitando laços nas relações sociais, estimulando a criatividade nos indivíduos e nos grupos.

Portanto, a escola não age em um vazio cultural, mas em uma situação de grande densidade cultural, e trocas de experiências acumuladas, da ampla oportunidade de entrelaçamento das relações sociais, ou seja, as ações humanas provocam mudanças. Segundo, Thompson (1998, p. 189), as pessoas:

[...] experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral.

Explorar as memórias e representações sobre o processo de educação e de formação da cultura musical promovida pela Fanfarra Estudantil Pólo, ilustra o que tem de resultado pelos interesses da escola enquanto organização oficial de ensino. Esta faz parte de um processo dinâmico do desenvolvimento humano, tem o poder tanto de reproduzir o antigo como de abrir possibilidades para a construção do novo, impactando a vida dos alunos e seu processo de escolarização. Essa experiência emana influência em diversos aspectos, como o comportamento em sala de aula e comprometimento com os estudos.

A fanfarra também contribui para a integração com a sociedade, desempenhando funções, conforme destaca a pesquisa realizada por Félix (2013, p. 47) em sua dissertação:

As bandas desempenham diversas funções musicais em uma sociedade, entretanto destaco cinco funções segundo a listagem de Allan Merriam: função de comunicação; função de impor conformidade às normas sociais; função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura; função de contribuição para a integração da sociedade; função de divertimento, entretenimento [...] destacar que o som é produzido por uma “pessoa” para outra “pessoa” [...] depende tanto de quem produz como de quem escuta, de modo que, essa relação, pressupõe a função de comunicação. A banda lança o som sobre a cidade alcançando diversas pessoas, que compartilham, como ouvintes, dessa prática musical.

Dessa forma, a significância do som que a fanfarra produz não reside apenas na sua fonte, mas também na sua recepção e interpretação pelo indivíduo. Essa dinâmica dual entre quem produz e quem escuta é fundamental para compreendermos a complexidade da comunicação sonora e o seu impacto na experiência humana.

Nesta pesquisa, exploramos o impacto da experiência humana, fundamentando nossa abordagem na Nova História que tem suas raízes na Escola dos Annales, com Bloch (2001, p. 17) que relata “diferentemente de outros tipos de cultura, a civilização ocidental sempre esperou

muito de sua memória” entre outros precursores. Nosso estudo se baseia em teóricos como Roger Chartier (2002), Jacques Le Goff (2003) e Edward Palmer Thompson (1998), entre outros, enquanto investigamos os sujeitos sociais e analisamos o papel da escola, da legislação e dos participantes das fanfarras estudantis paranaenses.

Explorar o percurso histórico da Fanfarra Estudantil Pólo não apenas enriqueceu nosso entendimento da história, mas também ressaltou a importância das relações e das memórias escolares que moldam a identidade da comunidade à qual a fanfarra pertenceu. Essa identidade é revelada tanto por meio de documentos quanto pelas próprias pessoas envolvidas. Fortalecendo a trajetória histórica, neste universo de possibilidades da música como instrumento pedagógico, encontra-se a arte e os desdobramentos para a música na história, perpassando pela música na escola e sua utilização como instrumento de aprendizagem influenciando para a vida. De acordo com Muszkat (2012, p. 69) “a exposição precoce à música além de facilitar a emergência de talentos ocultos, contribui para a construção de um cérebro biologicamente mais conectado, fluido, emocionalmente competente e criativo”.

Assim, buscando entender um pouco mais sobre o ensino de música na escola este estudo agrega reflexões diversas de pesquisadores e estudiosos, na segunda seção trabalharemos sobre Arte, Música e Educação nas Legislações Educacionais. Para a realização da pesquisa, buscamos a conexão entre a música e a cultura escolar, tendo como base a música nas relações socioeducacionais afetas ao ensino e a formação humana dos estudantes participantes de fanfarras escolares.

E sobre a formação e atuação deste professor, Souza (2016, p. 12)

Na prática pude constatar que o problema não se restringe apenas à presença ou ausência, do Educador Musical, mas à falta de compreensão e informação da sociedade em geral. A consequência disso é a desvalorização do ensino musical como área de conhecimento nas escolas. Notei várias vezes que as aulas de música não eram tão importantes quanto a considero, entre elas posso destacar: a valorização das festas e comemorações sem a consulta de repertório apropriado às crianças; a substituição das aulas por outras atividades; atribuição ao ensino de música valores alheios à área de conhecimento, como por exemplo, o efeito calmante da música sobre as crianças ou sua capacidade de facilitar a aprendizagem de outros conhecimentos, enfim, uma série de indicativos que me levou a questionar sobre a real importância atribuída pelas escolas à disciplina de música.

Percebemos ser um desafio, a falta de compreensão e informação por parte da sociedade em geral, mesmo no contexto escolar, sobre a compreensão do ensino de música, existe uma subvalorização do estudo musical, como uma área de conhecimento nas escolas, conforme

explicita Souza (2016). É importante que se compreenda o papel essencial da música na formação dos estudantes, mesmo que faltem profissionais para o ensino de Música, outros projetos extracurriculares podem diminuir o distanciamento deste conhecimento.

Esta pesquisa inicia-se na **primeira seção**, com a introdução traçando aspectos para a análise do tema proposto e do percurso histórico da pesquisadora, resgatando experiências iniciais com o ensino de música na escola durante a infância.

Na **segunda seção**, cujo objetivo é “analisar, em contexto sócio-histórico e cultural, as origens das fanfarras escolares e do estudo da música em escolas públicas paranaenses”, são abordados temas relacionados à Arte, Música e Educação nas Legislações Educacionais, explorando a presença da arte e música no âmbito escolar, bem como os projetos extracurriculares correlatos. As principais fontes que embasam essa seção são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental – Arte, o Referencial Curricular do Paraná: Arte, dentre os estudiosos Bellochio (2000), Breim (2012), Brécia (2003), Favaretto (2012), Félix (2013), Fonterrada (2012), Gardner (1995), Jordão *et al.* (2012), Loureiro (2001), Louro (2012), Machado (2012), Molina (2012), Muszkat (2012), Petraglia (2012), Salles (2012) e Silva (2014).

A **terceira seção** teve como objetivo “compreender o processo histórico de criação da Fanfarra Estudantil Pólo, a sua relação com o currículo escolar e a sociedade”. Investiga-se como a participação nesse grupo musical influenciou o desenvolvimento dos integrantes, tanto academicamente quanto em sua vida pessoal. Também são analisados os efeitos da fanfarra na Comunidade Escolar e no ambiente de aprendizagem, observando como a música e o trabalho em equipe conformaram a experiência educacional dos jovens envolvidos. Descrevendo sua estrutura física e o histórico de conquistas. São apresentados resultados significativos de um questionário online sobre as memórias e representações sociais relacionadas à fanfarra. As principais fontes que embasam essa seção são Julia (2001), Pedrosa (2007), Santos (2016), Silva (2014), Vilela (2012) e documentos como o Regulamento Nacional de Bandas e Fanfarras 2023, Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras (Funarte, 2024) e Federação Estadual de Fanfarras e Bandas (2023), dentre outros.

Na **quarta seção** com o objetivo de “explorar memórias e representações sobre o processo de educação e formação da cultura musical promovidos pela Fanfarra Estudantil Pólo” o trabalho explora as transformações proporcionadas pela Fanfarra Estudantil Pólo, a partir de relatos proporcionam reflexões sobre a escolha profissional de integrantes, que se tornaram instrutores de fanfarras e bandas em diferentes municípios, alguns cursando faculdade de música e atuando em secretarias de cultura, institutos de música e conservatórios. As principais

fontes que embasam essa seção são o Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – EFMP (2021 e 2023), Periódico Jornal Diário do Noroeste (1998), dentre os autores, Amorim (2020), Severino (1998), Silva (2014) e Storck (2001).

**Na quinta seção**, com as “Considerações Finais” buscamos apresentar as práticas de ensino de música instrumental nas escolas de educação básica e suas limitações, outrossim apresentando as oportunidades, principalmente em projetos extracurriculares como bandas rítmicas e fanfarras de percussão. Os desafios encontrados como altos custos, falta de profissionais qualificados e dificuldades de manutenção. As fanfarras se destacam como uma alternativa viável, oferecendo um bom custo-benefício e desenvolvimento rápido de habilidades musicais, além de promover o engajamento dos alunos. Assim, conclui-se que as fanfarras são essenciais para a formação integral dos estudantes, estimulando o aprendizado musical e o desenvolvimento pessoal e social, e devem receber o reconhecimento e apoio necessários para seu fortalecimento nas escolas públicas da educação básica.

PP IFOR

## 2 ARTE, MÚSICA E EDUCAÇÃO NAS LEGISLAÇÕES EDUCACIONAIS

A arte está presente na vida de todos os seres humanos. Tem a capacidade de alterar nosso estado de espírito, interfere na emoção, e conseqüentemente em nosso corpo, nossa mente e alma. Uma das primeiras referências que conhecemos sobre a arte são as pinturas de nossos ancestrais nas cavernas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Arte (PCN) “[...] O homem que desenhrou um bisão em uma caverna pré-histórica teve de aprender e construir conhecimentos para difundir essa prática. E, da mesma maneira, compartilhar com as outras pessoas o que aprendeu” (Brasil, 1998, p. 20).

A arte vai além da simples manifestação de sentimentos; é primordialmente uma linguagem em si. Surgiu muito antes da capacidade de escrita humana, como a conhecemos hoje, evidenciada pela expressão nos desenhos rupestres. Como componentes intrínsecos à jornada histórica da humanidade, a arte, a música e a educação desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento cultural, intelectual e emocional das pessoas e das comunidades ao longo da história das civilizações.

Neste contexto é importante analisarmos a intersecção desses três pilares: a Arte, a Música e a Educação. A arte e a música podem enriquecer e potencializar o processo educacional, a música é arte e pode incluir elementos como harmonia, ritmo, melodia, timbre, entre outros, para evocar emoções, transmitir mensagens e contar histórias. A arte é um termo mais abrangente que engloba uma variedade de formas de manifestações, incluindo pintura, escultura, literatura, dança, teatro, cinema, entre outras. Investigamos estes pilares e a influência exercida no projeto e na história da Fanfarra Estudantil Pólo do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto (EFMP), analisando as suas contribuições para a formação humana e musical como parte da cultura escolar no período de 1998 a 2015.

A **Arte**, como elemento geral, é uma manifestação que transcende barreiras linguísticas e culturais. Ela abrange uma ampla gama de formas, como pintura, escultura, dança, teatro e muitas outras manifestações criativas. Através da arte, somos capazes de comunicar ideias, emoções e perspectivas, permitindo-nos explorar e compreender o mundo de maneiras únicas. Além disso, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) supracitados a arte proporciona um espaço para a imaginação e a experimentação, encorajando a criatividade e o pensamento crítico (Brasil, 1998).

A proposta delineada nos PCN de Arte busca ressaltar os elementos fundamentais da expressão e da apreciação estética dos alunos, assim como a abordagem da assimilação de

conhecimentos cruciais para a cultura do cidadão moderno. As oportunidades de aprendizado artístico, dentro e fora do ambiente escolar, promovem uma vasta gama de concepções favorecendo novas expressões e comunicação, desenvolvimento da criatividade, desenvolvimento da sensibilidade, autoconhecimento, autoexpressão, pensamento crítico e reflexão, valorização da cultura e a diversidade, enriquecendo a formação do estudante como cidadão, aprofundando as conexões dos indivíduos tanto com seu mundo interno quanto externo. Ainda segundo este documento:

O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de ideias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico (Brasil, 1998, p. 19).

Ao analisar a história do ensino de Arte no Brasil, é possível identificar a integração de diversas orientações relacionadas aos seus objetivos, à formação e atuação dos professores, e principalmente às políticas educacionais, bem como aos enfoques filosóficos, pedagógicos e estéticos. A preocupação em delimitar o espaço dessa disciplina no currículo escolar, compreender as tendências pedagógicas e estéticas predominantes nas práticas artísticas permitem aprofundar o conhecimento sobre o conteúdo de música integrado ao ensino de Arte em contexto histórico, e o conjunto de fatores que possa ter influenciado a situação atual.

Mesmo os PCN de Arte abrangendo as abordagens deste ensino no século XX faz-se necessário

[...] lembrar que, desde meados do século XIX, já se encontram referências a matérias de caráter artístico introduzidas na educação escolar pública brasileira (por exemplo, em 1854, foi constituído, por decreto federal, o ensino de Música, abrangendo noções de música e exercícios de canto) (Brasil, 1998, p. 23).

O mesmo documento revela, ainda que entre as décadas de 1920 e 1970, que muitas escolas brasileiras experimentaram diferentes abordagens no ensino e aprendizagem de Arte, fortemente influenciadas pela estética modernista e fundamentadas em tendências pedagógicas e psicológicas características desse período.

Nesse contexto, o ensino de Arte passou a se concentrar no desenvolvimento intelectual do ser humano e do aluno em específico, levando em consideração suas necessidades e

aspirações, valorizando suas formas de expressão e compreensão do mundo. As práticas pedagógicas, antes diretivas e focadas na repetição de modelos e na figura do professor, foram revisadas, “[...] deslocando-se a ênfase para os processos de desenvolvimento do aluno e sua criação” (Brasil, 1998, p. 24).

Ainda segundo pesquisa de Jordão *et al.* (2012, p. 19):

O Brasil possui registros que mostram que já nos tempos da colonização, os jesuítas ensinavam música às crianças e jovens. Não somente em caráter catequizador, essa prática se dava também como ferramenta de auxílio ao ensino da leitura e da matemática. Além disso, eles ensinavam a utilização de instrumentos de corda e sopro. Ao que parece, desde sempre, a música foi considerada um instrumento de educação em diferentes situações no país.

A **Música**, por sua vez, demanda uma compreensão aprofundada da importância de traçar um panorama histórico do ensino musical no Brasil, no entanto, no período mencionado por Jordão *et al.* (2012), os jesuítas desconsideraram o potencial dos povos nativos. Neste sentido a metodologia utilizada não era genuinamente criativa. Mas, algumas tendências educacionais passadas ainda influenciam na formação de professores e na prática do ensino de música nas escolas. O ensino da música na escola na década de 1930, segundo Félix (2013, p. 83), reafirma que provavelmente ocorreram outros processos do ensino da música vinculados à escola “porque também é o período que demarca o surgimento dos cursos de Pedagogia no Brasil”. De acordo com Loureiro (2001, p. 54), o projeto de modernização da sociedade brasileira foi

[...] inaugurado com a Revolução [1930], tem na escola um de seus alicerces. A nova escola, capaz de formar o cidadão brasileiro para a sociedade industrial em vias de implantação no país, alicerçando-se nos princípios da Escola Nova, afirmava a importância da arte na educação para o desenvolvimento da imaginação, intuição e inteligência da criança e recomendava a livre expressão infantil.

Porém, entre as décadas de 1910 e 1920 já eram observadas as primeiras manifestações de um ensino musical mais estruturado, reconhecido como canto orfeônico. O termo “orfeão” (*orpheón*) foi utilizado pela primeira vez em 1833 por Bouquillon-Wilhem, um educador de canto nas escolas de Paris. Faz referência a Orfeu, o lendário poeta e músico da mitologia grega, filho da musa Calíope e de Apolo. Orfeu era conhecido como o músico mais talentoso que já existiu, capaz de encantar pássaros e animais selvagens com o som de sua lira, além de fazer com que as próprias árvores se inclinassem para captar suas melodias no vento.

O canto orfeônico tem suas origens na França, no início do séc. XIX, quando era uma atividade obrigatória nas escolas municipais de Paris. É um canto coletivo, de características próprias, no qual se organizam conjuntos heterogêneos de vozes. A prática do canto orfeônico não exige conhecimento musical ou treinamento vocal prévio. [...] Muitos acreditam que Heitor Villa-Lobos foi pioneiro nesta prática no Brasil. Mas foram os educadores João Gomes Júnior e Carlos Alberto Gomes Cardim, que atuaram na Escola Caetano de Campos, na capital paulista, e os irmãos Lázaro e Fabiano Lozano, com atividades junto à Escola Complementar (posteriormente, Escola Normal) em Piracicaba, os primeiros a estabelecerem o canto orfeônico no ensino (Jordão *et al.*, 2012, p. 20).

O propósito do método que eles adotaram era revolucionar a educação musical fornecida pelos conservatórios e, ao introduzir a música no sistema de ensino público, tornar o conhecimento musical mais acessível e difundido. Entretanto, é essencial examinarmos o canto orfeônico como parte integrante das novas propostas que surgiram no Brasil nos âmbitos político, cultural e educacional, sendo considerado um elemento fundamental na formação e disseminação da ideologia nacionalista naquela época. Esse fenômeno não apenas apoiou a criação do Estado Nacional Brasileiro, mas também os novos princípios educacionais defendidos pelo movimento da Escola Nova.

Antes de chegar ao conhecimento de Anísio Teixeira, as concepções de Villa-Lobos sobre o Canto Orfeônico, começaram a ser difundidas no estado de São Paulo em 1930, após a volta do compositor de uma temporada na Europa.

[...] cidade onde o compositor se instalou após a chegada de uma temporada na Europa. Juntamente com outros músicos com os quais compartilhava seus pensamentos como Guiomar Novaes, Souza Lima e Antonieta Rudge, Maurice Raskin, Nair Duarte e Lucília Villa-Lobos, pianista e sua esposa, Villa-Lobos realizou cerca de 50 apresentações em cidades do interior paulista, todos com o apoio do interventor João Alberto. Seus contatos políticos tiveram grande importância em sua trajetória profissional (Jordão *et al.*, 2012, p. 20).

O regente Heitor Villa-Lobos, na década de 1930, empreendeu uma reforma abrangente no ensino musical. Como resultado, foi estabelecida a disciplina de Canto Orfeônico, que passou a ser incorporada no ensino. Segundo Villa-Lobos (2023, p. 143-144)

O fato mais importante da atualização do ensino de música e canto orfeônico, é o constatar-se nos relatórios que recebemos de todas as escolas do Distrito Federal, públicas e particulares, a incontestável transformação dos hábitos e atitudes dos escolares. [...] Os resultados que já se vem colhendo, fazem esperar que dentro de 3 a 4 anos a música popular, mesmo a que se canta nos dias de carnaval será uma verdadeira manifestação de arte popular.

A música, então estaria a serviço de algo maior: a popularidade. Pelo Decreto 19.890/1931, a música foi levada para as escolas brasileiras de forma obrigatória. Sobre as práticas orfeônicas, e acesso a música, relata Jordão *et al.* (2012, p. 21)

Os ideais de Villa-Lobos – e até mesmo das práticas orfeônicas anteriores – como o seu aspecto coletivo, a democratização do acesso à música e ao seu ensino por todas as camadas sociais, e a utilização da música como fator de influência na construção do caráter de cada indivíduo, estavam diretamente em concordância com os objetivos da Escola Nova. Segundo o próprio Villa-Lobos, “só a implantação do ensino musical na escola renovada, por intermédio do canto coletivo, seria capaz de iniciar a formação de uma consciência musical brasileira”. A posição de Villa-Lobos como diretor da SEMA é considerada o primeiro passo para a implantação efetiva do seu plano em todo o país.

Em certa medida, refletiu as tendências e métodos que já estavam sendo adotados na Europa, “[...] neste novo contexto, a música deveria ser sentida, tocada e dançada, além de somente cantada, como acontecia até então, na prática do canto orfeônico” (Jordão *et al.*, 2012, p. 24), através da Superintendência de Educação Musical e Arte do Distrito Federal (SEMA), criada em 1932 por Anísio Teixeira. O Canto Orfeônico não apenas oferecia orientações musicais, mas como explicita Bellochio (2000, p. 83) “[...]uma atividade voltada para os processos de desenvolvimento musical, esteve voltado para um serviço moral e de formação cívica respondendo aos anseios da exacerbação nacionalista[...]”.

O Canto Orfeônico acabou transformando as aulas de música em um estudo teórico baseado nos aspectos matemáticos e visuais do código musical, com a memorização de peças orfeônicas que, refletindo a mentalidade da época, possuíam caráter de educação cívica. As memórias sobre esse período são escritas na pesquisa de Breim (2012, p. 174):

Eu cheguei a pegar o final do canto orfeônico. Ficou na minha memória a primeira vez que o professor foi pra lousa, foi pra explicar notação e explicava isso matematicamente: essa figura é o dobro dessa e metade daquela. Isso não é música, é matemática, matemática usando símbolos da música. Quando dou cursos de formação de educadores musicais, procuro propor como um eixo preferencial, primeiro perceber, depois conceituar, depois anotar, notação vem no final e tudo pode acontecer na mesma aula.

Atividades dessa natureza eram frequentes até meados do século XX. Segundo Fonterrada (2012, p. 106) “[...] chegou até mais ou menos à década de 1950, com propostas bem diferentes que quebraram o paradigma anterior”. Nas décadas de 1960 e 1970 (período ditatorial no País) o ensino de música passou por renovação, com propostas pedagógicas lideradas por educadores e compositores.

Fonterrada (2012, p. 98), exemplifica

Talvez pelo fato de comporem, ou por estarem atentos à renovação que se fazia no âmbito da composição musical, esses músicos viam a educação musical de maneira diferente da de seus antecessores; estavam menos interessados em produzir executantes musicais competentes, do que em incentivar a prática da criação e da improvisação musical. [...] Essa linha de trabalho demorou algum tempo para entrar no Brasil em âmbito amplo, embora haja exemplos significativos de sua presença em âmbito restrito. Talvez não tenha atingido um público amplo de educadores, pelo fato de estarmos, à época, passando por uma crise no ensino de música, motivada pela alteração da Lei que regia a educação no País, que determinou que a música deixasse de ser disciplina curricular e fosse considerada atividade, junto às demais áreas artísticas.

Nesse período a ênfase do ensino musical mudou. De formar músicos tecnicamente competentes para incentivar a criatividade e a improvisação. Entendemos o que expôs Fonterrada (2012), os educadores estavam mais interessados em estimular os alunos a explorar sua própria musicalidade, promovendo a prática da composição e da improvisação, ao invés de focar exclusivamente na habilidade de executar obras existentes com precisão. Neste período ocorreu o surgimento de muitas bandas e fanfarras, inclusive os festivais. De acordo com Loureiro (2001, p. 66)

Como acontece em todos os regimes autoritários, a escola é alvo de atenção especial, em virtude de seu importante papel no campo da inculcação ideológica. Desta forma, em 1971, o governo militar promulga uma nova lei de ensino (lei nº 5692/71), imprimindo uma nova **organização** à educação escolar de nível primário e médio no país.

Conforme a nova política educacional, o papel da escola passou a ser formar recursos humanos considerados essenciais para o que se dizia ser progresso do país. Essa diretriz gerou mudanças nos currículos escolares, com a crença de que era possível cultivar a sensibilidade artística e o apreço pelas manifestações estéticas através da educação. Para Loureiro (2001, p. 67) “Essa preocupação provoca alterações no currículo das escolas. Entre estas modificações, a disciplina Música passa a integrar, juntamente com as Artes Plásticas e o Teatro, a disciplina Educação Artística, estabelecida pela Lei nº 5.692/71, em seu Art. 7º.” Havia a valorização de todas as artes, “O agrupamento dos conteúdos (artes cênicas, artes plásticas, música e desenho), não deveria privilegiar nenhuma das áreas do conhecimento artístico” exemplificam Jordão *et al.* (2012, p. 24).

Mas, a música ficou limitada às atividades extracurriculares. Passou a ser utilizada principalmente em festas, comemorações e formaturas, perdendo assim sua função como uma

linguagem artística, mas de proporcionar um contato verdadeiro com o conhecimento. Somente com a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) nº 9.394/1996, as artes foram reintegradas ao currículo visando promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Reforçam Jordão *et al.* (2012, p. 25), que: “Em uma análise macro sobre as mudanças no sistema educacional, a nova LDB e os PCN representaram uma verdadeira revolução na educação”.

Apesar da nova Lei, a Educação Artística continuava a ter as práticas pedagógicas mais valorizadas para o ensino das artes plásticas. O ensino da música, por não ser obrigatório, não recebeu a mesma atenção e prioridade nos currículos escolares. Em 2006,

[...] novas vozes surgem para renovar a discussão da música e sua relação com a educação, com a criação do Grupo de Articulação Parlamentar Pró-Música, formado por 86 entidades do setor, entre elas: Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), Associação Brasileira da Música (ABM), Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Música (ANPPOM), Instituto Villa-Lobos, universidades, escolas de música, sindicatos, artistas e representantes da sociedade civil (Jordão *et al.*, 2012, p. 27).

Esse movimento foi fortalecido dois anos depois, quando a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), teve o seu artigo 26 alterado pela Lei nº 11.769/2008 (Brasil, 2008), instituindo a música como conteúdo obrigatório no currículo,

[...], porém não exclusivo do ensino da Arte na Educação Básica. O grande desafio é encontrar quantitativo de profissionais qualificados em música suficientes para que o seu ensino nas escolas possa efetivamente ser implantado. Deve se levar em consideração as adequações e recursos que a escola dispõe, para que essas aulas aconteçam de forma satisfatória (Silva, 2014, p. 17).

Se por um lado havia a legislação que garantia o ensino de música na escola, por outro, não havia profissionais qualificados para ensinar música nas escolas. Apesar da música ser uma linguagem que transcende fronteiras e conecta as pessoas em um nível emocional profundo, integrando corpo e alma, haveria necessidade de formar professores para ensiná-la no ambiente escolar, bem como ter espaços e uma organização própria da escola para que isso pudesse acontecer. Nesse sentido, o pesquisador Machado (2012, p. 165) explicita que havia duas categorias de profissionais: os “especialistas” e os “generalistas” criando dificuldades para incluir esses profissionais na escola. O autor chama a atenção também para o processo formativo desse professor em conjunto com as políticas nacionais e estaduais para a área.

No estado do Paraná, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi tema de discussões em 2019, momento em que foram reorganizadas as Propostas

Pedagógicas Curriculares (PPC) da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, a partir do Referencial Curricular do Paraná: Arte. Explicitou-se que:

O Componente Curricular Arte apresenta-se na BNCC e nas Diretrizes Curriculares Nacionais, como parte da Área de Linguagens. A partir das diferentes linguagens verbais e não verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporais, visuais, sonoras e digitais, pretende-se proporcionar aos estudantes que se expressem e partilhem informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, produzindo sentidos que os levem ao diálogo, para atuarem criticamente frente a questões contemporâneas (Paraná, 2020).

O Referencial Curricular do Paraná detalhou os conteúdos para cada disciplina em cada ano do Ensino Fundamental. No ano de 2020 foi a vez de se elaborar o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP). O intuito era fortalecer o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando maior clareza dos conteúdos para o alcance dos objetivos de aprendizagem, consolidando e padronizando as práticas educativas na rede estadual. Atualmente encontra-se disponível no site Escola Digital Professor, a versão do CREP que ficou consolidada no ano de 2021, utilizado como orientador da construção da Proposta Pedagógica Curricular (PPC), divididos por disciplinas, buscando uma melhor organização do trabalho pedagógico, assim como as decisões metodológicas dos professores e os processos de avaliação, neste sentido o CREP (2021, p. 3) apresenta “[...]competências gerais, e também específicas, de cada componente, bem como reflexões sobre metodologias que potencializam as aprendizagens e o processo avaliativo formativo dos estudantes”.

Em relação às temáticas trabalhadas na disciplina de arte, sobre a temática Música

[...] os(as) estudantes vivenciarão a Música de maneira sensível, lúdica e criativa. Ao se apropriarem dos elementos do som (escuta ativa, cantar, tocar, construir, criar, pesquisar, analisar etc.), desenvolverão noções sobre duração, altura, intensidade, densidade e timbre. Por conseguinte, entenderão que esses elementos combinados resultam nos elementos da música: Ritmo, Melodia, Harmonia, Dinâmica e Orquestração. Serão capazes também de compreender como se dá o discurso musical (CREP, 2021, p. 11).

Contudo, com a pandemia de COVID-19 houve suspensão das aulas presenciais e a adoção do ensino remoto. O novo formato possibilitava aos estudantes da educação básica continuarem suas atividades escolares utilizando recursos educacionais, *online* e *offline*, interrompendo as práticas presenciais. A defasagem ocasionada pela interrupção súbita das atividades escolares e adoção de medidas emergenciais, levou a criação de plano de recuperação da aprendizagem, em 2020, pela Secretaria de Estado da Educação e do Esporte: denominou-

se de “Caderno Currículo Priorizado”. Esse documento orienta a retomada das atividades na rede estadual com um guia para ações pedagógicas docentes centradas na priorização de conteúdos considerados como essenciais. O documento apresenta:

[...] subsídios pedagógicos, elencando os conteúdos essenciais para cada etapa da Educação Básica nos diferentes componentes curriculares e/ou disciplinas. Os conteúdos essenciais são os que estruturam a base para a progressão da aprendizagem dos/as estudantes nos anos posteriores. Associado a esses conteúdos, foram elencados os conhecimentos prévios necessários à continuidade do processo da aprendizagem (Paraná, 2020, p. 2).

No cenário atual, foi instituído o Livro Registro de Classe Online (LRCO), pela Resolução n.º 3.550/2022 GS/SEED, como documento eletrônico para o registro on-line de frequências, conteúdos/planejamentos e avaliações dos estudantes. É ofertado como um planejamento acessível, essa plataforma oferece aos professores planos de aula detalhados, adaptados às disciplinas e séries que lecionam, incluindo sugestões pedagógicas e orientações metodológicas. Os planos de aula são estruturados de forma a facilitar a organização do trabalho docente, sendo categorizados por tema, conteúdo, conhecimentos prévios e objetivos de aprendizagem. Além disso, estão divididos por trimestres e abrangem não apenas os conteúdos essenciais, mas também informações e atividades complementares que enriquecem o processo educativo. A ferramenta online disponibiliza alguns outros recursos, como links para videoaulas, apresentações em slides e listas de exercícios, que podem ser personalizados ou ampliados com materiais adicionais conforme a necessidade do professor.

Disponível também no site Escola Digital Professor, adicionalmente, o Registro de Classe Online + Aulas (RCO+Aulas) um espaço dedicado à avaliação das aulas ministradas, permitindo que o educador reflita sobre sua prática e busque constantemente aprimorar suas abordagens pedagógicas. Essa funcionalidade torna o módulo uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento profissional dos docentes e a eficácia do ensino, inclusive sendo realizada seleção de professores que se inscrevem para serem revisores destas aulas.

Sobretudo incorrem diversas situações como dificuldades de acesso à conectividade à internet durante a ministração das aulas dificultando o acesso a plataforma, capacitação insuficiente, critérios de avaliação ambíguos, falta de engajamento dos professores principalmente alguns com dificuldades tecnológicas, desigualdade de recursos de alguns ambientes escolares sem TVs, ou mesmo os aparelhos Educatróns danificados, sem som, como apresentar as videoaulas e materiais de apoio, afetando a qualidade da experiência de ensino. Ainda o foco excessivo na avaliação podendo levar a uma abordagem superficial do ensino,

onde o aprendizado se torna secundário em relação à necessidade de cumprir critérios de avaliação como os quizzes ofertados entre as aulas e acompanhado pelo sistema Power BI.

Adicionalmente, a falta de articulação entre os componentes curriculares e a fragmentação do currículo contribuem para uma abordagem desintegrada do ensino musical, dificultando a conexão entre teoria e prática, e a música fica em sua grande maioria apenas na teoria.

Contudo, a **Educação**, como um processo em permanente mudança, deve reconhecer a importância da arte e integrar o ensino da música de maneira contextualizada, permitindo que os estudantes desenvolvam não apenas habilidades técnicas, mas também uma apreciação mais profunda da música como uma forma de apresentação cultural e pessoal. Desenvolver-se como indivíduos completos, explorando sua criatividade, expressão e sensibilidade artística. Assim, o ensino de música, na escola, se alinha à educação como um processo contínuo de crescimento pessoal. Nesse sentido, a fanfarra surge como uma possibilidade de ensinar música na prática, no ambiente escolar, o que também se modifica ao longo dos anos por força dos interesses, conforme veremos a seguir.

## 2.1 Arte e Música na escola

“O conceito de sociedade e a arte são inseparáveis, o que remete à afirmação de que música e sociedade são também inseparáveis”, afirmou Silva (2014, p. 7). A escola, como parte desse contexto também se transforma com a chegada de novas demandas formativas e outras exigências curriculares.

As pesquisas sobre o ensino e estudo de música em nível de pós-graduação são muito recentes no Brasil. Loureiro (2001) escreve que esses ocorreram na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1980 e dois anos após no Conservatório Brasileiro de Música. Para que houvesse iniciativas dessa natureza foi necessário, primeiramente, a formação de um quadro de pesquisadores na área. Com isso, viabilizou-se a criação de programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, inclusive conjuntamente com outras áreas como a musicologia e etnomusicologia.

Os estudos sobre a presença da música nos currículos escolares ganharam destaque, reconhecendo o poder da música em evocar sentimentos, despertar memórias e transmitir mensagens poderosas. A música, presente desde os estágios mais primordiais da vida humana, incorpora as dimensões físicas e metafísicas da existência, enriquecendo assim a jornada do indivíduo, influenciando também os indivíduos próximos, numa teia de ligações muito

significativas que se entretecem a forma de pensar e agir, como escreveu Muszkat (2012, p. 68): “a música não apenas é processada no cérebro, mas afeta seu funcionamento”. É o palpar da vida simbolizado pela pulsação cardíaca que traz consigo um elemento essencial: o ritmo.

As alterações fisiológicas com a exposição à música são múltiplas e vão desde a modulação neurovegetativa dos padrões de variabilidade dos ritmos endógenos da frequência cardíaca, dos ritmos respiratórios, dos ritmos elétricos cerebrais, dos ciclos circadianos de sono-vigília, até a produção de vários neurotransmissores ligados à recompensa e ao prazer e ao sistema de neuromodulação da dor. Treinamento musical e exposição prolongada à música considerada prazerosa aumentam a produção de neurotrofinas produzidas em nosso cérebro em situações de desafio, podendo determinar não só aumento da sobrevivência de neurônios como mudanças de padrões de conectividade na chamada plasticidade cerebral (Muszkat, 2012, p. 68).

A música enaltece a emoção humana, evoca memórias, inspira devaneios, alivia o sofrimento e emancipa com alegria. Isso valida a importância de ponderar sobre a influência que a fusão de sons e ritmos (melodia) exerce sobre as pessoas, além de compreender como pode “a música ser a arte de manifestar os diversos afetos da nossa alma mediante o som” (Bona, 2002, p. 2).

É um dos recursos didáticos no processo educativo, utilizado nas diversas disciplinas no currículo escolar, no desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioafetivo, aprimorando habilidades como concentração, coordenação motora e memória.

[...] Temos de ver a música em toda a sua extensão, o fazer musical, o pensar musical, o sentir e aumentar o repertório que você tem para levar para a escola com o objetivo de favorecer o desenvolvimento de todas essas competências. Na verdade, você está construindo um cérebro diferente, flexibilizando as atitudes e facilitando que a criança se aculture de uma maneira mais ampla e crie repertórios singulares, repertórios próprios para lidar com o aspecto motor de uma maneira mais orgânica (Muszkat, 2012, p. 73).

Voltamos à relação da atividade desenvolvida em sala na disciplina de Arte e fortalecida, ampliada no projeto da fanfarra (atividade extracurricular), onde cada integrante possui uma base motora única, no entanto, ao participar de atividades musicais em conjunto, sejam elas também como exemplo coral, bandinhas rítmicas ou grupos de flauta doce, ocorre uma combinação de impressão e expressão simultaneamente. O desenvolvimento de padrões motores ocorre de forma significativa no contexto social, através da interação com os outros. Durante a prática musical em grupo, os integrantes recebem estímulos dos colegas, expressam suas próprias habilidades e interpretações, resultando em um processo dinâmico de troca e aprendizado motor.

Se eu tenho o meu impulso natural, o meu jeito não tem uma referência do outro, nem referência do que é certo e do que é errado. No momento em que eu confronto isso com outro é que tenho de buscar os ajustes. Se começamos a fazer uma dança juntos, eu não posso sair mais rápido que você. Vamos ter que achar uma média (Petraglia, 2012, p. 74).

Os integrantes de uma fanfarra, ao tocarem seus instrumentos de sopro e percussão, precisam encontrar a “média” descrita pelo autor supracitado. Isso vai além de simplesmente tocar; é necessário que todos os músicos produzam simultaneamente os sons específicos de cada instrumento e naipe, em perfeita harmonia, para que juntos criem a música desejada. Nesse particular, Bréscia (2003, p. 14) destaca:

[...] usufruir da música não é uma questão de talento para as pessoas em geral, e para a criança ou o jovem, menos ainda. O Ser Humano que se desenvolve, criança ou adolescente, é essencialmente um músico, pois ser músico é, no fundo, estar sensível aos sons, é se deixar tocar e envolver pela música.

É também, pela música, que Bréscia (2003) nos instiga sobre a reflexão que se favorece na construção de seres humanos críticos, capazes de refletir sobre o seu lugar no mundo e cuidar do ambiente em que estão inseridos. A música surge como importante ferramenta neste processo, pois se trata de um instrumento capaz de transformar a aprendizagem em algo prazeroso, tanto para o aluno quanto para o professor. Além disso, a prática musical promove a colaboração, o trabalho em equipe e o respeito mútuo, valores essenciais na educação.

Dependendo de como é vivenciada, a prática musical apresenta-se como laboratório privilegiado para o exercício de determinadas qualidades transversais a toda educação, como a cooperação, a paciência, a gentileza, a relativização da competição, a escuta de si e do outro. O desenvolvimento de tais qualidades é, paradoxalmente e ao mesmo tempo, responsabilidade pertinente a todas as disciplinas e a nenhuma delas exclusivamente. Mesmo sabendo que podem (e devem) ser trabalhadas em todos os campos, na música essas qualidades são quase sempre pré-requisitos, engrenagens, encaixes para um movimento conjunto. Além disso, a prática musical é também especialmente propícia para o fluir da criatividade, e pode trabalhar, sem grandes obstáculos, o exercício da liberdade com responsabilidade (Molina, 2012, p. 7).

O autor supracitado apresenta qualidades expressivas que ocorrem no exercício da execução realizado pelos participantes das fanfarras com “cooperação” contínua para que a cada música seja realizada a produção de cada um; “a paciência” seja para aprender no conjunto de naipes, ou mesmo individualmente na sua função, e para além na espera das apresentações, no movimentar contínuo dos ensaios; a “gentileza” sendo amável no respeito a produção de sons, a pausa necessária e aparente na música; a “relativização da competição”, se perdermos um

troféu, teremos a oportunidade de aperfeiçoar, se concentrar no sucesso do grupo, o sucesso não é só meu, e todos somos um da corporação; a “escuta de si e do outro” os músicos devem estar atentos tanto ao seu próprio desempenho quanto ao dos colegas, portanto somos um, garantindo uma execução sincronizada e coesa da música, efetivando esta ação complexa das partes para o todo durante as apresentações.

Contudo, existem conflitos internos, pois cada membro da fanfarra possui sua personalidade, falta de clareza e compreensão dos comandos recebidos da liderança da fanfarra ou, ainda, a não aceitação da liderança de seu naipe de instrumento. Outros conflitos podem ser percebidos, como a competição, as tensões e rivalidades entre participantes que fragilizam os resultados a serem atingidos. As divergências em relação aos interesses próprios, e os desencontros de comunicação geram mal-entendidos e conflitos. As rotinas de ensaios, as práticas de exercícios exaustivos para um melhor desempenho, também causam dificuldades, especialmente em relação às expectativas do grupo perante os atores de cada naipe, com a diferença de idades e corresponsabilidades perante os resultados a serem atingidos.

Para lidar com essa conflituosa diversidade é essencial promover uma comunicação aberta e transparente, estabelecer mecanismos eficazes de resolução de problemas, incentivar o respeito mútuo, a colaboração, e garantir que as preocupações e opiniões de todos os membros sejam ouvidas e consideradas. A mediação, a orientação de líderes e a promoção de um ambiente inclusivo e respeitoso são fundamentais para lidar com os conflitos de forma construtiva e promover a harmonia dentro da fanfarra.

Diferentes questões e interesses podem interferir, como: a postura do participante em conjunto e no individual nas apresentações e concursos, a dificuldade em manter a constância na marcha, sua cadência, o alinhamento e a cobertura perante a execução da fanfarra, interferem em todo o conjunto que pode ficar prejudicado pela performance individual, ou de vários membros da fanfarra. Ao elencarmos alguns destes conflitos, também destacamos os espaços físicos e estruturais dos instrumentos, como concertos, manutenções e acondicionamento, entre outros. Também apontamos caminhos no individual e no coletivo, com os ensaios e as metodologias pedagógicas, seguindo regras e propondo soluções para a existência da fanfarra escolar (Teixeira; Rocha, 2023, p. 313).

Pesquisadores como Bréscia (2003), Loureiro (2001) e Muszkat (2012), nos incitam a contemplar a música sob a ótica mais profunda desta arte com o trabalho desenvolvido nas fanfarras. Somos convidados a explorar as múltiplas camadas de significado e expressão, desvendando seus mistérios e desafiando nossa compreensão.

Eu sou a música, das artes, a mais antiga. Eu sou mais que antiga, eu sou eterna. Mesmo antes da vida começar nesta Terra, eu já estava aqui – nos ventos e nas ondas. Quando as primeiras árvores, flores e pastos apareceram, eu estava entre eles. E quando o ser humano surgiu, tornei-me imediatamente o veículo mais delicado, mais sutil e mais poderoso para manifestação das emoções das pessoas. Quando os seres humanos eram pouco mais que animais, eu os influenciei de forma benéfica. Em todas as eras, inspirei-os com esperança; inflamei o seu amor; dei-lhes voz para as suas alegrias; estimulei-os para realizarem valorosas façanhas; e os consolei nas horas de desespero. Representei um grande papel no drama da vida, cujo alvo e propósito eram a grande perfeição da natureza humana. Graças à minha influência, a natureza humana elevou-se, abrandou-se e tornou-se mais aprimorada. Com a ajuda das pessoas, tornei-me uma Arte Superior. Possuo uma grande quantidade de vozes e de instrumentos. Estou no coração de todas as criaturas humanas e nas suas línguas, em todas as terras entre todos os povos; o ignorante e o analfabeto me conhecem, tanto quanto o rico e o erudito pois eu falo a todos, numa linguagem que todos entendem. Até os surdos conseguirão me escutar; se prestarem atenção às vozes de suas próprias almas. Sou o alimento do amor. Ensinei aos seres humanos a delicadeza e a paz: e os conduzi na direção de feitos heróicos. Levo conforto aos solitários e concilio os conflitos das multidões. Sou um luxo necessário a todas as pessoas. Eu sou a MÚSICA (Bréscia, 2003, p. 15).

A autora propõe a celebração da música como uma força vital e onnipresente, essencial para a experiência humana. Ela transcende barreiras e conecta as pessoas, enriquecendo suas vidas de maneira profunda e variada. A música é mais do que uma arte; é uma necessidade, uma presença constante que molda e eleva a humanidade. Ao unir a arte, a música e a educação, abrem-se inúmeras possibilidades para o enriquecimento do processo de aprendizagem. Segundo Salles (2012, p. 205)

Vejo a chegada da música na escola, como a chegada de uma pessoa nova em um grupo que já está há muito tempo junto, com certos vícios. Quando chega uma pessoa de fora, é interessante a quebra dessa estrutura. O próprio fato de estar entrando um conteúdo novo por si só, deveria fazer as pessoas pensarem o porquê de a música estar entrando agora como obrigatória. Isso mexe com a cabeça, faz a pessoa voltar a pensar o que é educação, o que é importante, o que não é.

Essa integração promove um ambiente de aprendizado mais rico, onde os estudantes são motivados a explorar suas habilidades criativas e expressivas, enquanto os educadores encontram novas formas de ensinar e inspirar.

Além disso, a arte e a música podem oferecer alternativas de socialização para estudantes que possuem dificuldades em outros campos, permitindo que estes descubram e desenvolvam suas habilidades cognitivas diversas, possibilitando a inclusão. Destaca Louro (2012, p. 181) que “diante da deficiência, é [preciso] vencer a barreira de preconceitos como negação, rejeição, generalização, infantilização etc.” e é no espaço escolar que vamos adequando os padrões enquanto educadores para a inclusão destes alunos.

Os padrões comportamentais estruturados primeiramente no seio familiar e expandidos para a vida social são os “primeiros obstáculos” para essa inclusão. Louro (2012) aponta sobre o universo de desafios para a atuação do profissional com um fazer musical diferenciado. A autora menciona que para a inclusão dos alunos no ambiente musical

[...] podemos promover adaptações de instrumentos musicais, como órteses para auxiliarem no manuseio de instrumentos ou baquetas. Podemos também promover adaptações de materiais, tais como partitura em Braille, material ampliado para os com visão subnormal [...] (Louro, 2012, p. 182).

A integração entre a arte e a música pode ser suporte eficaz na educação para uma aprendizagem mais enriquecedora, com reflexões para diferentes abordagens pedagógicas, destaca-se nestas o olhar atento do profissional a cada aluno como único e nas suas especificidades, em específico aqueles com necessidades especiais. No entanto vale observar tanto sobre os benefícios, quanto os desafios como, por exemplo, das “[...] populações especiais, como a das crianças autistas que conseguem tocar maravilhosamente um instrumento musical, mas não conseguem falar”, escreveu Gardner (1995, p. 23). Alguns projetos e o próprio currículo escolar incluem e exploram exemplos práticos que têm obtido sucesso ao utilizar a arte e a música como ferramentas educativas, bem como as evidências científicas que sustentam seus impactos.

A experiência de participação em corais, conjuntos, orquestras e outros grupos musicais têm sido mencionada com frequência como fonte de inúmeras vantagens na formação de crianças e adolescentes inclusive no que respeita sua participação efetiva em experiências prazenteiras de trabalho em grupo, sendo além disso atividade que pode ser desenvolvida em qualquer contexto social até mesmo nas mais modestas escolas de ensino público (Bréscia, 2003, p. 16).

O Canto Coral tem sido um dos meios para atrair e incentivar pessoas a se aproximar da música, como ocorreu com esta pesquisadora. Assim como eu, Andrade (2019, p. 14) também participou de coral e desenvolveu um projeto de coro/coral que pode ser uma escolha “[...] mais viável para se trabalhar a música, devido aos recursos, espaços e possibilidades de todos e todas [...]”, tornando-se uma experiência para a vida, pois o processo educacional é complexo, abrangendo a transferência de conhecimento, habilidades, valores e mentalidades de uma geração para outra. No âmbito do desenvolvimento humano, a educação é crucial, visando impulsionar o crescimento e o refinamento das capacidades individuais, além de fomentar o desenvolvimento pleno de cada indivíduo, conforme destacam Jordão *et al.* (2012) sendo também complexo o processo de formação dos professores para o ensino da música na escola.

Porém, a finalidade da educação pode variar de acordo com diferentes abordagens e perspectivas teóricas. A educação, considerada como essencial para o desenvolvimento integral dos indivíduos, visando capacitá-los a se tornarem membros ativos e produtivos da sociedade, doravante teria também a oportunidade de formar no indivíduo expressões artísticas e humanas. Jordão *et al.* (2012) escreveram que algumas Secretarias de Educação pelo país sinalizaram um plano de ações para o ensino de música, como: a revitalização das Fanfarras e aquisição de instrumentos para a formação de novas corporações, corais, bandas, orquestras de violões, flauta doce, situamos no estado do Paraná, pouca variação na inserção no plano de ações, ao que se refere ao ensino de música na prática a partir da Lei n.º 11.769/2008:

No Estado do Paraná, os conteúdos de música sempre estiveram presentes nas orientações para o trabalho pedagógico com a disciplina de Arte na Educação Básica e muitas ações foram desenvolvidas para sua implementação e valorização, tais como:

- A construção das Diretrizes Curriculares Estaduais de Arte para Educação Básica que contempla entre as áreas de arte, a música e seus respectivos conteúdos com encaminhamento metodológico;
- Elaboração do Livro Didático Público de Arte, para o Ensino Médio, com cinco capítulos referentes ao ensino de música;
- Realização de Simpósios de Arte para professores da rede estadual de ensino com mini-cursos que discutissem o ensino da música na sala de aula; entre outras ações.

[houve] a realização de três concursos públicos, possibilitou a contratação de professores de arte, com habilitação em música, dança, teatro e artes plásticas/visuais, entre outras licenciaturas, relacionadas à Arte. Desta forma, foi grande o aumento de professores contratados para trabalhar com Arte em todas as suas áreas relacionadas: artes visuais, música, teatro e dança. Reiteramos que os conteúdos de música são obrigatórios, mas não exclusivos, a serem trabalhados nas aulas de Arte (Jordão *et al.*, 2012, p. 33).

Conforme apresentado pelo estado do Paraná sobre o plano de implementação da música, o documento das Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná: Arte, foram construídas de 2008 a 2019 (Paraná, 2008b), posteriormente sendo mais bem trabalhados seus conceitos básicos de cada disciplina pelo documento norteador do Currículo Priorizado, disponibilizado aos professores pela Secretaria de Estado da Educação.

O Livro Didático Público de Arte, para o Ensino Médio, apresentou o conteúdo de música e para cada escola foram distribuídas Flautas-doce com um conjunto de 40 livros do Caderno de Musicalização: Canto e Flauta Doce, no intuito de que os professores da disciplina de Arte trabalhassem a prática em sala de aula. (Paraná, 2008a).

Com poucos profissionais formados nessa área, muitas escolas acabaram mantendo esse material sem uso, guardados em bibliotecas, e ou salas de materiais didáticos. Essa situação evidencia uma fragilidade na formação dos professores. Embora o conteúdo para o ensino da música seja rico e significativo, ele é frequentemente subutilizado. A fragilidade observada

distância práticas que favoreçam nos espaços escolares expressões musicais e, segundo Kater (2012, p. 44)

[...] desenvolvê-la e vivenciá-la, mediante experiências criativas, a música em seu fazer humanamente integrador e transformador; o que significa desenvolverem seus potenciais, conhecerem-se melhor e qualificarem sua existência no mundo. Cantar e tocar, ouvir e escutar, perceber e discernir, compreender e se emocionar, transcender tempo e espaço [...] há muito conteúdo e significado abaixo da superfície dessas expressões, que afloram todas às vezes em que experimentamos uma relação direta e por inteiro com a música.

No que diz respeito a alguns dos fatores que interferem no processo educacional, o fator social refere-se ao ambiente social no qual a educação ocorre, incluindo fatores como a cultura, a família, a comunidade e as interações sociais. A sociedade desempenha um papel importante na definição dos objetivos e dos valores transmitidos pela educação, bem como nas oportunidades e desafios que os indivíduos enfrentam ao longo do processo educacional, sendo necessário:

Cultivo da sensibilidade, criatividade, escuta, percepção, atenção, imaginativo, liberdade de experimentar, coragem do risco, respeito pelo novo e pelo diferente, pelo que é próprio a cada um e também ao “outro”, construção do conhecimento com autonomia, responsabilidade individual e integração no coletivo etc., não são apenas termos de discurso. São aspectos envolvidos na formação dos alunos – no mínimo tão importantes quanto aqueles que a escola entende oferecer nas diversas outras áreas do conhecimento –, que contrapõem o “aprender”, de natureza fixa, memorística e repetitiva, ao “apreender”, próprio do captar, apropriar, atribuir significado e tomar consciência, portanto, mais em sintonia com as características de formação humana reivindicadas contemporaneamente (Kater, 2012, p. 43).

Segundo os PCN de Arte, os diferentes jeitos que as pessoas têm de entender o mundo, seja de maneira artística ou científica, são formas únicas de adquirir conhecimento. Atualmente pesquisas, como por exemplo, Muszkat (2012, p. 67) mostram que “Ciência e arte compartilham o dinamismo do desenvolvimento, que não é um estado, mas um processo permanente de aprendizagem e busca de equilíbrio e abrange a capacidade de conhecer, conviver, crescer e humanizar-se com as várias dimensões da vida”. Em outra pesquisa, Brito (2012, p. 101) defende a proposta pedagógico-musical elaborada por Hans-Joachim Koellreutter “Integrando a prática e a reflexão intelectual; a pesquisa; a crítica e o constante questionamento, a proposta favorece também a emergência de modos de conviver fundados no diálogo, aproximando estudantes e professores que, juntos, fazem música e refletem sobre o fazer”.

Outro princípio pedagógico apresentado pelo desenvolvimento desta proposta pedagógico-musical, segundo explana Brito (2012, p. 102) trata-se do “o relacionamento e a interdependência entre a música, as demais artes, a ciência e a vida cotidiana, entendendo que o acontecimento musical está vinculado[...]”. Neste sentido compreendemos e confirmamos ter um elo a arte e música e o efeito é entrelaçado com a totalidade da vida, refletindo o modo como todas as expressões do pensamento e da cultura humana se interconectam e se influenciam mutuamente. Em relação ao que Gardner (1995, p. 57-58) denominou de inteligências múltiplas,

Em primeiro lugar, a própria delimitação das variadas formas que constituem o talento, a perícia, a criatividade e assim por diante podem ajudar os educadores, na medida em que provoca a pergunta: Que tipos de desempenhos ou realizações extraordinárias são desejados? Procurar desenvolver um indivíduo criativo é um desafio muito diferente do de estimular um indivíduo que será um prodigioso ou treinar aquele que se tornará um perito. O que é considerado um talento na China pode parecer uma afetação ou inclusive uma carga em Chicago – ou vice-versa.

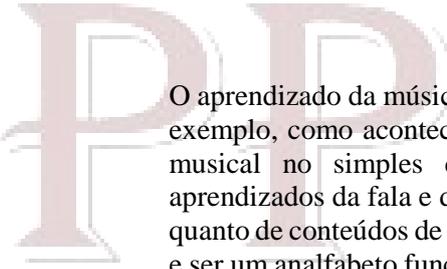
Estas pesquisas indicam como a arte e a ciência se complementam, respeitando as diferenças nas relações de aprendizagem e da ação do professor, e enquanto as relações se influenciam, se integram em uma visão mais ampla do ser humano. Gardner (1995) defende que essa relação contribui para melhores desempenhos e realizações. O que dizer das fanfarras, como uma diversidade de instrumentos e possibilidades de aprendizagens?

Elas exemplificam de maneira notável a integração entre arte e música no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, estimulam e motivam. Elas são reconhecidas por seu potencial em formar alunos, incentivando a criatividade, sensibilidade e pensamento crítico, e possuem abertura de apresentar suas influências regionalistas. Além de promover o conhecimento, as fanfarras proporcionam um espaço de convivência que oferece novas experiências. A música atrai e as coreografias executadas encantam muitas crianças e jovens, possibilitando novos aprendizados no campo da arte e diversas outras situações que a interação em grupo favorece.

Partindo do pressuposto de que a educação deve atuar na formação global dos indivíduos, a música se revela uma ferramenta valiosa nesse processo. Ela transforma a aprendizagem em uma experiência prazerosa, tanto para o aluno quanto para o professor, envolvente para ambos e enriquecedora para o ambiente em que se desenvolve. Como destacado nos PCN de Artes, cabe ao professor proporcionar um ambiente de atenção e concentração, dentro de uma prática pedagógica feliz e motivadora, que seja voltada para a diversidade, promovendo a inserção da música com atividades significativas para o desenvolvimento do aluno (Brasil, 1998).

A escola se apresenta como um lugar propício para este fim, pois traz em sua constituição a responsabilidade maior de atuar na preparação de crianças, jovens e adultos, para que possam assumir seu papel dentro da sociedade, sendo capazes de exercer sua cidadania plena. Nesse aspecto, embora estudar demande tempo e esforço, visando garantir qualidade de vida profissional e humana, o futuro é sempre rodeado de incertezas, e a educação ainda se apresenta como terreno fértil para esta conquista e desenvolvimento.

Reforçamos que estar envolvido em um processo de ensino e aprendizagem, dentro de um ambiente saudável e alegre, é sempre encorajador, em decorrência da complexidade e das dificuldades enfrentadas por cada aluno em seu dia a dia. Como destacado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCEB), ainda vigente, a escola tem a responsabilidade de proporcionar ao aluno o desenvolvimento de suas habilidades e capacidade de aprendizagem, dentro de um ambiente alegre e motivador (Brasil, 1998). Os conteúdos propostos pelo professor devem estar direcionados também à realidade social dos alunos, com o objetivo de produzir um engajamento maior deles na compreensão e apreensão desta realidade.



O aprendizado da música é, na verdade, semelhante ao da língua materna. Por exemplo, como acontece com o aprendizado da fala, existe um aprendizado musical no simples contato com a cultura. Da mesma maneira, os aprendizados da fala e da música dependem tanto de conteúdos de linguagem quanto de conteúdos de expressão: um indivíduo pode ter uma ótima caligrafia e ser um analfabeto funcional; assim como pode mostrar uma certa habilidade no uso de um instrumento musical e, ao mesmo tempo, uma insuficiência na utilização da música como linguagem (Breim, 2012, p. 169).

A sociedade apresenta um cenário de interações sociais intrincadas, este aprendizado fortalece a importância desta relação com as diversas dimensões de movimentos complexos e diversificados. E a instituição escolar ocupa um papel crucial, manifestando-se como território, cultura, política, economia, modo de vida, educação, religião e em diversas expressões humanas. Em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCEB):

Compreender e realizar a educação, entendida como um direito individual humano e coletivo, implica considerar o seu poder de habilitar para o exercício de outros direitos, isto é, para potencializar o ser humano como cidadão pleno, de tal modo que este se torne apto para viver e conviver em determinado ambiente, em sua dimensão planetária. A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam. Educação consiste, portanto, no processo de socialização da cultura da vida, no qual se

constroem, se mantêm e se transformam saberes, conhecimentos e valores (Brasil, 1998, p. 16).

Por muito tempo, o sistema educacional privilegiou uma abordagem acadêmica e tradicional, com foco no ensino de disciplinas básicas e no desenvolvimento de habilidades cognitivas. Isso resultou em uma visão estreita do currículo escolar, com pouca valorização das artes e da música como componentes fundamentais do desenvolvimento humano. Outrossim, a implementação de programas de arte e música nas escolas muitas vezes foi prejudicada pela falta de recursos adequados, como instrumentos musicais, pois a percepção do período histórico era o aprendizado apenas instrumental, materiais artísticos e espaços adequados para a prática e o ensino dessas disciplinas. A falta de investimento nessas áreas dificultou a inclusão da arte e da música no currículo. Segundo, Celso Favaretto (2012, p. 55) “Os parâmetros curriculares nacionais têm dado algumas orientações para formação dos professores e para as atividades práticas em sala de aula [...] Uma coisa é pensar em uma lei, que vale para o país inteiro. Outra coisa é pensar a diversidade, de norte a sul, de leste a oeste”. Atualmente, estudos como a neurociência contribuem para fortalecer o papel da música, segundo Muszkat (2012, p. 68):

Pessoas sem treino musical processam melodias preferencialmente no hemisfério cerebral direito, enquanto nos músicos, há uma transferência para o hemisfério cerebral esquerdo. O treino musical também aumenta o tamanho, a conectividade (maior número de sinapses-contatos entre os neurônios) de várias áreas cerebrais como o corpo caloso (que une um lado a outro do cérebro), o cerebelo e o córtex motor (envolvido com a execução de instrumentos). Ativação maior de áreas do hemisfério cerebral esquerdo pode potencializar não só as funções musicais, mas também as funções lingüísticas, que são sediadas neste mesmo lado do cérebro. Vários circuitos neuronais são ativados pela música, uma vez que o aprendizado musical requer habilidades multimodais que envolvem a percepção de estímulos simultâneos e a integração de várias funções cognitivas como a atenção, a memória e das áreas de associação sensorial e corporal, envolvidas tanto na linguagem corporal quanto simbólica.

Por fim, vale ressaltar que, ao longo do tempo, ocorreram avanços na valorização da arte e da música na educação. A compreensão do papel essencial da expressão artística e musical no desenvolvimento integral dos indivíduos tem crescido, e muitos sistemas educacionais têm trabalhado para superar esses desafios e promover uma educação mais inclusiva, que incorpora a arte e a música de maneira significativa no currículo escolar.

Gardner (1995) também discorre sobre o funcionamento do cérebro, a Teoria das Inteligências Múltiplas, com a avaliação das aptidões cerebrais dominantes, e técnicas que foram criadas para acelerar a aprendizagem, atenta para a cultura e a arte produzida pelos e para os seres humanos.

Aparentemente, a música desempenhou um papel unificador nas sociedades (paleolíticas) na Idade da Pedra. O canto dos pássaros proporciona um vínculo com outras espécies. Evidências de várias culturas apoiam a noção de que a música é uma faculdade universal. Os estudos sobre o desenvolvimento nos bebês sugerem que existe uma capacidade computacional “pura” no início da infância. Finalmente, a notação musical oferece um sistema simbólico acessível e lúdico (Gardner, 1995, p. 23).

Para esse estudioso “[...] um dos núcleos da inteligência musical é a sensibilidade para determinar relações” (Gardner, 1995, p. 22). Muszkat (2012, p. 68) apresenta que “A experiência musical modifica estruturalmente o cérebro”. A música, portanto, ao conectar diversas facetas do desenvolvimento humano, torna-se uma ferramenta poderosa na educação, capaz de transformar e unificar, contribuindo para a formação de indivíduos completos e conscientes de seu papel no mundo. Dada a sua abrangência aprofundaremos a seguir como ela se apresenta nas escolas públicas do estado.

A música, portanto, como se apresenta por Gardner (1995), parece ter um papel vital na formação de laços sociais e na construção de identidades coletivas, especialmente pelos estudos em que realizou demonstrando historicamente sobre as sociedades antigas, como as paleolíticas. O fato de que o canto dos pássaros possa estabelecer uma conexão entre diferentes espécies sugere uma profunda interdependência entre a natureza e a expressão musical.

As evidências encontradas em diversas culturas reforçam a noção de que a música é uma expressão muito importante para a humanidade, um aspecto intrínseco da experiência humana. Assim, ao integrar a música nas escolas públicas, promovemos não apenas o desenvolvimento das inteligências múltiplas, mas também a formação de indivíduos mais sensíveis e conectados com o mundo ao seu redor. Essa abordagem educacional pode transformar a forma como os alunos percebem seu papel na sociedade, estimulando a criatividade e a empatia.

### 3 A MÚSICA E OS CAMPEONATOS DE BANDAS E FANFARRAS

O surgimento e desenvolvimento do ensino de música nas escolas públicas do estado do Paraná acompanhou os marcos históricos, as políticas educacionais e iniciativas que promoveram a inclusão da música no currículo escolar no Brasil, fluindo as intervenções do maestro Villa-Lobos (1887/1959) e o Decreto nº 19.890 de 18 de abril de 1931, que reorganizou o Ensino Secundário brasileiro e previu que as disciplinas de música (e canto orfeônico) fizessem parte do currículo do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. Essas aulas seriam objeto de inspeção por ocasião das visitas do inspetor escolar e no Colégio Pedro II (referência para as outras escolas brasileiras) seria contratado um professor para esta disciplina. Conforme o art. 32. "Cada turma não terá menos de 20 nem mais de 28 horas de aula por semana, excluídos desse tempo os exercícios de educação física e as aulas de música" (Brasil, 1931). Embora integrasse o processo formativo, as aulas de música eram além das outras disciplinas. O que vale é a percepção do que é positivo quando uma proposta pedagógica está focada em exaltar a personalidade dos indivíduos, das pessoas terem a oportunidade de se envolverem em um aprendizado musical estruturado, onde possam criar música, ou ainda da diversidade desta ser altamente benéfica.

Segundo os PCN de Arte "[...] as manifestações artísticas são exemplos vivos da diversidade cultural dos povos e expressam a riqueza criadora dos artistas de todos os tempos e lugares" (Brasil, 1998, p. 37). O início da cultura de fanfarras remonta à Grécia Antiga nas batalhas<sup>4</sup> conquistadoras, para atualmente se tornar um grupo nas escolas ou movimentos estudantis contemporâneos.

Esse processo de transformação permitiu que as fanfarras se adaptassem e assumissem novos papéis. Embora não detenham mais o mesmo poder estabelecido pelas sociedades no passado, hoje elas continuam a ter um poder simbólico significativo, refletindo o trabalho e a seriedade dos alunos, professores e dirigentes envolvidos, ou seja: "uma qualificação simbólica

---

<sup>4</sup> "Quando o exército se preparava para uma grande batalha na Europa, um soldado começou a bater no seu escudo com a espada produzindo um som ritmado e constante sendo seguido pelos seus companheiros, encorajando-os a batalha. Seu general, observando isso, ordenou que rapidamente preparassem instrumentos de couro e latão para um grupo de soldados com o objetivo de entrarem na batalha tocando aqueles instrumentos e música sendo um elemento surpresa para vencer a guerra. Os soldados músicos iam à frente de seu exército e o inimigo afugentava-se com som ritmado que eram acompanhados por gritos dos seus soldados enfurecidos que causava medo ao exército inimigo. Os comandantes e o governo vendo que isto era bom para a tropa, acreditaram no projeto, e depois de muito tempo ao longo da história, formou-se uma fanfarra completa e a partir de então foi espalhada pelo mundo todo" (Santos, 2016, p. 70).

que seleciona umas das outras. [...] particularidades que as deixam em pé de igualdade pela importância musical e a participação proposta por cada uma delas” (Santos, 2016, p. 105).

Verdadeiramente essa cultura é detentora de um poder simbólico enorme, que mesmo ao longo dos tempos ora se expande, ora permanece estável. Embora algumas fanfarras até estejam extintas, elas coexistem com seu poder simbólico e educacional, em muitas instituições de ensino e em cidades.

Assim como em todos os estados, no Paraná existem várias fanfarras, como por exemplo: Fanfarra Municipal Nelson Nascimento de São Matheus do Sul, município de São Matheus do Sul; Fanfarra Municipal de Planaltina do Paraná, município de Planaltina do Paraná; Fanfarra COMUSF (Projeto Música sem Fronteira) de Candido de Abreu, cidade de Candido de Abreu; FAMUEM – Fanfarra Municipal Emílio de Menezes da cidade de Japurá; FAMU – Fanfarra Municipal de Luiziana, cidade de Luiziana; Fanfarra Municipal Barra do Jacaré, cidade de Barra do Jacaré; Fanfarra Municipal de Jaguariaíva do município de Jaguariaíva; Fanfarra Municipal de Rondon, cidade de Rondon, Fanfarra Municipal de Iretama, município de Iretama, entre outras. Algumas destas participaram do Campeonato Paranaense de Fanfarras e Bandas conforme a Federação Paranaense de Bandas e Fanfarras (FPFB) apresentado na página da União Paranaense de Fanfarra e Bandas (2023) (Anexo B).

No Estado do Paraná, há diversos eventos, no entanto, a viabilidade de transporte e a participação de muitas corporações tornam-se inviáveis, seja pela verba necessária, seja pelos períodos de realização, além da divulgação ser realizada em sua grande maioria pela região da oferta. Nesse contexto, a Universidade Estadual de Maringá (UEM) promoveu, em 15 de abril de 2012, o 1º Desfile de Bandas e Fanfarras, com o propósito de enaltecer a cultura dessas agrupamentos musicais. O reitor Júlio Santiago Prates Filho expressou seu apoio à continuidade dessas iniciativas. O evento contou com a participação da Banda Marcial Música sem Fronteira de Santa Fé, composta por estudantes do Colégio de Aplicação Pedagógica da UEM. A diretora do Centro de Atendimento ao Público (CAp), Augusta Padilha, salientou a relevância do trabalho artístico e solicitou o apoio da universidade para a continuidade do projeto. Outras bandas também marcaram presença no desfile, como a Fanfarra Municipal de Rondon e a Banda Municipal de Goioerê (UEM, 2023).

No ano de 2023 nenhuma Fanfarra Simples Juvenil participou do evento em questão. Entre as que estiveram presentes, predominaram as Bandas de Percussão e as Bandas de Percussão e Liras. Todas as bandas presentes eram de natureza municipal, não havendo representação de bandas e mesmo as fanfarras de escolas públicas. Essa predominância das Bandas de Percussão e das Bandas de Percussão e Liras indica uma diversificação de

instrumentos e estilos musicais, muito mais a dificuldade em se formar músicos para o toque de cornetas simples. Essas formações costumam ter uma abordagem mais ampla, envolvendo uma variedade de instrumentos além de percussão, como metais, e uma variação musical maior.

No entanto, é importante mencionar que a ausência de fanfarras simples juvenis e de bandas de escolas públicas pode indicar uma possível falta de recursos ou apoio para essas formações musicais. Essas observações destacam a necessidade de incentivar e apoiar a participação de fanfarras e bandas escolares, oferecendo oportunidades de desenvolvimento musical para os estudantes e enriquecendo a cena cultural local.

A Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) mantém um cadastro com mais de 3 mil bandas tradicionais de coreto. Essas bandas são parte importante da cultura musical brasileira e têm uma longa tradição em apresentações em praças, festas populares e eventos comunitários (Funarte, 2024). Para cadastrar uma banda, é necessário preencher o formulário e enviá-lo à Coordenação de Bandas Nacional no site <https://sistema.funarte.gov.br/consultaBandas/>. As 3.039 bandas de música cadastradas distribuem-se por região geográfica da seguinte forma:

- Norte: 188 bandas, com 113 no Pará;
- Nordeste: 930 bandas, com 219 no Ceará;
- Centro-Oeste: 228 bandas, com 86 em Goiás;
- Sul: 400 bandas, sendo destas 166 do Rio Grande do Sul.

Além disso, a Funarte também edita e distribui partituras de músicas de compositores brasileiros, especialmente arrançadas para Bandas de Música, bem como manuais (Funarte, 2024). Em específico no Estado do Paraná possui 139 registros de Bandas Municipais, registro algumas destas: Filarmônica Antoninense de Antonina, Banda Municipal Maestro João Florindo da Silva de Apucarana, Banda Municipal de Araucária município de Araucária, Banda Municipal de Balsa Nova município de Balsa Nova, Banda Sinfônica Maestro Morales de Cascavel, Banda de Música do Distrito de Congonhas de Cornélio Procópio, Banda Sinfônica da Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP em Curitiba, Banda Municipal Segredo em Foz do Jordão, Banda Jovem de Guarapuava no município de Guarapuava, Banda de Metais Branca da Mota Fernandes em Maringá, dentre outras (Brasil, 2024).

As Fanfarras estão em instituições de ensino privado e público. Na sua grande maioria as fanfarras municipais, custeadas pelas secretarias educacionais municipais, todavia não se tem o registro preciso de quantas corporações, pois conforme publicação no site da Agência Estadual de Notícias do Governo do Estado do Paraná no dia 14/08/2019, quando ocorreu o

lançamento do primeiro Festival de Fanfarras do Paraná. Segundo o secretário da Comunicação Social e da Cultura, Hudson José, o “primeiro Festival de Fanfarras do Paraná, que vai identificar e reunir os grupos musicais formados em escolas, igrejas e comunidades de todas as cidades paranaenses” (Paraná, 2019).

Na ocasião do lançamento da proposta pelo Governador Carlos Massa Ratinho Junior, essa iniciativa era vista como um potencial fomento para a cultura regional e a formação musical no Estado. No entanto, percebe-se uma lacuna significativa entre a ideia inicial e a continuidade efetiva do projeto. A proposta, que pretendia ser uma homenagem à participação das fanfarras na cultura do Paraná, acabou por não se consolidar como um compromisso duradouro. Esta discrepância levanta questões sobre a efetividade das políticas culturais e educacionais, destacando a importância não apenas de lançar iniciativas, mas também de sustentá-las ao longo do tempo para que realmente impactem e beneficiem a comunidade e o cenário cultural do estado.

O então Secretário da Comunicação Social e da Cultura argumentou que “O mais importante é fazer desse encontro uma grande festa, uma confraternização cultural e musical. A fanfarra é uma expressão popular muito forte no Brasil, um elemento cultural e de formação musical muito importante nas cidades”. No momento do lançamento Hudson José ressaltou, “que muitas pessoas desenvolveram habilidades e conhecimento na área musical graças a sua participação em Fanfarras e Bandas Marciais” (Paraná, 2019).

Essas práticas adquirem um significado particular no contexto educacional, pois a escola não se limita apenas a ser um ambiente de aprendizagem, mas é parte da sociedade e desempenha o papel de transmitir conhecimentos de forma organizada. Isso faz parte da cultura escolar, daquilo que é próprio dessa instituição e se define por:

[...] disciplinas escolares: estas não são nem uma vulgarização nem uma adaptação das ciências de referência, mas um produto específico da escola, que põe em evidência o caráter eminentemente criativo do sistema escolar. [...] as disciplinas escolares são inseparáveis das finalidades educativas, no sentido amplo do termo “escola”, e constituem “um conjunto complexo que não se reduz aos ensinamentos explícitos e programados” (Julia, 2001, p. 33).

As fanfarras também organizam conhecimentos musicais trabalhados pela escola. Nem todas as escolas possuem uma fanfarra, mas aquelas que a tem a organizam no conjunto mais amplo, envolvendo escola e sociedade. Essas conexões demonstram como as fanfarras influenciam mudanças nos comportamentos, hábitos e costumes dos seus participantes, assim

como os participantes contribuem para a formação de hábitos na sociedade em que estão inseridos.

[...] a Fanfarra proporciona uma série de vivências a seus integrantes, jovens provenientes de contextos socioculturais diversos bem como aos pais e amigos cuja participação é imprescindível para a conservação do grupo. Na fanfarra as práticas desenvolvidas incluem a busca de novos suportes e revelam imaginação ao mesmo tempo em que referenciais da cultura e da memória estão presentes (Pedrosa, 2007, p. 28).

Sob a ótica da história da educação musical no Paraná, Vilela (2012, p. 134) em seu artigo “A música do Brasil e do Mundo” instiga: “[...] pensemos sempre que somos uma cultura de soma, surgimos do enlace de etnias e culturas diversas e sempre tivemos o rico hábito de incorporarmos ao nosso fazer cotidiano os costumes dos povos que aqui chegavam [...]” e que tornou a música componente curricular obrigatório não sendo mais exclusivo da educação básica. O estudo da música em escolas públicas paranaenses enfrentou e enfrenta os mesmos problemas do território nacional, no que se apresenta pela formação e qualificação profissional. Conforme Jordão *et al.* (2012, p. 27),

Sejam as aulas ministradas por um profissional magistrado ou por um músico capacitado, o que não está em discussão é a importância da qualificação deste profissional responsável pela educação musical. Experiências anteriores de inserção da música na escola mostram que a falta de qualificação do professor foi o fator que mais contribuiu para o fracasso dessas iniciativas.

No Estado do Paraná os conteúdos de música sempre estiveram presentes nas orientações para o trabalho pedagógico com a disciplina de Arte na Educação Básica e muitas ações foram desenvolvidas para sua implementação e valorização, mas foram realizadas outras ações de apoio aos profissionais da disciplina de Arte. Distribuíram pela Secretaria de Estado da Educação pelo Departamento de Educação Básica, ainda no ano de 2008, conjunto de Caderno de Musicalização: canto e flauta doce contendo quantidade suficiente para atendimento individual de alunos em classe, e instrumento flauta doce para este fim.

Por fim, destaco as colocações de Jordão *et al.* (2012) realizaram pontuando que é crucial observar que ocorreram a realização de três concursos públicos que permitiu a contratação de professores de artes, abrangendo música, dança, teatro e artes plásticas/visuais, assim como outras licenciaturas relacionadas às artes. Consequentemente, houve um aumento significativo no número de professores contratados para lecionar Arte em todas as suas áreas, incluindo artes visuais, música, teatro e dança. A autora ressalta as justificativas manifestas pela

Secretaria de Estado da Educação que os conteúdos musicais são obrigatórios, mas não exclusivos, e devem ser abordados nas aulas de Arte.

Atualmente a Secretaria de Estado da Educação Básica do Paraná (SEED) mantém a oferta dos conteúdos de música pelo Livro Registro de Classe Online, com aulas em slides e vídeo. Buscamos identificar as influências socioculturais que motivaram o interesse pela música e pelas fanfarras nas escolas paranaenses. Enquanto análise atentamos pelas mudanças que as fanfarras sofrem no contexto histórico e cultural de cada região dentro do próprio estado do Paraná. No Estado do Ceará, por exemplo

[...] em 2009, foram adquiridos 4.608 instrumentos musicais, que beneficiaram 410.029 alunos matriculados de 576 Escolas Estaduais, localizadas nos 184 municípios do Estado do Ceará. Em 2010, mais 50 escolas foram equipadas com bandas de fanfarra, com recursos do Projeto Alvorada (Jordão *et al.*, 2012, p. 29).

O autor também destaca que nas escolas estaduais do Mato Grosso do Sul, ocorreu:

[...] como complementação do trabalho, realizam o Projeto Cultura e Esporte Escolar [...] no qual são ministradas aulas extracurriculares no contraturno nas linguagens musicais: violão, flauta doce, canto coral, bandas e fanfarras, culminando com um festival anual entre as escolas, envolvendo todas as linguagens musicais supramencionada (Jordão *et al.*, 2012, p. 31).

Analisamos uma intensificação dos campeonatos e apresentações das fanfarras pelo Brasil. No Estado do Paraná, a União Cívica Feminina Paranaense (UCFP) realizou na cidade de Curitiba, o Festival Anual de Bandas e Fanfarras, que na sua grande maioria ocorriam no dia 7 de setembro, ou no mesmo final de semana cívico. No ano de 2001, o Festival promovido foi realizado junto com o Campeonato Estadual de Fanfarras e Bandas promovido pela FPBF, que cedeu o resultado para as campeãs representarem o estado no Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras que ocorreu na Cidade de Taubaté São Paulo (Storck, 2001). Com ações dessa natureza as fanfarras escolares proporcionaram muitas oportunidades para o envolvimento dos estudantes na prática musical, promovendo habilidades como trabalho em equipe, disciplina, autoexpressão e liderança. Essas atividades extracurriculares enriquecem a experiência educacional dos alunos e fortalecem os laços entre a escola e a comunidade, seja pelas apresentações que realizam ou mesmo pelas viagens.

Foram vários anos que a UCFP estabeleceu no centro de Curitiba a oferta destes campeonatos, algumas das vezes em concílio e apoio a Federação Paranaense de Fanfarras e Bandas (FPFB) com o Campeonato Paranaense de Fanfarras e Bandas. A fanfarra, portanto, é

um recurso para o ensino da música nas escolas públicas paranaenses, especialmente com os projetos de fanfarras estudantis, procurando demonstrar o despertar da coletividade fortalecendo a importância do outro como necessidade para a formação prática e a sua influência para a sociedade.

### **3.1 Primeiros contatos com a Música e instrumentos musicais**

Os primeiros instrumentos musicais, rudimentares em sua construção, eram utilizados para expressar emoções, comunicar-se e celebrar rituais religiosos e festividades comunitárias. Esses instrumentos primitivos foram evoluindo ao longo do tempo, dando origem a uma vasta gama de instrumentos musicais que conhecemos hoje. Com o passar dos séculos, a música continuou a desempenhar um papel central na vida das pessoas, os primeiros contatos com a música muitas vezes ocorrem dentro do ambiente familiar, onde as crianças são expostas a canções de ninar, cânticos religiosos e músicas folclóricas. Essas experiências musicais iniciais ajudavam a desenvolver uma conexão emocional com a música e estimulavam o interesse em explorar diferentes sons e ritmos.

À medida que as crianças crescem, muitas delas buscam aprender a tocar um instrumento musical. Os instrumentos oferecem uma forma tangível de se envolver com a música, permitindo que os jovens explorem sua criatividade e expressem suas emoções de maneira única. Os primeiros passos no aprendizado de um instrumento frequentemente requerem aulas particulares ministradas por professores dedicados ou membros talentosos da família. Em alguns casos, essas aulas podem ser encontradas em escolas, desde que haja um professor dedicado a esse estudo, ou mesmo projetos extra curriculares.

Quando as habilidades musicais dos aprendizes se desenvolvem, muitos deles encontram oportunidades para se envolver em agrupamentos musicais, como bandas escolares, corais ou orquestras juvenis. Esses grupos proporcionavam não apenas uma oportunidade para aprimorar suas habilidades musicais, mas também para desenvolver habilidades sociais importantes, como trabalho em equipe, liderança e respeito mútuo. Silva (2014, p. 19), aponta que:

Em muitas bandas ainda é uma realidade ter apenas um professor para atender toda a banda, dificultando o atendimento individual ao aluno. Mesmo nas bandas que tem professores de naipes, pesquisas revelam que o professor de naipe trabalha com seus alunos de maneira coletiva, introduzindo simultaneamente a teoria musical e a prática do instrumento, através de métodos que atendam a essas modalidades.

Hoje, os primeiros contatos com a música e os instrumentos musicais continuam a desempenhar um papel vital na formação cultural e educacional das crianças, jovens e adultos. Com o acesso cada vez maior ao ensino musical e recursos digitais, mais jovens têm a oportunidade de explorar seu potencial musical e nutrir seu amor pela arte sonora desde tenra idade. Com o advento da tecnologia, existem vários aplicativos, e jogos que estimulam o conhecimento, além de sites que possuem vídeo-aulas. Essas experiências iniciais não apenas enriquecem suas vidas pessoais, mas também contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade mais criativa, empática e culturalmente diversa.

No envolvimento contínuo de aprendizagem, e pelo gosto adquirido, várias pessoas procuram ingressar em corporações musicais, outro fator além do benefício da aprendizagem, as corporações oferecem este ensino gratuitamente, favorecendo assim mutualmente, seja ao integrante como ao grupo que assim forma uma Banda de percussão, Banda Marcial, Fanfarra, etc. Nestas categorias aprofundaremos.

No Regulamento para o Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras distribuído pela Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras (CNBF), instituição representante das bandas e fanfarras em todo o território nacional, também responsável anualmente do Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras, apresenta:

#### DAS CATEGORIAS

Art. 11. As corporações participantes do Campeonato Nacional, para efeito de avaliação e classificação, são divididas nas seguintes categorias:

I – Técnica do corpo musical:

- a) banda de percussão;
- b) banda de percussão com instrumentos melódicos simples;
- c) banda de percussão sinfônica;
- d) fanfarra simples tradicional;
- e) fanfarra simples marcial;
- f) banda marcial;
- g) banda musical de marcha;
- h) banda musical de concerto;
- i) banda sinfônica;
- j) banda show, dividido em:
  1. banda de percussão coreografada.
  2. banda de percussão com sopros, ou Drum Corps (regulamento em anexo I).
- k) banda PcD (grupo musical com integrantes, em 80% (oitenta por cento) de sua totalidade, que possuem alguma deficiência física e/ou intelectual com classificação comprovada do seu referido CID para conferência (Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras, 2023, p. 2).

O documento supracitado define que competições de bandas e fanfarras são divididas em categorias específicas, levando em consideração a faixa etária dos participantes. Para eventos realizados em 2023, as categorias foram definidas da seguinte forma: a) **Infantil**: Destinada a corporações com integrantes nascidos a partir de 1º de janeiro de 2008; b) **Infanto juvenil**: Reservada para corporações com integrantes nascidos a partir de 1º de janeiro de 2005; c) **Juvenil**: Designada para corporações com integrantes nascidos a partir de 1º de janeiro de 2002; d) **Sênior**: Engloba corporações com integrantes das faixas etárias anteriores, além daqueles com idade superior;

Além disso, as bandas nas faixas etárias infantil, infanto-juvenil e juvenil têm permissão para apresentar-se com até 5% de integrantes acima do limite de idade estabelecido, desde que não ultrapassem dois anos além da idade máxima permitida. Esta regra se aplica tanto ao Corpo Musical e Corpo Coreográfico quanto ao Mór, Baliza masculino e feminino e Pelotão Bandeiras. No entanto, essa margem adicional é aplicável apenas aos integrantes presentes no momento da apresentação, não aos inscritos inicialmente. O descumprimento deste inciso pode resultar na desclassificação imediata da corporação. Em alguns festivais e campeonatos regionais, pode-se encontrar nas bandinhas rítmicas a faixa etária “fraldinha”, com crianças na faixa etária de 10 anos.

As corporações se estabelecem pela utilização de instrumentos de percussão, ou seja, aqueles instrumentos cujo som é obtido através de impacto, podendo ser por raspagem, agitação e ainda com ou sem o auxílio de baquetas, na sua grande maioria são os bumbos, surdos, caixas de guerra, atabaques, tambor, bongôs, carrilhão, triângulo, chocalhos e, posteriormente, de sopro, que incluem metais e madeiras, além de cordas e teclas, melhor utilizarmos a categorização apresentada pela CNBF (Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras, 2023).

A mesma instituição orienta para os tipos de instrumentos possíveis em cada uma das categorias, mais específicas no quesito da técnica, o que vai demarcar cada Fanfarra, Banda, cada corporação musical no referido campeonato, mesmo em campeonatos ofertados a cada estado, buscam seguir as categorias elencadas para organizar a participação posterior em âmbito nacional, nos Festivais menores podem ocorrer variação, porém pouca, pois devido as mesmas estarem buscando aprimoramento e estar nos grandes eventos. Segundo a Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras (2023, p. 3), são classificadas com os instrumentos, conforme consta a seguir:

- I – **Banda de percussão**, composta por: a) Bombos, linha de surdos, prato a dois, linha de caixas, tenores, e instrumentos de percussão sem altura definida, sendo obrigatória a utilização de pelo menos 2 (dois) tipos destes instrumentos distintos.

- II – **Banda de percussão com instrumentos melódicos simples**, contendo:
- a) Instrumentos de percussão: bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, instrumentos de percussão sem altura definida, tímpanos;
  - b) Instrumentos melódicos: marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, vibrafones, liras, xilofones, escaletas, flautas doces, pífaros, gaitas de fole, sendo obrigatória a utilização de pelo menos 05 (cinco) tipos destes instrumentos;
  - c) 50% instrumentos percussivos e 50% instrumentos melódicos.
- III – **Banda de percussão sinfônica** com:
- a) instrumentos de percussão: bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras, celestas e instrumentos de percussão sem altura definida; sendo obrigatória a utilização de pelo menos 08 (oito) tipos destes instrumentos distintos.
- IV – **Fanfarras simples tradicionais** contém:
- a) Instrumentos melódicos: cornetas, trombones, bombardinos, souzafones e cornetões lisos de qualquer tonalidade, sem utilização de recursos, como gatilho ou vara; sendo obrigatório a utilização de pelo menos 02 (dois) tipos destes instrumentos distintos;
  - b) Instrumentos de percussão: bombos, linha de surdos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, liras e instrumentos de percussão sem altura definida; sendo obrigatória a utilização de pelo menos 03 (três) tipos destes instrumentos distintos;
  - c) Instrumento facultativo: trompa natural.
- V – **Fanfarras simples marciais**, com:
- a) Instrumentos melódicos: família dos trompetes naturais, cornetas, cornetões, bombardinos, trombones, souzafones, todos lisos (sem válvulas) de qualquer tonalidade ou formato, e instrumentos de sopro das categorias anteriores sendo facultada a utilização de recursos como gatilhos, sendo obrigatório a utilização de pelo menos (quatro) tipos destes instrumentos distintos;
  - b) Instrumentos de percussão: bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenores, instrumentos de percussão sem altura definida tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras, sendo obrigatória a utilização de pelo menos 04 (quatro) tipos destes instrumentos distintos;
  - c) Instrumento facultativo: trompa natural.
- VI – **Banda marcial**, com:
- a) Instrumentos melódicos: família dos trompetes, família dos trombones, família das tubas e saxhorn, e instrumentos de sopro das categorias anteriores sendo obrigatória a utilização de pelo menos 02 (dois) representantes de

duas famílias instrumentais; b) Instrumentos de percussão: bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenors, instrumentos de percussão sem altura definida, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras, sendo obrigatória a utilização de pelo menos 04 (quatro) tipos destes instrumentos distintos; c) Instrumentos facultativos: trompas.

VII – **Banda musical de marcha**, contendo instrumentos de madeira, metais e percussão: a) Instrumentos melódicos: família das flautas transversais; família dos clarinetes; família dos saxofones e instrumentos de sopro das categorias anteriores; sendo obrigatória a utilização de pelo menos 05 (cinco) instrumentos de famílias diferentes; b) Instrumentos de percussão: bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenors, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras, instrumentos de percussão sem altura definida; sendo obrigatória a utilização de pelo menos 05 (cinco) tipos destes instrumentos distintos; c) Instrumentos facultativos: oboé, fagote, contrafagote, trompa, contrabaixo acústico, celesta.

VIII – **Banda musical de concerto**, contendo: a) Instrumentos melódicos: família das flautas transversais; família dos clarinetes; família dos saxofones, trompas e instrumentos de sopro das categorias anteriores; sendo obrigatória a utilização de pelo menos 8 (oito) instrumentos de famílias diferentes, dentre eles flautas transversais, clarinetas, saxofones e de palheta dupla; b) Instrumentos de percussão: bombos, bombos sinfônicos, linha de tambores, linha de pratos, linha de caixas, tenors, tímpanos, marimbas, campanas tubulares, glockenspiel, família dos vibrafones, família dos xilofones, liras, instrumentos de percussão sem altura definida; sendo obrigatória a utilização de pelo menos 05 (cinco) tipos destes instrumentos distintos; c) Instrumentos facultativos: instrumentos de palheta dupla.

IX – **Banda sinfônica**, o Regente poderá usar todos e quaisquer instrumentos que julgue necessário para a execução da sua peça musical, excluindo os instrumentos elétricos.

X – **Banda Show Categoria Drum Corps**, são grupos formados de instrumentos de metais (trompete, flugelhorn, trompa, bombardino, trombone e tuba) e instrumentos de percussão (caixa, tenor, bumbo, prato, marimba, xilofones, glockenspiel, campana tubular e tímpano) interagindo durante sua performance com um corpo coreográfico.

X.a – **Banda Show, Categoria Percussão coreografada** – são grupos formados de instrumentos percussão (caixa, tenor, bumbo, prato, e instrumentos de percussão melódico) interagindo durante sua performance com um corpo coreográfico.

XI – **Banda PCD** – Livre instrumentação.

Independente das características das ‘corporações’ elas são compostas por diversos integrantes, separados por faixa etária, incluindo músicos percussivos e de metais, além de membros coreográficos e de evolução, como exemplo os corpos coreográficos e as balizas. Suas apresentações geralmente ocorrem em espaços públicos, como ruas, avenidas, ginásios e campos de futebol, festivais, geralmente buscando a concorrência e aprimoramento, pois aquilo que o instrumentista não atingiu, pode ver no outro, surgindo novas ideias ou mesmo adaptações.

As fanfarras participam de campeonatos, como por exemplo os que ocorrem nos estados. As que se destacam em cada categoria e faixa etária disputam a “grande final” no Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras, escolhendo, assim a melhor do Brasil. Estas corporações possuem em seus repertórios músicas e movimentos variados, destinados a todos os tipos de público.

Além dos músicos que tocam instrumentos de sopro e percussão, há também integrantes que utilizam a arte cênica para enriquecer as apresentações com movimentos e beleza, contribuindo para o espetáculo apresentado. Estes podem fazer uso de objetos como espadas (sem fio e não excedam os limites de espaço destinado a apresentação), lanças (não pontiagudas, ou que ofereçam perigo), bandeiras e mastros comumente com a composição das Bandeiras com os símbolos cívicos do Pavilhão Nacional a Linha de Frente, compreendendo o corpo coreográfico, o mór de comando, a baliza e o pelotão de bandeiras ou estandartes das corporações musicais.

Obrigatoriamente, em toda e qualquer apresentação as corporações devam portar o Pavilhão Nacional, em posição de destaque, e as bandeiras do Estado e do Município de origem. Caso possuam, bandeira da corporação/escola/instituição que as representa também será levada na apresentação, conforme a Lei Federal nº 5.700/71 (Brasil, 1971) importante, proibido em momento nenhum o Pavilhão Nacional compor movimentos coreográficos, o descumprimento deste regulamento implica na desclassificação sumária da Corporação.

Por exemplo, na figura abaixo, vemos o Pavilhão Nacional da FAESPO (2008) sendo posicionado em um local reservado, de acordo com as exigências específicas para a solenidade, acompanhado por um escudo de guarda e uma espada, este cenário simboliza a importância da

tradição e do respeito durante as cerimônias. O escudo foi habilmente confeccionado na escola, ideia discutida com o grupo de alunas que faziam parte deste específico elemento para as apresentações, utilizando materiais recicláveis e uma estampa retirada de uma camiseta. Quanto à espada, a Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF) contratou um serviço com um funileiro especializado, que a produziu em aço inoxidável, sem ponta afiada ou cortes, de acordo com as exigências dos campeonatos, mas também valoriza o esforço coletivo na preparação para os eventos.

Figura 6 – Integrantes do Pavilhão Nacional – Desfile 7 de setembro de 2008



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Além das bandeiras obrigatórias do Pavilhão Nacional é obrigatório portar a faixa, o estandarte ou distintivo que as identifique, sempre visível a frente da corporação. A linha de frente, então é composta por: a) Pelotão de Bandeiras; b) Estandarte; c) Corpo Coreográfico; d) Balizas masculino e feminina; e) Mór ou comandante (Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras, 2023, p. 6).

Além dos pontos acima citados, a mesma Lei Federal nº 5.700/71 (Brasil, 1971) explicita detalhes sobre como serão avaliados esses quesitos: examinado por até 2 (dois) Avaliadores, que darão notas de 05 (cinco) a 10 (dez) pontos, considerando os 8 (oito) itens seguintes: a) Condução; b) Execução dos Comandos; c) Posicionamento; d) Marcha; e) Garbo; f) Alinhamento; g) Cobertura; d) Uniformidade. São explicitados, ainda sobre o número de integrantes que compõem a linha de frente para fins de avaliação da apresentação da fanfarra, entre outros. A inobservância acarreta a imediata desclassificação do grupo. Contudo, algumas apresentações e festivais diferem significativamente em muitos quesitos, no que tange o regulamento das grandes competições, mesmo no Campeonato Estadual de Fanfarras e Bandas.

Outro item avaliado é o corpo coreográfico de uma fanfarra, considerando vários detalhes relacionados a: a) Criatividade; b) Dificuldade Técnica; c) Sincronismo; d) Formação; e) Evolução; f) Ritmo; g) Marcha; h) Garbo; i) Alinhamento; j) Uniformidade. Segundo o Artigo 50, do Regulamento do Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras (Anexo D): “O Corpo Coreográfico pode se apresentar com estilo e características regionais, contudo sem perder a marcialidade, sem fugir ao tema ou estilo característico do corpo musical, e deve cumprir todos os quesitos de avaliação” (Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras, 2023, p. 28).

Balizas, por sua vez, podem ser de ambos os sexos e respeitam uma série de normas específicas para garantir a padronização e a justiça nas avaliações. Cada corporação musical pode incluir balizas, mas apenas um é avaliado. A escolha dessas balizas deve ser feita pelo coreógrafo, mór ou regente, e precisa ser informada antes do deslocamento da corporação da concentração. Os nomes das balizas escolhidas devem ser registrados na ficha de inscrição inicial. Caso haja necessidade de substituição após o envio da inscrição, é responsabilidade do responsável pela corporação comunicar à Comissão Organizadora, fornecendo uma justificativa apropriada. O não cumprimento dessa exigência resulta na desclassificação da baliza.

As balizas serão avaliadas desde o início da concentração, durante o deslocamento de entrada e durante a apresentação perante a banca avaliadora dos aspectos técnicos musicais. Devem usar uniformes adequados ao seu gênero, que não sejam transparentes ou cavados, e que mantenham exclusivamente as cores do corpo musical, com exceção da cor do calçado. A utilização de cores neutras não é permitida. Além disso, as balizas devem iniciar sua apresentação de deslocamento de entrada a partir da concentração utilizando o bastão (Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras, 2023, p. 14).

Algumas corporações possuem Mór, ou comandante. Este integrante faz uma grande diferença na execução da corporação, desempenha um papel decisivo na organização e apresentação da corporação musical. É de sua responsabilidade “comandar a corporação desde a concentração, durante o deslocamento e as evoluções, até a entrega do comando ao regente quando o grupo estiver posicionado diante da comissão avaliadora dos Aspectos Técnicos Musicais” (Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras, 2023, p. 16). Quando há um Mór, o regente só pode assumir o comando da corporação após a passagem oficial do comando pelo Mór, havendo regras específicas. O Mór será avaliado nos seguintes quesitos: a) Comando de Bastão/ Mace/Espada; b) Comando de Voz; c) Condução da Corporação; d) Marcha; e) Garbo; f) Uniformidade. O não cumprimento acarreta penalidades para a banda ou fanfarra. Uma corporação musical deve:

[...] desfilam em um trecho pré-determinado, podendo ser em linha reta ou com conversões, onde serão avaliadas nos aspectos de marcha, alinhamento, cobertura, garbo e performance. A distância mínima geralmente é de 100 metros, enquanto a máxima de 150 metros, medidos a partir da testa (escudo, estandarte, cartel, etc.) da Corporação, isto no Campeonato Nacional. Porém em campeonatos menores e festivais, o trajeto pode ser maior quanto também menor. Durante todo o percurso, é obrigatória a execução de uma peça musical, preferencialmente de estilo marcial. Nos primeiros 50 metros do deslocamento do Corpo Musical, a execução musical com sopros e/ou percussão é mandatória. Da mesma forma, na posição final em frente aos avaliadores, a apresentação deve ser concluída com a execução musical com sopros e/ou percussão, já a frente da comissão julgadora encerra a marcha (Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras, 2023, p. 9).

Regras dessa natureza fazem parte de competições e caso não sejam cumpridas implicam em penalidades nas notas do aspecto apresentação, para a corporação, quesito este que geralmente derruba nos resultados do concurso por poucos pontos a classificação da corporação. Quando a apresentação é feita em local fechado, como um ginásio de esportes, as corporações desfilam no trecho determinado pela Comissão Organizadora. Somente pessoas credenciadas e uniformizadas de cada corporação auxiliam na montagem e desmontagem de equipamentos, com tempo pré-estabelecido para isso ocorrer, antes e após uma apresentação. O não cumprimento do tempo em qualquer um dos pontos que compõe a apresentação implica em penalidades para a corporação, mediante o conhecimento do regente ou equipe de apoio.

Em grandes eventos, como campeonatos há regras específicas sobre a execução das peças musicais, bem como os procedimentos pré e pós apresentação. O Campeonato Nacional desponta com grandes corporações de destaque pelo país, a maioria são de Bandas Marciais, com variação entre as categorias técnicas, poucas fanfarras simples, importante também apresentar que raríssimas são as vezes que se apresentam corporações de ensino público. Quase que sua totalidade são de municípios e estados. O Portal Planeta Bandas Brasil, relata em um de seus artigos a diferença de fanfarras e Bandas Marciais:

A extensão das notas nos instrumentos das fanfarras é mais limitada que o das bandas marciais, que utilizam quase todos os instrumentos de sopro e de percussão e dessa forma executam qualquer tipo de música. Dessa forma, a melodia das fanfarras torna-se mais limitada e algumas vezes alterada em comparação a das Bandas Marciais. Porém, mesmo com características bem definidas, as duas formações musicais se superam com arranjos e melodias cada vez mais modernos, diferente das antigas bandas que se limitavam à execução de hinos e marchas cívicas (Planeta Bandas, 2019).

As Fanfarras se mostram tão importantes quanto outras modalidades de corporações musicais, não sendo insuficiente em nada, atualmente pouco referenciadas pelas autoridades

que se mostram contrarias a essa realidade, inviabilizando o desenvolvimento e mesmo a criação de projetos para as fanfarras. Ao desvincular a aula de música do ensino exclusivo de instrumentos e incentivar a prática musical, o desenvolvimento da percepção auditiva, surge uma esperança. É possível vislumbrar que, no futuro, essas abordagens possam conferir à fanfarra a mesma visibilidade que outras corporações musicais.

PP IFOR

#### 4 A FANFARRA ESTUDANTIL PÓLO

Para compreender a importância da relação entre a sociedade e a Fanfarra Estudantil Pólo revisitamos dados do histórico de eventos do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante, localizado na cidade de Paranavaí, estado do Paraná. Como Severino (1998, p. 81), “a educação só pode realizar-se através de mediações práticas que se desenvolvem a partir de um projeto educacional, vinculado, por sua vez, a um projeto histórico e social”. Essa inter-relação começa a ser compreendida a partir de registros do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio supracitado.

Segundo o que consta no referido documento, o Colégio foi inaugurado no dia 4 de novembro de 1974 pelo Governador do Estado do Paraná Emílio Gomes; pelo Secretário do Estado da Educação e Cultura Cândido Manoel Martins de Oliveira e o Prefeito Municipal de Paranavaí, Benedito Pinto Dias. Sobre a denominação de Unidade Polo de Paranavaí – Ensino de 1º Grau está situado na planta central da cidade. O nome de origem caracterizou-se como o registro oficial, mesmo após várias alterações na denominação, atualmente, muitos munícipes o chamam como “Colégio Pólo” (PPP, 2023, p. 13).

O documento registra que o Colégio foi projetado para atender alunos de 5ª à 8ª séries pela Lei Federal nº 5.692/71 (Brasil, 1971). Além da formação Geral, oferecia também Formação Especial para sondagem de Aptidões e Iniciação para o Trabalho, onde os alunos recebiam orientações de professores especializados em Oficinas: Técnico Comercial, Escritório-Modelo, Noções de Culinária, Indústria Caseira, Trabalhos Manuais, Horticultura e Jardinagem, Técnica Agrícola e Técnica Industrial (PPP, 2023, p. 13).

A primeira turma de alunos ingressou no ano de 1975 e em 1980, iniciou-se a proposta de fundação da fanfarra. Com isso, alunos e Comunidade Escolar realizam campanha entre as turmas, motivados pela então Diretora Professora Enevair de Lourdes Voidelo Gonçalves para a arrecadação de verbas e doações, que seriam destinados a compra de instrumentos para a fundação da Fanfarra e no ano seguinte foi efetivamente inaugurada a Fanfarra no Colégio, quando ocorreu a entrega de instrumentos, por turmas, tendo início os ensaios. A fotografia a seguir registra esse momento marcante, onde é possível observar alunos uniformizados, recebendo um tambor de uma mulher, provavelmente uma professora. A fotografia colorida e um pouco desbotada pela ação do tempo, foi feita ao ar livre e registra o momento histórico da materialização do que viria a ser uma das maiores fanfarras do município. O registro também mostra que o evento foi público e de caráter informal, sendo observado, ao longe, por outros jovens estudantes.

Figura 7 – Entrega de um instrumento musical (surdo médio), 1981



Fonte: Acervo da Pesquisadora Projeto inicial da Fanfarra (2024).

Podemos perceber que ocorreu o envolvimento dos alunos e professores, para a formação da fanfarra, imaginando que esse acontecimento foi algo bastante esperado, documentado por diferentes registros fotográficos que eternizaram aquele momento histórico.

Em 21 de dezembro de 1981 o nome da escola passa a ser Escola Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino de 1º Grau. No final da década, mais especificamente em 1989, houve a implantação do curso de 1ª a 4ª série do Ensino de 1º grau. Finalmente em 1990, com a implantação gradativa do curso de 2º Grau – Educação Geral, denominou-se Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino de 1º e 2º Grau. No início, a fanfarra contava com poucos alunos e, devido aos altos custos iniciais, o primeiro desfile foi realizado com agasalhos que faziam parte do uniforme cotidiano dos alunos.

Figura 8 – Integrantes da Fanfarra – Desfile 7 de setembro de 1982



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

No ano seguinte, graças a uma mobilização escolar e a ações entre amigos promovidas pela APMF, foi possível confeccionar o primeiro uniforme sob medida para a fanfarra, resultando em uma grande participação de alunos.

Figura 9 – Desfile 7 de setembro com o primeiro uniforme da Fanfarra, 1984



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Os preparativos para o desfile cívico sempre envolveram um alto nível de comprometimento por parte de todos os integrantes da fanfarra sendo percebido ao longo dos anos pelos registros encontrados.

O Projeto Político Pedagógico da instituição traz atos legais que embasaram esse processo. De acordo com esse documento, a criação do Curso de 2º Grau – Educação Geral – se deu através do Parecer nº 1.478/89 em 12 de dezembro de 1989 e foi autorizado pela Resolução nº 3.577/89 de 20 de dezembro de 1989, foi alterada a denominação para Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino de 1º e 2º grau. O Projeto Político Pedagógico mostra, ainda que tenha havido outros atos legais nos anos seguintes, garantindo a prorrogação e reconhecimento do curso de 2º grau em 1994, pelo Parecer nº 019/94 de 11 de fevereiro de 1994 e a Resolução nº 1.546/94 em 21 de março de 1994, publicado no Diário Oficial do Estado. A instituição cresceu e se modificou, sendo extinto em 1994 a oferta de aulas para a 1ª a 4ª séries (PPP, 2024).

No ano 2000 o projeto da Fanfarra foi integrado aos anexos do Projeto Político Pedagógico do Colégio, fomentando o registro de um Projeto Fanfarra, para desenvolvimento contínuo desta atividade extracurricular, mantida pela APMF do colégio (Anexo C).

Foram várias as mudanças internas e leis que fomentaram o envolvimento da Comunidade Escolar, influenciando também nos espaços físicos, para adequação da demanda

exigida para cada período e para o próprio projeto da Fanfarra. Existem apenas registros materiais nos periódicos, nos documentos sobre a última década, devido a cidade em determinado período ser atingida por fortes chuvas, várias instituições de ensino, inclusive o Colégio Pólo foi destelhado o bloco administrativo e perderam-se vários documentos oficiais e históricos.

Para contextualizar e explorar melhor este cenário histórico da pesquisa, trabalhamos com um acervo fotográfico onde foram selecionadas um total de 46 fotografias, agrupando-as nas seções que refletem aspectos significativos da Fanfarra, principalmente a trajetória ocorrida no período de 1998 a 2015, porém aparecem no acervo fotográfico fotos de registro do início deste projeto no Colégio Pólo, com o intuito de apresentar melhor a trajetória histórica e refletir a essência do meu estudo.

Essa escolha foi motivada pela relevância histórica e emocional das imagens, que não apenas documentam os eventos, ensaios em sala de aula, comemorações das vitórias com troféu, confraternizações, momentos de apresentações e desfiles, mas também evocam memórias e experiências compartilhadas. As fotografias, conforme destaca Le Goff (2003, p. 221), “[...] o entusiasmo pela fotografia, criadora de memórias e recordações, o prestígio da noção de patrimônio”. Permite que os observadores acessem e interpretem momentos que, de outra forma, poderiam ser esquecidos.

Além disso, a análise dessas imagens, realizada sob a ótica dos temas selecionados, contribui para uma compreensão mais profunda do contexto histórico e social em que se inserem Goff (2003, p. 402) argumenta que as memórias são fundamentais para a construção da identidade coletiva, afirmando que a fotografia “revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”.

Na obra de Kossoy (2021, p. 18), encontramos a afirmação

Todo ato de obtenção de um registro fotográfico tem seu desenrolar num dado momento histórico e num determinado espaço geográfico, portanto no interior de um contexto social, político, econômico e cultural. Um amplo campo investigativo, analítico e interpretativo se abre para a compreensão social e cultural do objeto fotografado e do seu respectivo registro no passado.

Somando sobre esse olhar das imagens, o que podem revelar, seja não apenas a realidade do instante em que foram tiradas, mas também os significados e as narrativas que elas carregam ao longo do tempo. Kossoy (2021) explana

A fotografia é um produto social e cultural que nunca deixará de ser suporte de um processo de criação/construção de realidades – seja em relação à vida social ou ao mundo material e imaterial ou à exploração estética e expressiva em si (Kossov, 2021, p. 33).

A inclusão do acervo fotográfico nesta dissertação, portanto não é apenas um recurso ilustrativo, mas uma estratégia metodológica que visa fortalecer a argumentação e aprofundar a análise. Buscando explorar não apenas as palavras, mas também as imagens que compõem este trabalho, reconhecendo a importância do olhar visual na pesquisa acadêmica. Dessa forma, ao explorar o acervo fotográfico, não apenas celebramos as memórias do passado, mas também refletimos sobre como elas influenciam a experiência contemporânea, enriquecendo a análise e a interpretação dos eventos aqui discutidos.

#### **4.1 A estrutura física da Fanfarra e do Colégio**

O Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto (EFMP) relata que desde a fundação da Fanfarra no ano de 1981, sempre foram destinados espaços físicos para guardar os instrumentos e pertences da manutenção do projeto. Demarcando os vários espaços, ora na ala do 2º Bloco, que pertence a parte administrativa, em um espaço restrito de almoxarifado.

Com a expansão do projeto e o aumento de aquisições de instrumentos, ainda no ano de 1986, estes materiais ficaram no 2 bloco, mas almoxarifado externo a parte administrativa. Com uma das reformas e ampliação da sala dos professores, no ano de 1997 foi retornado ao espaço administrativo, com uma sala maior e armários, pois precisavam ser guardados os uniformes que eram da aquisição da APMF do Colégio, por meio de promoções e festas.

Ao longo dos anos ocorreram diversas adequações e a otimização desses recursos e espaços, visando criar um ambiente propício ao aprendizado e à interação entre os membros da Comunidade Escolar. Como se apresenta no 2 bloco da instituição de ensino sempre ficou a parte administrativa, com a ampliação da demanda escolar e as mudanças nas Leis e Normativas para o ensino, a escola ampliou bastante seu atendimento.

Ocorreram diversas mudanças no espaço de armazenamento dos instrumentos musicais e materiais alusivos do projeto da fanfarra. Sendo sempre realizado na maioria das vezes os ensaios em período noturno e nos finais de semana, tanto nos sábados como nos domingos, ficou dos anos de 1997 até atualmente definida no espaço fora ao acesso administrativo, no 3º Bloco. A princípio dividia-se os materiais com os instrumentos da fanfarra na sala de Educação

Física, com abertura de porta de frente para a Quadra de esportes, facilitando também o acesso para os manuseios e ensaios.

Porém, tanto para os projetos extracurriculares esportivos, como para a Fanfarra não foram viáveis. E com a extinção do atendimento da parte diversificada oferecia também na Formação Especial para sondagem de Aptidões e Iniciação para o Trabalho, onde existiam as salas específicas das Oficinas: Técnico Comercial, Escritório-Modelo, Noções de Culinária, Indústria Caseira, Trabalhos Manuais, Horticultura e Jardinagem, Técnica Agrícola e Técnica Industrial. Estes espaços ficaram ociosos, sendo substituídos por sala de aula, Sala de Atendimento Multifuncional, Sala de Educação Física, e posteriormente Laboratórios.

Neste período foi separada as salas de Educação física permaneceram no mesmo espaço e a sala da Fanfarra foi para o antigo Laboratório das Técnica Industrial, era o ano de 1998. De acordo registro no Projeto Político Pedagógico da instituição, no tópico sobre os espaços escolares, que no bloco 3 existiam: 04 Salas de aula; 01 Laboratório de Física, Química, Biologia e Ciências; 01 Laboratório de Enfermagem; 01 Laboratório de Saúde Bucal, consultório com 02 cadeiras; 01 Laboratório de Prótese; 01 Laboratório de Estética; 01 Sala de Computação com: 07 Comp. Do Paraná Digital e 19 Comp. Do Programa Proinfo; 01 Sala Multifuncional – Tipo 1; 01 Sala Multifuncional – Surdez; 01 Sala de Apoio Escolar; 01 Sala de Vídeo e **01 Sala de depósito de instrumentos da fanfarra** (PPP, 2016, grifo nosso).

A referida sala foi inaugurada e utilizada especificamente para fins de ampliação e manutenção do projeto da Fanfarra Estudantil Pólo. Conforme segue abaixo, a mesma do ano de 1998 a 2015, foi organizada com balcões para acomodação dos instrumentos, caixa de ferramentas, e materiais dos diversos naipes de alegorias, adereços, troféus, bem como os uniformes e barretinas e uma lousa de quadro de giz. Com uma mesa ampla e várias cadeiras, 01 sofá (doação de algumas mães). Este espaço além de acomodar todos os materiais específicos do projeto, era destinado a ensaios, reuniões e confraternizações dos integrantes, seja após os ensaios, apresentações, comemorações diversas e viagens o ambiente proporcionava um espaço acolhedor para interações pós-ensaios, fortalecendo a união e o espírito de equipe entre os participantes.

Figura 10 – Confraternização na “Sala da Fanfarra”, 2000



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Os ensaios ocorriam na quadra aberta da escola, e quando foi realizada a cobertura de uma das quadras, também ocorria na quadra coberta. A cada início de novo ano, ou mesmo música nova, os ensaios a princípio ocorriam em salas de aula, com todos para orientações gerais, ou divididos por grupos, naipes ou mesmo as suas especificidades como balizas e corpo coreográfico.

Figura 11 – Naipes de cornetas, treinos e ensaios em sala de aula, 2002



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Alguns materiais de estudos foram adaptados para que cada integrante pudesse progredir nos estudos individuais e no grupo do naipe em que pertenciam.

Acima, observamos que os integrantes do corpo musical estavam separados por grupos de instrumentos afins, naipe de cornetões, com um dos alunos do mesmo grupo auxiliando nos ensaios, repassando e treinando a música a ser executada.

Quando os resultados começaram a surgir, a sensação de realização era indescritível. Cada troféu conquistado representava o reconhecimento pelo esforço e dedicação investidos durante cada ano, todos os ensaios e preparação. Era a confirmação de que todo o trabalho árduo, os longos dias de organizações, os sacrifícios e as superações haviam valido a pena. Os resultados alcançados, como os campeonatos vencidos, eram a recompensa tangível de uma jornada repleta de desafios superados.

Figura 12 – Comemoração com o troféu, resultado do Concurso São Matheus do Sul, 2000



Fonte: Acervo particular da Pesquisadora (2024).

O processo de aperfeiçoamento era árduo, exigindo horas de prática intensa e dedicação. Cada nota errada era uma oportunidade de aprendizado, e cada falha era um incentivo para buscar a excelência. Os ensaios eram meticulosamente planejados, com o objetivo de identificar pontos fracos e aprimorar habilidades específicas. A persistência era fundamental, pois os resultados não vinham imediatamente. Era necessário paciência e perseverança para alcançar os resultados do conjunto, e mais a busca pela melhoria não se limitava aos troféus. Era um processo contínuo, uma jornada de autodesenvolvimento e superação. Mesmo nos momentos em que os resultados não eram tão evidentes, o desejo de progredir mantinha-se vivo.

À medida que os troféus se acumulavam, a confiança aumentava e a motivação se renovava. Cada conquista impulsionava a vontade de ir além, de explorar novas fronteiras e desafiar os limites do possível. Era um ciclo virtuoso de melhoria constante.

Tornou-se tradição de 1998 a 2015, sempre ao término do Desfile 7 de setembro ser servido no refeitório do colégio almoço para os integrantes da fanfarra e equipe de apoio.

Para estimular e ofertar um conagraçamento, após o Desfile 7 de setembro, os alunos da fanfarra eram agraciados com um almoço, até porque geralmente no período da tarde e ou noite no mesmo dia eram feitas novas apresentações em municípios vizinhos.

#### 4.2 O histórico da Fanfarra Estudantil Pólo e as conquistas

A Fanfarra Estudantil Pólo foi fundada em 1981 como uma atividade extracurricular do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino Fundamental e Médio – Unidade Pólo de Paranaíba, Núcleo Regional de Educação de Paranaíba. Desde sua fundação até o ano de 2015, a fanfarra variou de 45 a 90 participantes, com uma média de 40 músicos instrumentistas. Os demais integrantes estavam distribuídos entre a linha de frente, corpo coreográfico, balizas, porta-bandeiras, destaques e porta-estandarte.

A Fanfarra Estudantil Pólo foi um dos grandes destaques do Colégio, alcançando êxito e elevando a imagem tanto da instituição quanto do município, sempre realizava a abertura da Semana da Pátria apresentando a sua comunidade, aos alunos na quadra de esportes. Suas apresentações se destacaram não apenas em Paranaíba, mas também em diversas cidades da região noroeste, em todo o Estado do Paraná, e até em outros estados.

A cada início de semana cívica, ocorriam apresentações primeiramente a Comunidade Escolar. Abaixo, abertura da Semana da Pátria (2001) na quadra do Colégio, apresentação para a Comunidade Escolar, pais, alunos, professores, funcionários e algumas entidades convidadas, sentados na arquibancada. Fanfarra na execução do Grito de Guerra.

Figura 13 – Apresentação da Fanfarra na abertura da Semana da Pátria para a Comunidade Escolar, 2001



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Neste período, a participação tornou-se restrita a alunos frequentes na escola, inicialmente com percussão, e, posteriormente, com a introdução de liras, a princípio duas, ano seguinte passaram-se para quatro. A Figura 14, da apresentação de 1997, ocorrida em frente à Prefeitura Municipal de Paranavaí, ilustra um tradicional encerramento da Semana da Pátria, onde as fanfarras do município se apresentaram com entusiasmo.

Esses eventos não apenas celebravam a cultura local, mas também promoviam um senso de comunidade e pertencimento entre os estudantes, pais envolvidos, e pessoas do município compareciam, pois as apresentações das corporações musicais tinham mais tempo para se apresentarem, fazendo a performance completa em frente ao Paço Municipal, fortalecendo laços sociais e incentivando a disciplina e o trabalho em equipe. A música, portanto, funcionou como um veículo para a expressão coletiva, permitindo que os alunos se conectassem com suas raízes e com os valores cívicos da sociedade.

Segue, a figura do encerramento da semana cívica, 1997, em frente a prefeitura municipal de Paranavaí.

Figura 14 – Fanfarra com percussão e Lira, 1997



Fonte: Acervo particular da Pesquisadora (2024).

No ano de 1998, o desfile que estava programado para o dia 7 de setembro teve que ser adiado devido às condições climáticas desfavoráveis, choveu no dia, conforme periódico Diário do Noroeste, abaixo. Assim, o desfile foi reagendado para uma data posterior, permitindo que o evento ocorresse em condições mais adequadas, conforme foi noticiado pelo jornal Diário do Noroeste (1998). O mesmo periódico fez a cobertura do evento, quando foi realizado posteriormente. As fotografias públicas ilustram a sua grandiosidade.

Figura 15 – Desfile 7 de setembro comemorado em data posterior devido as chuvas



Fonte: Diário do Noroeste (1998, p. 4).

A saída da Fanfarra sempre ocorria de dentro do Colégio, seja para apresentações no município, que nestes momentos já saíam uniformizados, ou mesmo em outras cidades que dependendo da distância eram realizadas as organizações necessárias, mas os ônibus saíam de frente ao estabelecimento de ensino. Bem como em momentos para os desfiles, conforme a Figura a seguir:

Figura 16 – Fanfarra em posição de saída para a apresentação do Desfile 7 de setembro de 1999



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Durante vários anos, os uniformes da fanfarra foram os mesmos. Apesar dos esforços de manutenção e cuidado, devido à permanência de vários alunos ao longo dos anos, não era viável que todos ficassem com o mesmo uniforme, sendo necessário repassá-los para outros

alunos. Com o passar do tempo, os cordões e passamanarias dourados acabaram desbotados, perdendo o brilho e a aparência original.

A troca de uniformes tornou-se uma pauta constante nas reuniões com a equipe diretiva da escola. Com essa preocupação, os próprios alunos se organizaram e ajudaram uns aos outros, inclusive na troca de sapatos. No ano em questão, os alunos decidiram pintar a parte central dos sapatos pretos com tinta acrílica, buscando melhorar a apresentação e trazer algo novo ao conjunto. Essa iniciativa contou com a colaboração da coreógrafa e de um grupo de alunos da comissão e equipe de apoio, que trabalharam em conjunto para realizar essa melhoria estética.

Essa ação demonstrou o espírito de equipe e a dedicação dos alunos em melhorar o visual da fanfarra. Mesmo diante das limitações e dos recursos disponíveis, eles encontraram soluções criativas e colaborativas para elevar o aspecto visual do grupo. Essa iniciativa também refletiu o compromisso dos alunos e da equipe em buscar constantemente o aprimoramento e a excelência em suas apresentações em 1998.

Ademais, a partir do ano de 1998, houve um aumento significativo no investimento por parte da APMF e um maior envolvimento da Equipe Diretiva. Os integrantes que se destacavam pelo seu desempenho e dedicação passaram a se reunir nos finais de semana, em ensaios mais prolongados, e levando os instrumentos de metais para realizar ensaios individuais em suas próprias residências, durante a semana. Essa prática trouxe resultados positivos a cada novo ano.

Com o apoio financeiro e administrativo da APMF, a fanfarra pôde adquirir novos instrumentos, reformas deles, oferecer melhores condições de estudo e ampliar suas atividades. O envolvimento da Equipe Diretiva também foi essencial, pois eles reconheceram o potencial da fanfarra e trabalharam em conjunto com os dirigentes, estimulando os integrantes para alcançar o sucesso, auxiliando também em aquisições importantes para este crescimento.

Os ensaios individuais e os ensaios de finais de semana permitiram que os músicos que tocavam cornetas se aprimorassem em seus instrumentos, desenvolvessem suas técnicas e explorassem novas possibilidades musicais. Essa dedicação e comprometimento refletiram-se nos resultados obtidos pela fanfarra a cada ano que se passava. Dessa forma, a partir de 1998, a fanfarra experimentou um crescimento notável, impulsionado pelo investimento da APMF, pelo envolvimento da Equipe Diretiva e pelo esforço individual dos integrantes, que dedicavam seu tempo livre aos ensaios, alguns dispunham verba para a manutenção de seus instrumentos e ao aprimoramento musical.

Portanto, a interação entre os membros da fanfarra criou um ambiente de aprendizado colaborativo, onde os mais experientes podiam compartilhar conhecimentos e técnicas com os

iniciantes. Essa troca não apenas aprimorou as habilidades musicais de todos, mas também fortaleceu o espírito de companheirismo do grupo, criando um senso de camaradagem que se refletia nas apresentações.

O suporte mútuo e a motivação coletiva foram fundamentais para que os integrantes se superassem continuamente, elevando o nível das performances e solidificando a fanfarra como um orgulho para a comunidade. Assim, a música se tornou não apenas uma forma de expressão artística, mas também um agente transformador na vida dos jovens envolvidos.

Abaixo as duas fotos que se seguem representam o Desfile 7 de setembro de 2001, com 45 integrantes no corpo musical. Com Cornetas e Cornetões, rompiam a abertura da apresentação com a música *The Wall* (Pink Floyd). Na execução de entrada a Linha de Frente, pavilhão nacional e destaques executavam a marcialidade na marcha com dedicação. E o corpo coreográfico, também em maior número contando com 16 componentes.

Figura 17 – Fanfarra em apresentação do Desfile 7 de setembro de 2001



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

A figura a seguir, também de 2001, registra o desempenho do corpo coreográfico, utilizando o adereço de óculos de sol, inovando a apresentação na música de abertura executada, em frente ao palanque das autoridades.

Figura 18 – Corpo coreográfico em Desfile cívico de 2001



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

A Fanfarra Estudantil Pólo (FAESPO) foi responsável por abrilhantar, ao longo de vários anos consecutivos, a abertura da Semana da Pátria em frente à prefeitura municipal. Além disso, em algumas ocasiões, a fanfarra também encerrava a semana cívica. Nessas apresentações, os integrantes da FAESPO compareciam vestindo uniformes esportivos, com camisetas, estas a vários anos eram confeccionadas em cores diferentes, que exibiam o símbolo da fanfarra, proporcionando uma identificação clara dos membros e destacando a corporação em uma aparência mais casual e unificada.

Figura 19 – Abertura cívica em Frente a Prefeitura, 1999



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Quando eram realizadas apresentações em diferentes municípios da região, essas municipalidades, em sua grande maioria, se responsabilizavam pelo transporte de ida e retorno desses instrumentistas, e demais integrantes da corporação.

Entre os municípios que foram realizadas as apresentações estão: Nova Olímpia, Japurá, Rondon, Nova Aliança do Ivaí, Guairaçá, Paraíso do Norte, Nova Londrina, Mandaguaçu, Inajá, Ademar de Barros, Terra Rica, Santo Antônio do Caiuá, Mirador, Amaporã, Guaporema, Nova Esperança, Maringá (inauguração da Avenida Horácio Racanello), Paranacity (nesta cidade fomos quatro anos seguidos no 7 de setembro a tarde, a cidade não possuía fanfarra). Em apresentações como essa havia a linha de frente, como está na foto a seguir, com o estandarte em destaque e ao fundo corpo coreográfico.

Por ocasião de uma apresentação, no retorno, resolvemos tirar uma foto para registro, no Estádio Waldomiro Wagner, na cidade de Paranaíba

Figura 20 – Pausa para registro de retorno de apresentação, 2000



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Diante do palanque reservado às autoridades, geralmente ocorriam um espaço maior destinado às apresentações das fanfarras. A Figura abaixo representa este momento, com o naipe de cornetões em uma coreografia sincronizada, acompanhando a música de abertura da apresentação da FAESPO. Essa disposição facilitava nas festividades uma melhor organização e um espetáculo visual que cativava o público.

Figura 21 – Apresentação em Desfile 7 de setembro em recuo em frente às autoridades, 2000



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Durante as apresentações diante das autoridades, a FAESPO seguia uma disposição estratégica. A linha de frente era dividida, com o Pavilhão Nacional e o Estandarte posicionados à frente, em um local de destaque. O corpo coreográfico ocupava o centro da rua, enquanto as balizas e outros destaques ficavam no fundo da fanfarra, localizados na área central onde as autoridades estavam posicionadas. De acordo com o registro do momento abaixo, corpo coreográfico em momento de sincronismo da execução de uma coreografia.

Figura 22 – Corpo coreográfico em execução de coreografia, 2000



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Essa organização cuidadosa garantia que o Pavilhão Nacional, o Estandarte, Mór, o corpo coreográfico e as balizas recebessem a devida visibilidade, cada um cumprindo seu papel na representação da FAESPO. Era uma forma de demonstrar respeito, patriotismo e habilidades artísticas perante as autoridades e a comunidade presente nas celebrações.

Na foto abaixo, podemos ver as balizas realizando uma apresentação na rua Pernambuco, local onde ocorriam os desfiles durante as datas que foram foco de nossa pesquisa. Esse momento específico representa o ano de 2000, podemos verificar pela Figura, que muitas pessoas ficavam nas calçadas apreciando.

Figura 23 – Apresentação de Balizas, 2000



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Ao longo dos anos, a Fanfarra Estudantil Pólo acumulou inúmeras conquistas em festivais e concursos, destacando-se em diversas competições. Entre os principais êxitos conquistou o primeiro lugar no I e II Concursos de Fanfarras e Bandas do Município de Santa Isabel do Ivaí.

Após o início dos trabalhos, que estive realizando o acompanhamento deste projeto do ano de 1994, acompanhei o desenvolvimento da fanfarra. Naquela época, a fanfarra contava apenas com instrumentos de percussão, enquanto as cornetas, que anteriormente faziam parte dos instrumentos, estavam em péssimo estado de conservação. A maioria delas estava desgastada, emperrada ou amassada. Além disso, muitos dos alunos que integravam a fanfarra

até então não eram mais estudantes da escola e haviam deixado de participar, no caso dos instrumentistas de metais, nenhum mais estava presente.

Com uma nova leva de alunos que nunca havia feito parte da fanfarra, iniciou-se uma nova fase que exigia uma organização cuidadosa para o ensino e aprendizado dos instrumentos, tanto para os novos integrantes quanto para os demais membros. Começamos pelo ensino dos ritmos na percussão no ano de 1994, de 1995 a 1997 percussão com Liras e, na sequência dos anos de 1998 a 2015, após o progresso, passamos para os instrumentos de metais, os quais demandavam mais tempo e dedicação para serem dominados.

Foi necessário um novo investimento por parte da Associação de Pais e Mestres (APMF) da escola para a compra desses instrumentos de metais, a aquisição de grande parte foi realizada diretamente na Fábrica da Weril.

O investimento foi apreciado dando resultado a novas conquistas, sagrou-se campeã nos I, II e III Concursos de Bandas e Fanfarras do município de Paranaíba. Foi campeã no I Concurso de Fanfarras de Japurá e no I Concurso de Bandas e Fanfarras de Cruzeiro do Oeste, no ano de 1999.

Figura 24 – Encerramento do Campeonato de Cruzeiro do Oeste, 1998



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

No dia 28/08/1998, conforme foto acima, ano que foram inclusas cornetas, é destaque na reportagem do Diário do Noroeste. A reportagem relata que no dia 23 de agosto, a fanfarra sagrou-se Tricampeã na categoria simples. No concurso realizado na cidade de Cruzeiro do Oeste, concorrendo com as cidades de Japurá, Cambé, Guaíra, Foz do Iguaçu e Alto Piquiri. A comissão de frente também campeã, concorreu com 18 cidades.

Obteve o 1º Lugar para Mór de Comando e 1º Lugar para a Fanfarra no I e II Concursos de Bandas e Fanfarras do município de Cidade Gaúcha, nos anos em que segue (1998 e 1999). No I Concurso de Bandas e Fanfarras no município de Guaporema, conquistou os títulos de Melhor Baliza, 1º Lugar para Corpo Coreográfico e 1º Lugar para a Fanfarra. Também no mesmo ano, no município de Palotina, sagrou-se campeã na Linha de Frente, Melhor Corpo Coreográfico, Melhor Baliza e 1º Lugar para a Fanfarra, ano de 1999.

Em 2000, a equipe sagrou-se campeã no Campeonato de São Matheus do Sul, no Paraná. Diversas vezes, mesmo tarde da noite e com frio, a mesma alegria era compartilhada durante a espera pelos resultados.

Após a conquista de diversos troféus no Campeonato Paranaense, a FAESPO realizou um sonho compartilhado por integrantes, coordenadores do projeto, direção e Comunidade Escolar. Em reconhecimento a esse feito, a direção do colégio providenciou uma placa em homenagem aos integrantes da fanfarra. A foto que segue registra esse momento especial, eternizando a celebração da vitória em 2001.

Figura 25 – Pausa para registro, com placa de Campeã Paranaense, 2001



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Em 2001, a fanfarra alcançou grandes conquistas no cenário paranaense. Neste ano, cada aluno integrante do corpo musical do naipe dos metais recebeu uma pasta com as músicas, acompanhadas da denominação de cada nota, para facilitar o aprendizado da altura e do timbre de cada instrumento que tocavam.

Essa abordagem inovadora foi uma estratégia do maestro e músico Trompetista Wagner Rodrigues Liones, para melhorar e otimizar o tempo de aprendizagem dos alunos, permitindo que eles desenvolvessem suas habilidades de forma mais eficiente. Além disso, essa prática

fomentou a autonomia dos estudantes, incentivando-os a praticar em casa e a se tornarem mais confiantes em suas performances.

A FAESPO, foi campeã do Campeonato Paranaense da Federação Paranaense de Bandas e Fanfarras, recebendo os títulos de Melhor Corpo Coreográfico, 1º Lugar na Linha de Frente e 1º Lugar para Baliza. Além disso, foi reconhecida como a Melhor Fanfarra Infanto-Juvenil e conquistou o 1º Lugar para o Corpo Coreográfico pela União Cívica Feminina do Estado do Paraná. O alojamento destinado para a FAESPO foi o Quartel do Exército do destacamento do Pinheirinho – Curitiba.

Na sequência, foto nas dependências do quartel, com mães ao lado, e algumas alunas já prontas para a saída da corporação para o evento na quadra da Praça Oswaldo Cruz.

Figura 26 – Pausa para registro, saída da corporação para evento UCFP, 2001



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Essas vitórias destacaram a excelência e o talento da fanfarra no ano de 2001, além de evidenciar os desafios enfrentados ao longo do caminho. Destarte, as imagens abaixo representam um registro publicado na Revista Magníficas BR, Bandas e Orquestras, de dezembro de 2001, que trazia os resultados dos campeonatos estaduais realizados em todo o Brasil, incluindo os resultados significativos obtidos no Paraná.

Essas conquistas não apenas celebraram o esforço e a dedicação dos músicos, mas também solidificaram a reputação da fanfarra como uma das melhores do estado, inspirando novas gerações a se envolverem com a música e a arte. O Campeonato Paranaense “foi abraçado

pela União Cívica Paranaense que cedendo toda a infra-estrutura, de seu conhecido concurso, proporcionou a Federação Paranaense [...]” (Storck, 2001, p. 22).

Figura 27 – Resultado Campeonato Paranaense de Fanfarras e Bandas, 2001



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

A Revista Magníficas relata os resultados obtidos no Campeonato Paranaense e a pontuação alcançada para a Etapa Nacional, que foi realizada em três etapas, separando assim as corporações participantes. Para esse campeonato, a FAESPO contou com o apoio da Secretaria Municipal de Esportes e de Educação, que cedeu um ônibus, mas que não comportava toda a fanfarras.

Com isso, a APMF solicitou apoio a empresas locais, que prontamente contribuíram cedendo outro ônibus, permitindo que todos os integrantes pudessem participar dessa importante competição. Essa colaboração entre a fanfarras e a comunidade local não apenas facilitou a logística do evento, mas evidenciou o comprometimento da cidade com a promoção da cultura e da educação musical neste ano. Além disso, a união de esforços foi fundamental para garantir que a fanfarras pudesse representar nosso município com dignidade e entusiasmo no cenário nacional.

Dessa forma a fanfarras participou do IX Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras em Taubaté/SP, onde alcançou a 9ª posição como Melhor Fanfarras Infância-Juvenil e 6ª como Melhor Corpo Coreográfico do Brasil. Durante o Concurso Nacional de Bandas e Fanfarras, realizado em Taubaté-SP, conforme registro da figura abaixo, mostra a Porta Estandarte à frente do palco principal dos jurados. Ao lado, um pai da equipe de apoio vestia a camiseta da fanfarras.

À frente, no chão, estavam os materiais da baliza sendo avaliada, e ao fundo, o corpo coreográfico executando a coreografia da peça musical.

Figura 28 – Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras, 2001



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Os momentos registrados neste ápice da corporação em execução, concorrendo com corporações de todo país, a única de escola pública, no Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras, realizado em Taubaté-São Paulo, em 2001, a figura que se segue, retrata o momento da apresentação da baliza, sendo cuidadosamente avaliada pelos jurados, uma de frente a baliza com a planilha de quesitos nas mãos, enquanto ao fundo o corpo musical executa sua performance.

Figura 29 – Baliza avaliada no Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras, 2001



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Entre os anos de 2001 e 2002, a Fanfarra passou por uma importante mudança em seus uniformes. Levando em consideração o alto custo envolvido, a substituição dos uniformes foi feita de forma gradual, pelas promoções que a APMF realizava, iniciando pelo corpo musical. Nessa atualização, as novas cores adotadas foram o azul royal, o branco e o dourado.

Uma das mudanças notáveis foi a parte superior dos uniformes, que passou a ser mais longa, seguindo o estilo em voga em diversas outras corporações. As coberturas de cabeça, conhecidas como barretinas, permaneceram as mesmas, mas os penachos receberam um toque adicional na cor azul. Os calçados também permaneceram na cor preta, pois eram dos próprios alunos, como ilustrado na foto abaixo. Ao fundo, é possível visualizar o estandarte, que também manteve-se o mesmo no tom preto.

A cobertura das cabeças das porta estandartes, linha de frente também foram sofrendo alterações, com a troca de casquetes para quepes, abaixo aluna em apresentação, ano 1999. Os quepes eram customizados pelas integrantes, ocorrendo destaque para cada posição, e de acordo com os adereços das vestimentas. Essas modificações trouxeram uma nova estética e uniformidade para a Fanfarra, mantendo ao mesmo tempo alguns elementos tradicionais, e preservando a identidade histórica da corporação. O resultado final foi uma atualização dos uniformes, que combinava elementos contemporâneos com elementos clássicos, proporcionando uma imagem renovada e marcante para a FAESPO.

Figura 30 – Primeiro desfile com uniforme azul, 2000



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Acima o maestro apresentando a corporação frente às autoridades, a Fanfarra com novo uniforme. Posteriormente, a linha de frente, composta por balizas, mór e corpo coreográfico, também teve seus uniformes atualizados, preservando parcialmente as cores originais ao incluir detalhes e adereços na cor azul. Na foto abaixo, é possível perceber essa transição no corpo coreográfico da fanfarra.

Figura 31 – Corpo Coreográfico em transição de cores e uniformes, 2020



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Ao final dos desfiles cívicos, muitas pessoas também acompanhavam a fanfarra que no término do desfile tocava novamente alguma música de seu repertório. O repertório era sempre renovado e eclético, incluindo músicas como Primeiros Erros, Alvorada, La Paloma, Índia, Perfídia, É Preciso Saber Viver, I'm A Believer, Hyde Park, marchas rítmicas diferenciadas, dobrados de marcha para fanfarra, Another Brick in the Wall, entre outras. Costumava-se na sequência dos desfiles fazer uma pausa para que os integrantes pudessem tirar fotos e cumprimentar amigos e familiares, descansar um pouco e retornar ao ônibus que os trariam de volta ao Colégio, para o famoso almoço de confraternização.

Em 2002, a fanfarra sagrou-se BICAMPEÃ Paranaense em Londrina, obtendo 1º Lugar para Baliza, 2º Lugar para Mór de Comando, 1º Lugar para Corpo Coreográfico e 1º Lugar na Linha de Frente.

Conforme segue, final de festa, muito cansaço, mas dever cumprido, concurso Londrina, em 2002.

Figura 32 – Pausa para foto no Campeonato em Londrina, 2002



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Nos dois anos que se seguiram deste Campeonato na cidade de Londrina as Balizas conquistaram troféus. Entre 2002 e 2003, foi Campeã Geral nos I e II Concursos de Bandas e Fanfarras da Cidade de Londrina. Nestes dois anos que se seguiram, os participantes se apresentaram dentro do Ginásio de Esportes do Colégio Marista.

Figura 33 – Apresentação no Campeonato em Londrina, 2002



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Em 2003, sagrou-se Campeã Fanfarra e Vice-campeã Corpo Coreográfico, 1º Lugar para Mór de Comando e Melhor Linha de Frente no I Concurso de Balsa Nova. No retorno, após o Concurso na cidade de Balsa Nova, o ônibus em que se encontravam a linha de frente, o corpo coreográfico e as balizas quebrou, causando uma parada inesperada. Ficamos aguardando por meio período do dia até que a empresa enviasse o socorro necessário. Nesse intervalo, todos nós nos juntamos para fazer uma vaquinha e comprar o almoço. Apesar das situações inusitadas, esses eventos fortaleceram os vínculos entre o grupo.

Nos anos de 2003 e 2004, a fanfarra obteve 1º Lugar para Mór de Comando, 1º Lugar na Linha de Frente, Melhor Corpo Coreográfico e Campeã Geral nos II e III Concursos de Bandas e Fanfarras do Município de Guaporema. No ano de 2004, a fanfarra brilhou novamente no desfile, agora a corporação toda estava nas cores, azul royal, branco e dourado, inclusive todos os adereços e adornos, o estandarte toma nova forma.

No ano de 2005 o desfile aconteceu no Estádio Waldomiro Wagner, conforme segue a figura na entrada da apresentação,

Figura 34 – Desfile cívico, no estádio Waldomiro Wagner 2005



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Nesta imagem também se vê ao fundo na arquibancada pessoas assistindo ao evento, grande quantidade de crianças e jovens das escolas.

Ainda neste ano de 2005, conforme também ocorriam em outros eventos e anos, seguiu-se a tradicional pausa, quando todos os participantes se reuniram para tirar uma foto em

conjunto, dedicada ao registro do grupo, juntos também aparecem o Diretor Alziro Melli Lopes e Diretora Auxiliar Angela Dosso do Colégio.

Figura 35 – Pausa para a corporação tirar fotos juntos no desfile cívico, no estádio Waldomiro Wagner, em 2005



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Em 2009, devido a problemas diversos e à gripe Influenza A H1N1, a fanfarra suspendeu seus ensaios, reduzindo suas apresentações. No entanto, em 2010, voltou a brilhar, sendo Campeã Geral no I Concurso de Bandas e Fanfarras de Paraíso do Norte e BICAMPEÃ nos concursos de Banda e Fanfarras da cidade de União da Vitória.

Em 2011, conquistou 1º Lugar para o Corpo Coreográfico, 1º Lugar para Mór de Comando, 1º Lugar na Linha de Frente e Melhor Fanfarra Infanto-Juvenil na I e II Copa Enviro-Chemie no município de Santa Fé. Nos anos de 2011 e 2012, foi reconhecida como a Melhor Fanfarra Infanto-Juvenil, 1º Lugar para Corpo Coreográfico e Melhor Baliza nos I e II Concursos de Bandas e Fanfarras do Município de Rondon.

Em 2012, no Dia da Independência do Brasil, a concentração dos integrantes da FAESPO para o Desfile 7 de setembro, não foi diferente, ocorreu na frente do colégio, local estratégico próximo duas quadras do início do desfile cívico da cidade. Durante esse período de concentração, os organizadores realizavam a última verificação dos integrantes, ajustes finais nos uniformes e instrumentos, e passaram as orientações finais aos mesmos.

Nos campeonatos organizados pela Federação Paranaense de Fanfarras e Bandas, a fanfarra acumulou os títulos de PENTACAMPEÃ Paranaense, TRICAMPEÃ Paranaense de

Melhor Baliza, TETRACAMPEÃ Paranaense de Corpo Coreográfico, BICAMPEÃ Paranaense de Mór de Comando e BICAMPEÃ Paranaense de Linha de Frente, não ocorrendo em anos consecutivos, mas a única na categoria no estado. E a cada nova conquista, alterava-se a placa que acompanhava nos desfiles e nas apresentações,

Figura 36 – Placa de Bi-Campeã Paranaense no desfile cívico, 2002



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Continuando sua trajetória de sucesso, em 2013, a Fanfarra Estudantil Pólo sagrou-se PENTA CAMPEÃ PARANAENSE, consolidando sua posição como uma das mais destacadas corporações musicais do estado.

Figura 37 – Pausa para a corporação tirar fotos juntos abertura da semana cívica para a comunidade do colégio, 2015



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Registro de saída para o Desfile 7 de setembro de 2015, vários ex-alunos do colégio, que retornaram aos ensaios para auxiliarem os alunos novos a aprenderem os instrumentos de metais,

Figura 38 – Foto integrantes de metais, 2015



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Em preparação para o Desfile 7 de setembro de 2015, o naipe de percussão da escola também foi ampliado. Para essa ocasião, alguns ex-alunos retornaram para auxiliar na orientação dos novos alunos participantes. Essa interação entre veteranos e iniciantes proporcionou uma valiosa oportunidade de aprendizado e integração, fortalecendo o espírito de colaboração do grupo.

Figura 39 – Integrantes de percussão, 2015



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Antes da saída para o desfile ou apresentações, nós instrutores sempre organizávamos um aquecimento inicial, principalmente para o naipe de metais. O objetivo era proporcionar aos músicos a oportunidade de aquecer e preparar seus instrumentos, buscando melhorar o desempenho desde as primeiras notas. Conforme lembra o Integrante F (2023) “As vantagens foram as amizades que construí e sensações inexplicáveis de cada apresentação que era feita”.

Na foto abaixo é possível observar a organização dos integrantes do corpo musical posicionados em frente ao colégio, prontos para a saída. À frente, encontrava-se a mór de comando, liderando o grupo. Esse momento de preparação estratégica permitia que todos os participantes, desde os membros da linha de frente até a equipe de comando, estivessem alinhados e prontos para iniciar a apresentação ou desfile com excelência.

Figura 40 – Integrantes da Fanfarra, corpo musical, em frente a saída do Colégio, 2015



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

O corpo coreográfico neste desfile cívico de 2015, trouxe novidades. As alunas exibiam orgulhosamente seus novos vestidos, adquiridos por escolha unânime delas próprias. Essa aquisição foi possível graças à doação de serviços de costura realizada por uma das mães envolvidas.

Reunidas para foto, as integrantes aguardavam ansiosamente o sinal de início do desfile. Os uniformes recém-adquiridos conferiam ainda mais elegância e unidade ao grupo, refletindo o comprometimento e a dedicação das jovens estudantes.

Essa iniciativa conjunta, envolvendo as alunas e a Comunidade Escolar, demonstrava o espírito de colaboração e a valorização das manifestações culturais presentes no evento cívico. Todos os envolvidos se empenharam para que o corpo coreográfico pudesse se apresentar com destaque durante o desfile.

Figura 41 – Corpo Coreográfico da FAESPO 2015



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Outrossim neste ano de 2015, o Pavilhão Nacional foi exibido com orgulho pelas guardas de honra. Para essa ocasião, os adereços utilizados pelas mesmas foram diversificados, buscando-se melhorar o estilo e adquirir novos designs, agora todas com escudos ao meio uma pomba, que levava ao bico um galho de oliveira.

Além dos uniformes destacarem os dourados, os integrantes das guardas portavam elegantes escudos, conferindo ainda mais imponência à apresentação do Pavilhão Nacional. Esse cuidado com os detalhes dos adereços refletia o empenho em valorizar a simbologia e a solenidade do momento. A harmonia entre os elementos visuais e a performance dos músicos criava uma atmosfera de reverência, capturando a atenção do público e reforçando o orgulho e a identidade nacional presentes em cada apresentação.

Figura 42 – Pavilhão Nacional e guarda de honra, FAESPO, 2015



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Saída para o desfile, já na rua Pernambuco, com a apresentação de música de abertura.

Figura 43 – Apresentação em meio ao desfile, FAESPO, 2015



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Pausa durante o desfile cívico, enquanto as corporações que vão à frente apresentam, no palanque de autoridades, a FAESPO apresenta durante o percurso também, aproveitando os momentos de distanciamento, no desfile cívico.

De nossas memórias, recuperamos o que costumeiramente era feito, o grito de Guerra ao iniciar cada apresentação, sempre puxado por um aluno, no intuito de já destinar novas

lideranças de naipes e na corporação musical. Segundo o Integrante M (2023), sobre este assunto, relatou

Só de lembrar a emoção aflora! Lembro muito quando cheguei que o [...] pedi para participar tocando surdo. Depois de uma certa resistência fui permitindo. Eu sempre me dediquei e me dedico tudo ao que faço e logo fui conquistando a confiança [...] participando cada vez mais da vida da FAESPO. Logo o Wagner já me convidou para puxar os gritos de guerra até porque eu falava alto (risos). [...] fui me tornando uma liderança e referência dentro da fanfarra e da escola.

E pela entonação de voz alta sobressaindo da corporação musical ora para buscar forças numa concentração necessária para a conquista de um troféu nos campeonatos, a fanfarra rompia a marcha no ritmo:

É um, (resp.) é um...  
 é dois, (resp.) é dois.  
 É três, (resp.) é três:  
 (coro) é um dois três(bis),  
 alô Plateia, óh Povo da Cidade,  
 a Fanfarra da Pólo é a novidade(bis),  
 a Fanfarra da Pólo chegoou,  
 com brilho e muita raça entrou,  
 a Fanfarra da Pólo chegoou,  
 com brilho e muita raça entrou,  
 Fanfarra com garra,  
 Póolo, Póolo,  
 ipi ipi urra, ipi ipi urra.  
 FA ES PO

E as crianças crescem, muitas delas conviveram vários anos, saíram, retornaram, e outras registraram em suas memórias momentos importantes e significativos, mesmo no auge de suas apresentações, a fanfarra, já ecoava o som das vozes pelo desempenho de um trabalho da música pela Fanfarra Estudantil Pólo com o descanso dos braços e descanso dos bocais, e costume no coro: “Senti um dia em meu coração, uma enorme forte alegria, tocar Fanfarra era tudo que eu queria, tocar Fanfarra era tudo que eu queria. E eu tocando, todos vão dizer, e eu tocando todos vão dizer. Sentimos muito orgulho de você! Sentimos muito orgulho de você, FA ES POOO!”.

### 4.3 Ensino e representações sociais a partir da Fanfarra

A presente pesquisa centra-se na confluência entre ensino e formação humana, conceitos que são fundamentais para compreender o impacto de experiências coletivas nas trajetórias individuais. Nesta intersecção o ensino, em sua essência, é um processo de transmissão de conhecimentos, habilidades e valores, que visa não apenas a formação acadêmica, mas também o desenvolvimento integral do indivíduo. A educação como ferramenta para promover o desenvolvimento deve perceber as singularidades, pois:

Se no contexto da sociedade presente colocam-se – como temas urgentes – a consolidação de um desenvolvimento sustentável e um maior comprometimento solidário nas relações, a transformação desse cenário global passa necessariamente pelo fortalecimento da formação de cada indivíduo e, conseqüentemente e para tanto, pelo fortalecimento da educação como um todo (Molina, 2012, p. 7).

Certamente o processo educativo nos seres humanos desempenha um papel fundamental na construção da sociedade, especialmente na busca por uma comunidade justa e ética. Essa importância suscita preocupações em todo o mundo. Neste debate, reforça Molina que “Nesse sentido, a educação musical, agora oficialmente reincorporada ao ensino básico em nosso País, mostra-se como uma das ferramentas preciosas para a real efetivação desses anseios” (Molina, 2012, p. 7). E sobre este espaço do processo educativo, o ambiente formal a instituição de ensino, destaca Breim (2012, p. 173) “a escola é o lugar da resistência; é o papel dela escolher o que contribui para a formação humana”.

Sendo assim, a educação desempenha um papel de acentuada relevância na formação de um caráter humano, enfatizando a importância dos valores morais que são transmitidos não apenas por meio da educação formal, mas também pela formação informal. Essa abordagem abrangente é essencial para a formação humana, num processo complexo envolvendo diversas dimensões necessárias ao desenvolvimento integral do indivíduo. Assim, esse processo inclui tanto a educação formal, realizada em escolas e instituições, quanto a educação não formal, que ocorre em contextos variados como a família e a comunidade. Ambas as modalidades são fundamentais para moldar valores, conhecimentos e habilidades.

Além disso, a formação humana envolve aspectos emocionais e sociais, promovendo o desenvolvimento da empatia, da colaboração e da convivência social. A interação com os outros desempenha um papel crucial nesse processo, pois enriquece as experiências individuais e coletivas.

Mensurando o homem em seus aspectos cognitivos, intelectuais, culturais, sociais e comportamentais é que se avalia a educação deste, do seu meio. Com isso, discute-se medidas para melhorar a própria educação, em si tratando das instituições formais e de certo modo também algumas instituições não-formais que se ocupam em educar também se manifestam neste sentido (Molina, 2012, p. 8).

A cultura e a identidade também são componentes significativos para os indivíduos, que aprendem sobre si mesmos e seu lugar no mundo, moldando sua visão de mundo e seu senso de pertencimento. Nesse sentido, a fanfarra contribui para esse processo, por um ensino que promova a construção do conhecimento com autonomia.

Os projetos extracurriculares são essenciais, pois contribuem para a socialização e para a manifestação individual. A fanfarra se destaca como uma atividade que desempenha um papel significativo na formação humana. Ela promove o trabalho em equipe, permitindo que os participantes aprendam a colaborar e a se comunicar de forma eficaz. Respeito e disciplina fazem parte dessa formação. A prática da fanfarra exige regularidade e dedicação, ensinando aos alunos a importância da disciplina e do comprometimento.

Neste sentido, sobre a música no currículo seja no componente curricular, ora nos projetos e atividades extracurriculares, o comprometimento necessário da educação na formação humana, segundo artigo escrito por Breim (2012, p. 168):

A concepção de conhecimento em música que emerge dessa experiência ganha especial relevância quando se toma por referência uma educação comprometida com as características de formação humana apontadas acima – um compromisso que exigirá da escola não apenas uma revisão de todo o seu projeto curricular, mas também que considere cuidadosamente a construção de conhecimento a respeito do mundo natural e a própria constituição do aluno enquanto ser humano como processos simultâneos, integrados e indissociáveis.

Portanto, seja como atividade extracurricular e mesmo projeto, a fanfarra pode desempenhar um papel significativo na formação humana, na aprendizagem da música e mesmo construção de memórias e representações sociais, como relatam os integrantes que participaram dela do ano de 1998 a 2015, independentemente da faixa etária, ao responderem o questionário da pesquisa nesta ocasião estão entre 25 a 41 anos. Aqui estão algumas possíveis contribuições que a fanfarra pode ter nesse sentido, o pertencimento e coesão social, com amizades duradouras visto que a maioria permanecia por mais de um ano, favorecendo conexões positivas.

## Segundo registro do Integrante J (2023), sobre as contribuições em sua vida

Participar da fanfarra foi uma virada de chave na minha vida, foi um marco positivo. Na fanfarra entendi o que era família, na fanfarra aprendi o significado de união, de amor ao próximo [...], até hoje não saem da minha cabeça. Como era agradável estar ali com eles.

O desenvolvimento de habilidades musicais, a lateralidade, além de papéis de liderança e desenvolvimento de habilidades de organização, comunicação e tomada de decisão, o que seriam transferidos para outras áreas de suas vidas. Outrossim, participar da fanfarra gerava um sentimento de orgulho e identidade em relação a outras escolas e corporações, contribuindo para a formação de memórias. Segundo Amorim (2020, p. 50)

Em cidades do interior, as bandas atuam em eventos cívicos, quase com as mesmas características das bandas militares, principalmente no que tange ao repertório, eventos religiosos como procissões, dias considerados santos, dentre outras atividades. Essa realidade também é notável em cidades maiores, incluindo as capitais. Com isso, os objetivos das bandas são sempre voltados às suas atividades principais e, conseqüentemente, suas escolas trabalham conforme essa demanda.

Ao se envolverem em eventos apresentação, e atividades afins, as fanfarras consolidam uma identidade cultural específica e coletiva. Garantindo assim não apenas que a música entretenha, mas eduque e inspire.

A aprendizagem musical e gosto pela música tiveram os maiores percentuais, seguidos da vivência em grupo. Mesmo sendo crianças e estando há pouco tempo na banda, esses estudantes de música já constataram e perceberam a importância da banda para o seu aprendizado musical e intelectual (Silva, 2014, p. 109).

Participar da fanfarra da escola gerava um forte sentimento de orgulho e identidade entre os alunos, contribuindo para a formação de memórias marcantes. Essa experiência musical era valorizada, seja pelo aprendizado adquirido ou pela oportunidade de fazer novas amizades. Aqui registra o Integrante W (2033).

Pra mim foi um aprendizado muito grande não só na parte de aprender a música, mas também no meu desenvolvimento como pessoa, a fanfarra também me proporcionou vivenciar muitas experiências de vida que a minha condição financeira não permitia como viagens e atividades extracurriculares que meus pais não podiam bancar, também tive a oportunidade de ter um ciclo de amizade com pessoas excepcionais.

Durante momentos de pausa, os participantes dividiam um delicioso sorvete, ou mesmo um simples lanche, enquanto aguardavam a movimentação para a organização da execução no concurso, observava-se sempre a presença constante da equipe de apoio responsável, ao lado dos estudantes. Indiscutivelmente, nestes momentos tanto a educação formal, quanto a informal se entrelaçam mostrando como a convivência e a interação social complementam o aprendizado, pois “quando se toma por base aquilo que a música pode oferecer à formação humana, já não é mais possível separar o músico e o educador” escreveu Breim (2012, p. 168).

Enquanto formação dos instrutores destaca-se ações pedagógicas e organização realizada durante a maioria das viagens, pois a fanfarra costumava se dividir em dois ônibus distintos. Um deles era destinado ao corpo musical, enquanto o outro abrigava a linha de frente, o corpo coreográfico, porta estandartes, mór de comando, balizas e destaques, juntamente com as mães, a equipe de apoio e a coreógrafa. O maestro acompanhava o corpo musical, juntamente com alguns membros da equipe de apoio. Essa divisão permitia uma organização mais eficiente e garantia que cada grupo pudesse se concentrar em suas respectivas funções durante as viagens.

As viagens da fanfarra eram para concursos, apresentações, festivais e comemorações alusivas a datas comemorativas como aniversários das cidades, dia das crianças, inaugurações, entre outras. Proporcionando uma série de oportunidades que enriquecem a aprendizagem dos participantes. Essas experiências oferecem uma prática valiosa, permitindo que os membros da fanfarra apliquem os conhecimentos musicais adquiridos durante os ensaios. Sobre os encontros e festivais, as apresentações Félix (2013, p. 68) apresenta que “em alguns momentos, os alunos paravam de tocar e começavam a observar, admirados, as outras bandas que passavam”.

Ao se apresentarem em diferentes locais, os integrantes têm a chance de aprimorar suas técnicas de performance, o que não apenas solidifica suas habilidades musicais, mas também os prepara para desafios que encontrarão nas diferentes oportunidades de se apresentarem, quanto a esta oportunidade Félix (2013, p. 70) “a relação entre os diversos participantes proporciona uma aprendizagem musical, principalmente no que se refere à aquisição de valores e incorporação de comportamentos, tanto quanto para a ampliação de experiências musicais”.

Além da experiência prática, as viagens promovem a interação social entre os integrantes. Ao se deslocarem para diferentes cidades ou eventos, os membros da fanfarra têm a oportunidade de conhecer colegas de outras localidades, segundo o Integrante D (2023) “Atividade extra, conhecimento, viagens, desenvolvimento pessoal, conviver em grupo”.

O que favorece a formação de amizades e fortalece o trabalho em equipe, novas experiências. Essa convivência social é crucial para o desenvolvimento de habilidades interpessoais, pois ensina a importância da colaboração e do respeito mútuo, valores essenciais

tanto na música quanto na vida, “além de estimular os integrantes para a convivência em grupo, em torno de uma atividade que sensibiliza e cria uma identificação com a escola” (Teixeira; Rocha, 2023, p. 318).

Bem representado nas palavras do Integrante A (2023)

O ciclo de amizades na fanfarra foi uma experiência enriquecedora que deixou marcas duradouras. Ao fazer parte desse grupo, tive a oportunidade de criar laços significativos com colegas que compartilhavam da mesma paixão pela música e pelo desempenho artístico. As longas horas de ensaio, os momentos de superação de desafios musicais e as apresentações em conjunto criaram uma base sólida para relações verdadeiras. [...] É reconfortante perceber que essas amizades transcenderam o tempo da fanfarra. Mesmo após todos esses anos, mantenho contato com muitos amigos que fiz durante essa jornada musical. Essa rede de apoio continua a ser uma fonte valiosa de conexões, compartilhamento de experiências e, acima de tudo, de amizade genuína. A fanfarra não apenas nos uniu musicalmente, mas também formou laços que perduram ao longo do tempo.

Outro aspecto relevante, mencionado em sua resposta o Integrante A relata os compartilhamentos, as vivências e a exposição cultural que as viagens proporcionam. Ao vivenciarem diferentes culturas e tradições musicais, os participantes ampliam sua compreensão e apreciação da diversidade. Essa imersão não só enriquece o repertório musical, tornando-os mais versáteis, mas também os ajuda a se tornarem músicos mais completos e sensíveis às nuances da arte em contextos variados, permitindo “[...]trabalhar e explorar a linguagem musical na escola através da fanfarra, amplia-se o repertório musical e cultural, a diversidade [...]descoberta de novos caminhos de aprendizagem” (Teixeira; Rocha, 2023, p. 319).

A experiência de viajar também contribui para o desenvolvimento pessoal dos integrantes. Ao lidarem com novas situações e enfrentarem desafios, eles aumentam sua autoconfiança e capacidade de adaptação. Essas vivências fora da zona de conforto são fundamentais para o crescimento individual, preparando-os para futuras demandas, tanto no âmbito musical quanto em outras áreas da vida.

Os integrantes aprendem que o sucesso exige esforço e dedicação, não apenas em relação à música, mas também em relação ao trabalho em equipe e à convivência com os colegas. Esses valores, cultivados durante as viagens, têm um impacto duradouro na formação dos participantes. Ressalta-se, porém, que a relevância não está no fato específico das apresentações:

Em destaque para as contribuições pedagógicas da fanfarra aos seus integrantes. Deve-se evitar simplificar a experiência da fanfarra escolar dando ênfase ao seu resultado mais evidente: as apresentações públicas. Ao contrário, deve-se compreendê-la em toda a sua dimensão socializante e pedagógica, que funciona no espaço escolar enquanto lugar atravessado por desafios, conflitos, expectativas com o futuro, esperanças e frustrações. A análise da fanfarra escolar e da experiência musical, enquanto prática pedagógica a ser incentivada, é um convite para sondar as razões que levam os estudantes a integrarem-na, além de refletir sobre o ensino sistemático da música e inovações na relação de ensino-aprendizagem (Teixeira; Rocha, 2023, p. 313).

As memórias geradas durante essas viagens são significativas e podem influenciar positivamente a motivação e o envolvimento dos membros com a música e a fanfarra. As experiências compartilhadas, os desafios superados e as amizades formadas criam laços que perduram ao longo do tempo, reforçando o sentido de pertencimento e compromisso com o grupo. Registro nas palavras da Integrante O (2023) “As amizades colhidas nestes longos anos que estive na FAESPO, tenho até hoje eles se encerram apenas na escola, mas continua pra vida”.

É aqui importante, apresentar que, não sendo diferentes de muitas corporações musicais “A fanfarra vem ao encontro de propostas inovadoras, em que a expressão cultural e artística é essencial para promover o desenvolvimento humano e favorável para a transformação social do grupo e dos sujeitos” (Teixeira; Rocha, 2023, p. 312). E assim, aproveitando-se do momento, sempre organizávamos uma visita rápida aos pontos turísticos das cidades, abaixo ano de 2001, FAESPO conhecendo o Jardim Botânico, Curitiba-PR.

Esses momentos não apenas enriquecem o repertório cultural dos integrantes, mas também solidificam a importância da fanfarra como um agente de transformação social. As experiências vividas durante essas viagens e apresentações contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes, experientes e engajados, capazes de valorizar a arte e a cultura em suas diversas formas. Assim, a fanfarra se torna um espaço de aprendizado contínuo, em que a música vai além da técnica, promovendo um ambiente de crescimento pessoal e coletivo que ressoa em toda a comunidade, com todas as demais experiências vivenciadas.

Figura 44 – FAESPO, conhecendo pontos turísticos, Jardim Botânico em Curitiba, 2001



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Atividades como essa despertaram nos alunos conhecimento para outras realidades. O Jardim Botânico de Curitiba, por exemplo, é um lugar que agrega conhecimentos relacionados a natureza e ao paisagismo. Sobre essas experiências, um dos alunos registrou:

No início só queria fazer algo diferente, porém com os aprendizados e com o decorrer do tempo me apaixonei pelo instrumento e por todo o grupo, onde no início eu era o mais novo e fui abraçado por todos [...] muitas vantagens vieram, viajávamos para todo Paraná e alguns lugares para fora do estado, conhecíamos pessoas e culturas diferentes, aprendíamos o trabalho em grupo pois nas competições o que mais valia era o que conseguíamos com todo o grupo onde cada um tinha um papel muito importante, conheci pessoas que levamos para toda a vida, foram grandes aprendizados e superações (Integrante U, 2023).

Os registros dos concursos das fanfarras abrangem uma variedade de momentos, mas aqueles que capturam as emoções mais intensas são feitos durante as pausas para fotografias, logo após o anúncio dos resultados. Nesses momentos, todos nós já exaustos, ansiávamos por um lanche rápido e um merecido descanso antes de retornar às nossas cidades. Essas pausas eram verdadeiros tesouros, nos permitindo registrar os troféus conquistados, trocar comentários sobre os resultados e refletir sobre o nosso desenvolvimento durante a apresentação. Além disso, proporcionavam um momento de conexão entre os integrantes, onde compartilhávamos cumplicidades, perdas e conquistas. E sobre estas conquistas a Integrante Z (2023) menciona

Foi um acontecimento muito importante, um sonho realizado. [...] fui campeã em 1 concurso e desfilei em outras ocasiões também com o grupo. A música e a dança [...] e a fanfarra foi mais uma conquista em relação a isso. Eu admirava, e ainda me lembro, do rigor dos ensaios. Eu gostava da disciplina que nos cobravam. [...] lindas coreografias e sincronia impecável. As músicas que a fanfarra tocava me emocionavam, [...] foi um privilégio realizar esse sonho!

Devido ao grande número de integrantes da fanfarra, eram necessários dois ônibus para o traslado da corporação.

Nestas ocasiões, nos ensaios, destinávamos alguns momentos de orientações, seja sobre os cuidados com higiene pessoal, mesmo com os ambientes que frequentávamos nestes eventos, os integrantes eram aconselhados a nunca estarem sozinhos sempre em grupos e de preferência, com alguém da equipe de apoio, não podendo nunca se ausentarem sem aviso prévio. Procurando com as diversas orientações realizar um fortalecimento, nesta prerrogativa, um dos integrantes relata

Sempre gostei de me envolver nas atividades escolares, porém era tudo novo para mim. Não tinha dimensão do que era exatamente, nem como funcionava. Só quis participar. Percebi que não era para uma simples apresentação de 7 de setembro. Foi muito mais além. As vantagens, desenvolvimento pessoal, amizades, trabalho em equipe, lazer, diversão, e muito mais. Foi uma escola para vida (Integrante K, 2023).

Os registros dos concursos das fanfarras abrangem uma variedade de momentos, mas aqueles que capturam as emoções mais intensas são feitos durante as pausas para fotografias, logo após o anúncio dos resultados. Sempre que recebíamos o convite para participar de festivais e concursos havia uma corrida em busca de patrocínios e apoio da Secretaria Municipal de Educação para conseguir o transporte necessário. Para esse fim formava-se um grupo, com pais alunos e os instrutores após reunião prévia agendada entregarem ofício realizado pela Direção Escolar e solicitarem apoio com o transporte. Existe aqui a necessidade de apresentar o relato de Teixeira e Rocha (2023, p. 328) “A comunidade acadêmica, escolas e órgãos responsáveis pelas políticas de educação [...] discussões sobre as fanfarras escolares e a sua efetivação[...]”.

Esta efetivação no currículo escolar, favoreceria outras demandas necessárias para a manutenção da proposta da fanfarra, seja nos ensaios, destinávamos alguns momentos de orientações sobre os cuidados com higiene pessoal e com os ambientes que frequentávamos nestes eventos. Os integrantes eram aconselhados a nunca estarem sozinhos sempre em grupos e de preferência, com alguém da equipe de apoio, não podendo se ausentar sem aviso prévio,

permitindo assim a localização rápida de todos. Estas regras e cuidados eram orientações pedagógicas que visavam garantir a segurança e bem estar buscando sempre um ambiente saudável e acolhedor, favorecendo também a organização nas apresentações visto o número de pessoas envolvidas. Em 2002, conforme registro abaixo foi feita a entrega de camisetas novas na quadra externa, momento em que também foi socializado com os participantes que conseguimos o transporte para participar do Campeonato de Bandas e Fanfarras da Cidade de Londrina.

Figura 45 – FAESPO, camiseta nova, e momento de orientações, 2002



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Sobre estes preparativos, a Integrante E (2023) resume “Foi uma experiência inexplicável, era uma alegria se arrumar para as apresentações, aquela energia boa, aquele companheirismo enfim foi anos maravilhosos”.

Os alunos sempre procuravam chegar mais cedo para evitar atrasos. Os horários eram registrados, com antecedência em relação à chegada dos ônibus e mesmo aos momentos de apresentação, permitindo que os integrantes tivessem tempo para se organizar e descansar. Esta organização prévia sendo fundamental para o bom desempenho do grupo, refletindo o preparo e organização do planejamento para melhor acompanhamento do calendário de eventos e apresentações.

Todo este cronograma, orientado por uma pessoa que rege estas regras, não apenas como um coordenador técnico, mas também como um agente que promove a coesão e a comunicação entre os integrantes da fanfarra. O instrutor/maestro/regente, portanto, é uma figura central que permite transformar a musicalidade individual em uma manifestação coletiva, assegurando que cada integrante contribua para a harmonia do grupo. Na pesquisa de Amorim (2020, p. 118)

Foi observado também que um dos fatores mais importantes para que o aluno tenha sucesso é a atuação do maestro da banda. Ele é uma peça fundamental na complexa engrenagem que forma o músico da banda. O incentivo dado pelos maestros, que foi possível de ser observado nas atividades das bandas, é digno de menção. Eles estimulam o sentimento de pertencimento dos alunos às suas bandas, fazendo com que os alunos se sintam prestigiados.

Tais afirmações vem ao encontro da nossa vivência nos ensaios, nas situações em que o instrutor/maestro/regente organizava os naipes e os distribuía pelos espaços, quadra, refeitório, pátios, sombras de árvores, salas de aula, e corria sua atenção aos grupos separados, orientando e organizando cada parte dos grupos, alunos com maior engajamentos nos ensaios, ficavam responsáveis para seguir com o grupo ensaiando, enquanto o instrutor/maestro/regente seguia aos demais naipes, sanavam dúvidas e, conseqüentemente, experimentavam diferentes situações nesta organização. Exigindo assim, deste instrutor maiores habilidades. Segundo Amorim (2020, p. 51) “nessas escolas, consideradas ambientes não formais no âmbito desta investigação, a escolha do instrumento, por exemplo, dá-se pela experiência do maestro”.

Nos municípios do interior, existe escassez de profissionais especializados, era comum que os alunos mais velhos fossem chamados a assumirem a ausência dos instrutores/ maestros/regentes assumindo este papel a convite dos dirigentes,

Em cidades do interior, geralmente por falta de recursos humanos que pudessem satisfazer a necessidade de ter professores de instrumentos específicos nas bandas, o ensino era realizado mais comumente pelo próprio maestro da banda, que se especializava em ensinar os rudimentos de todos os instrumentos aos alunos e essa era a única informação específica que eles tinham do instrumento. Essa ainda pode ser a realidade de muitas bandas, mas não é o caso das bandas investigadas, que possuem em seus quadros instrutores que são especialistas em seus instrumentos (Amorim, 2020, p. 84).

Por outro lado, em contraposição a essa realidade, Fernandes (2017, p. 73) aponta “os professores eram considerados instrutores, pois tinham experiência com música e não possuíam graduação na área”, demonstra uma diferenciação entre instrutores especializados e professores

sem formação formal, evidenciando a diversidade de abordagens no ensino musical em diferentes contextos.

O meio em que se integra socialmente favorece, mesmo sendo ele um ambiente informal como retrata Amorim (2020), mas em outro estudo de Teixeira e Rocha (2023, p. 318-319) reforçam “A fanfarra possibilita a profissionalização musical e faz com que os estudantes se reconheçam como sujeitos atuantes, protagonistas da sua própria história de vida”.

E é por meio desta participação que o integrante da fanfarra, passa da prática cultural de seu princípio epistemológico de aprendizagem, para o instrutor de fanfarra, o músico regente, ou mesmo com maior aprofundamento e estudos o Maestro, pessoa fundamental nas fanfarras, bandas e demais corporações musicais.

O projeto da Fanfarra Estudantil Pólo, não apenas um grupo musical, mas sim um universo de histórias entrelaçadas por paixão, amizade, crescimento pessoal e muita aprendizagem. Cada integrante carrega consigo motivos únicos que os levaram a fazer parte desse coletivo especial no âmbito escolar e que se estendeu por vários anos, outrora seria importante que os educadores no momento reavaliassem a importância da retomada deste projeto extracurricular. Expresso nos estudos de Teixeira e Rocha (2023, p. 319),

A linguagem musical desenvolvida por meio da fanfarra também pode adquirir diferentes sentidos, conforme os vínculos estabelecidos por seus participantes, promovendo espaços produtores de conhecimento, de aprimoramento e desenvolvimento de potencialidades que ultrapassam o motivo inicial de sua formação.

Dentro do contexto escolar e para os participantes envolvidos na atividade musical, a linguagem da música abrange uma variedade de significados. Representadas nas palavras da integrante sobre “A arte e a música sempre me encantaram e encantam até hoje. Lá pude me desenvolver mais em termos de relacionamento social e na arte da dança e teatro” (Integrante O, 2023).

Além da própria música, também se estende para incorporar outras formas de linguagem artística, como a dança, as artes cênicas, o teatro e as artes visuais, que se manifestam nos figurinos, maquiagens e adereços, nas coreografias e ritmos apresentados. Essa diversidade de expressões desempenha múltiplos papéis culturais e sociais na comunidade em que está inserida.

Pela resposta as questões apresentadas no questionário online, destacam-se desde mudanças de cidade até a busca por desafios, a Fanfarra foi o lar onde sonhos se tornaram realidade. Para alguns, foi o ponto de partida para vencer a timidez, fazer amizades duradouras e até mesmo encontrar o amor.

A admiração pelas apresentações, o encanto pela música e a busca por aprendizado foram os alicerces que uniram esses jovens em uma jornada de descobertas. Entre viagens, competições e ensaios, cada um encontrou um lugar de pertencimento, onde a disciplina, o respeito e a superação pessoal eram os maestros que regiam suas vidas. Para uma retomada, faz-se necessário novas superações, contudo:

[...] a construção dessa proposta precisa ser pautada numa relação dialógica e participativa com os professores, alunos, regente da fanfarra, equipe gestora e pedagógica da escola, tendo como base o contexto da realidade local, inclusive dos arranjos e potencialidades produtivas da fanfarra escolar, alinhada aos anseios e necessidades dos/as estudantes e da comunidade, considerando os conhecimentos e as expertises da escola (Teixeira; Rocha, 2023, p. 327).

Observar o que cada comunidade apresenta de seus anseios favorece para as estratégias de retomada deste projeto. Porém neste percalço foram vários os desafios, dentre eles a falta de verba era o maior preponderante entre o fazer pedagógico do projeto, e mesmo a manutenção dos instrumentos, e uniformes. Conforme lembra o aluno integrante do corpo musical

Falta de investimento por parte dos nossos governantes, em destinar verbas públicas, afinal, nem sempre tínhamos condições – a manutenção dos equipamentos que utilizávamos, nem sempre era possível, o que impactava em nosso aprendizado. Os uniformes para as apresentações era um parto, para haver mudanças, pois eram caros, nem sempre tínhamos condições financeiras – por isso que sempre buscamos zelar dos materiais que tínhamos, pois para nós eram extremamente valiosos, pois sempre escassos (Integrante C, 2023).

Sobre o fazer pedagógico, os alunos integrantes também relataram dentro dos desafios as escolhas da própria Comunidade Escolar, segundo o Integrante V (2023), relata outros projetos e suas demandas

A principal dificuldade era com toda certeza financeira, visto que nada é barato neste ramo, roupas sempre muito caras, instrumentos caríssimos, uma segunda dificuldade era disputar o orçamento com outras atividades da escola como, futebol, handebol, entre outros, pois também eram áreas que traziam

títulos para a escola e por serem esportes mais conhecidos tinham maior público assim as verbas para a fanfarra eram sempre menores [...] também ajudando com ônibus.

A Fanfarra não foi apenas um grupo musical, mas sim uma escola da vida, onde lições de trabalho em equipe, resiliência e amor pela arte eram apreendidas a cada nota tocada. No início de cada apresentação, de cada desfile percebe-se a emoção, o sorriso e a dedicação em que tudo saía da melhor maneira possível, como na figura abaixo. Todo novo ano era necessário renovar-se, entre as seleções de alunos novos e despedidas de alunos que por sua vez, encerravam o estudo no ensino médio e mesmo mudança de cidade, mantinha-se no projeto o mesmo ritmo de aprofundamento.

Figura 46 – Desfile cívico, todos com o uniforme de cor padrão azul royal, branco e dourado, inclusive os calçados, 2004



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2024).

Os integrantes se tornaram cúmplices para a execução e manutenção do projeto em vários sentidos, seja na troca de materiais, de auxílio ao aprendizado, e mesmo sapatos que não serviam mais de um ano para outro eram doados aos próximos integrantes, compartilhando memórias marcantes, sorrisos, lágrimas e o privilégio de pertencer a algo tão único e especial. Outro relato do Integrante K (2023) “Tenho amigos e memórias muito boas até os dias de hoje, em virtude da fanfarra”.

Assim, a Fanfarra Estudantil Pólo transcendeu as barreiras da música e se tornou um símbolo de união, superação e amizade, transformando a vida de cada integrante e deixando um legado de harmonia e inspiração para as gerações futuras.

PP IFOR

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou a história da Fanfarra Estudantil Pólo do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto – Ensino Fundamental Médio e Profissional (EFMP) no período de 1998 a 2015 destacando suas contribuições para a formação humana e musical como parte da cultura escolar e desenvolvimento de crianças, jovens e adultos.

A partir das fontes selecionadas e das questões norteadoras da pesquisa, sintetizamos as principais contribuições e reflexões que emergiram ao longo do estudo. Um ponto central é a constatação de que a maioria das práticas de ensino de música instrumental nas escolas de educação básica se dá por meio de projetos extracurriculares, como as fanfarras, em detrimento de bandas, que geralmente exigem um investimento maior em instrumentos e sua manutenção.

Além disso, a falta de profissionais qualificados para o ensino dos instrumentos e os altos custos associados à manutenção também limitam o acesso a essas práticas. Essa realidade evidencia a necessidade de políticas públicas que valorizem e financiem a educação musical nas escolas, promovendo um ambiente mais inclusivo e diversificado para o desenvolvimento musical dos alunos.

Ao relatarmos sobre as práticas de ensino de música instrumental nas escolas de educação básica, percebemos que nas poucas instituições que esta ocorre, e ou ainda existem são por meio de projetos extracurriculares de bandas rítmicas, e ou fanfarras, na sua maioria de percussão e ou Bandas de Liras e poucas bandas musicais devido ao custo ser mais alto dos instrumentos e também a falta de profissionais qualificados para o estudos dos mesmos e tempo do estudo dispendido, outras situações ocorrem como o custo alto de manutenção dos instrumentos, que nas cidades do interior não possuem os profissionais que realizam concertos.

Nesse sentido, a realidade das fanfarras se configura como uma opção vantajosa, especialmente devido ao custo-benefício e ao tempo reduzido de aprendizagem associado à prática de fanfarras de percussão simples. Essa abordagem permite que os alunos desenvolvam habilidades musicais de forma rápida e eficaz, facilitando o engajamento e a motivação. Os instrumentos utilizados são mais acessíveis, o que não apenas reduz os custos iniciais, mas também torna a manutenção mais viável para as escolas. Além disso, a simplicidade dos instrumentos e das técnicas de execução permite que estudantes de

diferentes idades e níveis de experiência se integrem facilmente às atividades, promovendo um ambiente inclusivo. A diversidade das fanfarras, presente em um vasto território e em um contexto aberto a diferentes culturas, se revela uma força significativa, enriquecendo a produção de ritmos e a execução de marchas. Essa pluralidade não só valoriza a tradição local, mas também incentiva a criatividade e a manifestação individual dos participantes, contribuindo para um aprendizado musical mais dinâmico e envolvente.

Na primeira seção, exploramos aspectos essenciais para a análise do tema, entrelaçando um relato pessoal da pesquisadora. Ao rememorar as minhas experiências com o ensino de música na infância seja no coral ou pela fanfarra, destacamos a importância das vivências individuais na formação de educadores, como o ambiente escolar com a formação formal nos dirige a caminhos específicos. Esse aprofundamento é crucial para os professores do componente curricular de Arte, pois deixa claro como é enriquecedor sua atuação ao abordar a música em suas diversas oportunidades. A conexão entre experiências pessoais e práticas pedagógicas pode inspirar métodos de ensino mais eficazes e engajadores, também mais com metodologias mais assertivas.

Ainda nessa perspectiva, é fundamental considerar a arte na escola dentro das transformações contemporâneas. A reorientação dos pressupostos modernos implica uma reflexão sobre a produção de novas subjetividades e as mudanças no saber e no ensino. A arte, muitas vezes vista como um componente secundário no currículo deve ser reconsiderada como parte essencial do processo educativo. Essa reavaliação é necessária para que os educadores possam lidar com a complexidade das práticas artísticas e suas implicações sociais, políticas e culturais. Verificando as oportunidades de ensino, e a importância do ensino da música com suas várias oportunidades.

Na segunda seção, nosso objetivo foi analisar, em um contexto sócio-histórico e cultural, as origens das fanfarras escolares e do ensino da música nas escolas públicas paranaenses. Discutimos a presença da arte e da música nas legislações educacionais, como estas mudanças foram influenciando as reações e ações dentro do contexto escolar, que ora foram mais evidentes ora se tornaram quase nulas, bem como os projetos extracurriculares relacionados que por sua vez sobre a ótica musical ocorrem muitas vezes próximo a eventos. Observou-se que, embora muitas instituições tenham tido fanfarras em seu passado, poucas ainda as mantêm, com a maior atividade concentrada nas corporações municipais, com referência e alusivas a apresentações cívicas, iniciando seus ensaios a apenas um mês antes

dos desfiles de 7 de setembro. Essa situação revela a necessidade de revitalizar esses projetos para garantir que a música e a arte continuem a fazer parte do cotidiano escolar.

A fanfarra se configura como uma parte importante da formação dos alunos, desempenhando um papel que vai além do mero aprendizado musical. Sua presença em manifestações sociais e culturais, como desfiles e festas, contribui significativamente para a construção de uma identidade coletiva entre os participantes. Essa vivência em grupo não apenas fortalece laços sociais, mas também promove um senso de pertencimento e cidadania. Assim, as fanfarras escolares emergem como uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento integral dos alunos, integrando aprendizado musical, socialização e expressão cultural.

Contudo, a música nas escolas frequentemente é tratada como um campo esvaziado de conteúdo. A carência de professores qualificados e a precariedade do processo de formação continuada desses profissionais são questões alarmantes. Essa realidade evidencia a urgência de se abrir espaços de discussão que coloquem a linguagem musical como um campo de conhecimento teórico-prático, além de uma fonte de produção de novos saberes. A formação continuada dos educadores é, portanto, essencial não apenas para o aprimoramento dos que já atuam, mas também para a preparação de novos profissionais que irão integrar o sistema educacional, com uma visão mais ampla das oportunidades que a música pode trazer e enriquecer a aprendizagem de cada um, seja alunos, pais, profissionais, e sim toda uma comunidade.

Além das atividades extracurriculares de fanfarra, a prática musical na escola pode ser enriquecida por diversas iniciativas conjuntas. Uma abordagem eficaz é a implementação de aulas de música regulares que integrem teoria e prática, apresentada pelos alunos da fanfarra aos demais estudantes da escola, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades tanto na execução instrumental quanto na composição. Workshops com músicos convidados podem trazer novas perspectivas e inspirar os estudantes, enquanto apresentações em eventos escolares promovem a confiança e a demonstração criativa. A integração da música com outras disciplinas, pode aprofundar o entendimento cultural e contextual dos alunos. Além disso, a utilização de tecnologia, como aplicativos de música e plataformas de ensino online, pode tornar o aprendizado mais acessível e envolvente. Essas estratégias, quando combinadas, podem criar um ambiente musical vibrante e inclusivo, complementando e ampliando os benefícios das fanfarras nas escolas.

Analisando as legislações que abordam Arte, Música e Educação revela-se a importância das políticas educacionais na promoção da música nas escolas. Este exame destaca a presença da arte no ambiente escolar e a necessidade de projetos extracurriculares que valorizem essa prática. A integração da música no currículo não deve ser vista como um mero complemento, mas como um componente essencial que enriquece a formação dos alunos e contribui para a cultura escolar.

Como o exemplo de vários estudiosos, ao aprender música popular brasileira nas escolas é uma forma eficaz de conhecer a história, a poesia e os costumes do Brasil. Essa abordagem musical responde às mudanças da sociedade e, muitas vezes, atua como uma cronista dos fatos sociais. Ao valorizar a música popular, a escola se torna um veículo importante para a formação e divulgação da cultura brasileira da sua história, promovendo a diversidade cultural em um contexto frequentemente dominado por uma visão monocultural promovida pelas mídias tradicionais.

As mudanças que ocorrem na sociedade e na escola estão interligadas, e essa convergência é crucial para a formação humana. A fanfarra, portanto, se revela significativa não apenas para o ambiente escolar, mas para toda a comunidade em que está inserida. O papel social da fanfarra é evidente, uma vez que sua atuação está conectada a uma rede de relações e atividades que envolvem a comunidade local, seja pelas apresentações que realiza, ou mesmo o som dos ensaios aos finais de semana, acompanhado de crianças e pessoas da comunidade. Essa conexão reforça a importância da fanfarra como um elemento que promove um aprendizado contextualizado e relevante.

Um projeto extracurricular de fanfarra pode atuar como um catalisador para o envolvimento da comunidade em projetos educacionais, permitindo que os alunos experimentem o aprendizado de maneira prática e colaborativa. Essa interação entre a escola e a comunidade enriquece o processo educativo, criando oportunidades para que os alunos desenvolvam habilidades sociais e culturais que serão valiosas ao longo de suas vidas.

Portanto, ao considerar a importância das fanfarras nas escolas, é imprescindível que se busquem estratégias que integrem a música de forma efetiva no currículo escolar, promovendo não apenas o aprendizado musical, mas também a formação de cidadãos conscientes e engajados em suas comunidades. A valorização da música, especialmente a popular, pode servir como um forte alicerce para a construção de uma identidade cultural rica e diversificada, essencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva, a fanfarra reforça a importância deste contexto de ensino, que pode abranger diferentes aprendizados.

Ao conectar a escola à sociedade, a fanfarra promove um aprendizado contextualizado e relevante, não apenas na aprendizagem musical, mas também pela música e sua influência.

A partir de Gardner (1995), ao discutir as múltiplas inteligências, destaca-se como a música pode ser uma via poderosa para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Nesse sentido, as experiências musicais proporcionadas pelas fanfarras não apenas enriquecem o currículo escolar, mas também cultivam competências essenciais para a vida em comunidade, como a empatia, a colaboração e a criatividade. Assim, a fanfarra se torna um espaço onde os alunos podem explorar e expressar suas identidades, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados.

Por fim, na terceira seção, ao compreender o processo histórico de criação da Fanfarra Estudantil Pólo, a sua relação com o currículo escolar e a sociedade e explorar memórias e representações sobre o processo de educação e formação humana, também uma cultura musical promovida pela Fanfarra Estudantil Pólo, a pesquisa revelou que as experiências vividas pelos integrantes foram marcantes e transformadoras.

A interconexão entre o presente e o passado é fundamental para entender a experiência da participação na fanfarra. Os depoimentos coletados revelaram que essa vivência não apenas gerou laços de amizade, mas também fomentou um forte senso de pertencimento entre os participantes, aspectos essenciais para o desenvolvimento humano. Essa construção de vínculos sociais é um componente central nas experiências coletivas, que desempenham um papel crucial na formação da identidade e na memória dos indivíduos. Outrossim, confirmou-se nos depoimentos a aprendizagem cognitiva e o efeito da música para a vida.

As experiências musicais em grupo, como as oferecidas pelas fanfarras, criam memórias significativas que perduram ao longo do tempo. O ensino coletivo de instrumentos musicais utiliza uma metodologia que envolve os participantes de maneira a permitir que aprendam teorias e práticas musicais em conjunto. Embora cada aluno tenha sua própria maneira de compreender o mundo e absorver conhecimentos, o ensino em grupo requer que os professores administrem essas particularidades. Essa abordagem não apenas favorece a socialização dos aprendizados, mas também promove a colaboração, permitindo que os alunos ajudem uns aos outros a superar dificuldades.

A análise dos efeitos da fanfarra na Comunidade Escolar destacou a importância da música e do trabalho em equipe na formação integral dos jovens. As experiências musicais desde a infância, que acompanham os indivíduos até a idade adulta, são ricas em ritmos, poesias populares e movimentos que refletem a diversidade cultural brasileira. Essa

musicalidade que se apresenta muitas vezes no ventre com as canções ouvidas pela mãe, na infância e juventude é uma ferramenta essencial na educação de gêneros musicais, contribuindo para o desenvolvimento integral e a formação da identidade cultural dos alunos para toda a vida.

Os resultados da pesquisa reforçam a importância da música na construção do conhecimento, especialmente na influência que exerce sobre crianças e jovens. A prática musical não apenas enriquece o aprendizado cognitivo, mas também favorece o desenvolvimento social, promovendo habilidades como empatia, trabalho em equipe e comunicação. Assim, as fanfarras se posicionam como um espaço valioso para a educação, onde os jovens podem se desenvolver não apenas como músicos, mas também como cidadãos conscientes e engajados em sua comunidade.

A quarta seção, trouxe a oportunidade de explorar memórias e representações sobre o processo de educação e formação da cultura musical promovidos pela Fanfarras Estudantil Pólo o trabalho explora as transformações proporcionadas pela Fanfarras Estudantil Pólo trazendo à tona as memórias e transformações decorrentes dela, revelando como os relatos dos integrantes refletem suas escolhas profissionais e trajetórias de formação.

Muitos dos participantes seguiram carreiras relacionadas à música, músicos em diferentes áreas, outros tornando-se instrutores de fanfarras na região noroeste, músicos em igrejas, músicos em bandas e orquestra ou mesmo avançando em sua formação acadêmica, o que reforça a influência duradoura da fanfarras na sua trajetória. Vários relatos que registramos podem afirmar quão longo é este resultado visto os anos que já transcorreram.

Concluimos que esta pesquisa evidencia as fanfarras escolares como ferramentas essenciais para a formação integral dos alunos, uma vez que oferecem tanto aprendizado musical quanto desenvolvimento pessoal e social. As experiências relatadas demonstram o potencial transformador da música na construção de identidades significativas. A Fanfarras Estudantil Pólo não apenas contribuiu para a formação musical de seus integrantes, mas também desempenhou um papel vital na formação de cidadãos conscientes e engajados, prontos para atuar de maneira ativa e responsável na sociedade. Reforçando a premissa da necessária valorização e incentivo nas escolas, dos projetos de fanfarras, pois, suas contribuições vão muito além da música, impactando positivamente a vida de crianças, jovens e adultos.

Com isso, esperamos que este estudo inspire novas iniciativas e políticas que valorizem a música e as práticas coletivas nas escolas, assegurando que fanfarras recebam o

reconhecimento e apoio que merecem, como projetos extracurriculares viáveis para o crescimento individual e coletivo. Que esta investigação sirva como um chamado à ação, promovendo um ambiente educativo onde a música possa florescer e enriquecer as vidas de todos os envolvidos.

PP IFOR

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Herson Mendes. **Bandas de Música: uma análise de práticas de educação em contextos não formais**. 2020. 242 f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30\\_a09f32676c91a3ba0d6c7214c8b960c6](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_a09f32676c91a3ba0d6c7214c8b960c6) Acesso em: 4 nov. 2024.

ANDRADE, André Luiz Silva. **A construção de um coral na EE João Batista Hermeto: diálogos entre a música, juventude e currículo**. 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFLA\\_cd0dbca1ffc295f4cf231f429b561aff.pdf](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFLA_cd0dbca1ffc295f4cf231f429b561aff.pdf). Acesso em: 30 out. 2024.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **A educação Musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor**. 2000. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Porto Alegre, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <https://repositorio.minedu.gob.pe/handle/20.500.12799/20>. pdf. Acesso em: 1 nov. 2024.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

BONA, Paschoal. **Método musical**. São Paulo: Augusto, 2002.

BRASIL. Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. **Diário Oficial da União**: seção 1, Rio de Janeiro, p. 6.945, 1 maio 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html#:~:text=Art.,Art>. Acesso em: 14 nov. 2024.

BRASIL. Lei Federal nº 5.700, de 1º de setembro de 1971. Dispõe sobre a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 2 set. 1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 4 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 25 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**: Arte. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sb/arquivos/pdf/arte.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 11769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 19 ago. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 4 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 3 maio 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm). Acesso em: 22 nov. 2024.

BREIM, Ricardo. O músico educador e o educador músico. *In*: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 167-177.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação musical**: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. Hans-Joachim Koellreutter: Por quê?. *In*: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 101-103.

CHARTIER, Roger. **A história da cultura**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: DÍEFEL-Difusão Editorial, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COLÉGIO Estadual Prof. Bento Munhoz da Rocha Neto. **Projeto Político Pedagógico**. Paranavaí, 2016.

COLÉGIO Estadual Prof. Bento Munhoz da Rocha Neto. **Projeto Político Pedagógico**. Paranavaí, 2021.

COLÉGIO Estadual Prof. Bento Munhoz da Rocha Neto. **Projeto Político Pedagógico**. Paranavaí, 2023.

COLÉGIO Estadual Prof. Bento Munhoz da Rocha Neto. **Projeto Político Pedagógico**. Paranavaí, 2024. Disponível em: <http://www.pvabentomunhoz.seed.pr.gov.br/modules/contendo/contendo.php?contendo=7> Acesso em: 1 nov. 2024.

CONFEDERAÇÃO Nacional de Bancas e Fanfarras. **Regulamento Nacional de Bandas e Fanfarras**. 2023. Disponível em: <https://www.cnbfb.org.br/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

DIÁRIO do Esporte Amador do Noroeste do Paraná. “**Há 30 anos**”, **Seleção Brasileira inaugurava o Estádio Dr. Waldemiro Wagner**. 2022. Disponível em: <https://avelaresportes.com/destaque-slide/ha-30-anos-selecao-brasileira-inaugurava-o-estadio-dr-waldemiro-wagner/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

ESCOLANO BENITO, Augustin. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Tradução de Heloísa Helena Pimenta Rocha e Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas: Alínea, 2017.

FAVARETTO, Celso. Música na escola: por que estudar música? *In*: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 46-48.

FÉLIX, Michel Charles Nunes. **A banda vai passar**: oficinas de banda fanfarra no Programa Mais Educação em escolas de Cabedelo. 2013. 197 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16863?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16863?locale=pt_BR) Acesso em: 5 nov. 2024.

FERNANDES, Vanessa. **Itinerários e concepções do ensino de música na rede municipal de Blumenau**. 2017. 247 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, 2017. Disponível em: [http://bu.furb.br/docs/DS/2017/363243\\_1\\_1.pdf](http://bu.furb.br/docs/DS/2017/363243_1_1.pdf) Acesso em: 5 nov. 2024.

FONTEERRADA, Marisa Trench. A educação musical do século XXI: as experiências criativas. In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 96-100.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES (Funarte). **Projeto Bandas**: bandas de música por estado cadastradas na Funarte. Brasília, DF: MEC/Funarte, 2024. Disponível em: <https://sistema.funarte.gov.br/consultaBandas/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas, a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana Miritello (org.). **A música na escola**. São Paulo: LivrAndante, 2012.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://repositorio.unife.sp.br/handle/11600/39195>. Acesso em: 30 out. 2024.

KATER, Carlos. “Por que música na escola?”: algumas reflexões. In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 42-45.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história: as tramas da representação fotográfica. **Projeto História**. São Paulo, v. 70, n. 1, p. 9-35, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/52357/pdf>. Acesso em: 22 nov. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental**: um estudo exploratório. 2001. 247 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. Disponível em: [https://server05.pucminas.br/teses/Educacao\\_LoureiroAM\\_1.pdf](https://server05.pucminas.br/teses/Educacao_LoureiroAM_1.pdf) Acesso em: 30 out. 2024.

LOURO, Viviane dos Santos. A formação docente musical diante da inclusão. In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; Terahata, Adriana (org.). **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 181-191.

MACHADO, Marina Marcondes. Musicalidade e cotidiano: breve visita ao ensino da arte na chave da criança performer. *In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). A música na escola.* São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 164-166.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOLINA, Sérgio. Vozes e ouvidos para a música na escola. *In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; Terahata, Adriana (org.). A música na escola.* São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 7-10.

MUSZKAT, Mauro. Música, neurociência e desenvolvimento humano. *In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). A música na escola.* São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 67-79.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. **Caderno de musicalização: canto e flauta doce.** Curitiba: SEED, 2008a.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica.** Curitiba: SEED, 2008b. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Pagina/DCE-2008-2019>. Acesso em: 9 nov. 2024.

PARANÁ. Governo promove primeiro festival de fanfarras do Paraná. **Agência Estadual de Notícias**, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Governo-promove-primeiro-Festival-de-Fanfarras-do-Parana>. Acesso em: 4 out. 2024.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. **Referencial Curricular do Paraná: Arte.** Curitiba: SEED, 2020. Disponível em: [https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-05/cre\\_p\\_arte\\_2021\\_anos finais](https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/cre_p_arte_2021_anos finais). Acesso em: 19 out. 2024.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. Resolução SEED n.º 3.550, de 23 de junho de 2022. Institui o Livro Registro de Classe e Livro Registro de Classe Online. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, 27 jun. 2022. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=267067&indice=1&totalRegistros=1&dt=19.8.2023.11.9.10.395>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PEDROSA, Stella Maria Peixoto de Azevedo. **Jovens de Fanfarra: memórias e representações.** 2007. 149 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10955/10955\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10955/10955_1.PDF). Acesso em: 10 nov. 2024.

PERES, Lúcia Maria Vaz. Imaginários moventes: das professoras que tivemos à professora que pensamos ser. **Educere et Educere: Revista de Educação**, Cascavel, v. 6, n. 11, p. 1-11, 2011. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/5118>. Acesso em: 27 nov. 2024.

PETRAGLIA, Marcelo S. Educação Musical: da impressão à expressão. *In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). A música na escola.* São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 64-66.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PLANETA BANDAS. A história das Fanfarras no Brasil. **Planetabandas**, 8 maio 2019. Disponível em: <https://www.planetabandas.com.br/2019/05/a-historia-das-fanfarras-no-brasil/>. Acesso em: 30 out. 2024.

SALLES, Pedro Paulo. Música de fundo, música de frente. *In*: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 195-197.

SANTOS, Alexandre Magno Nascimento dos. **Na cadência das Fanfarras**: uma história de vida em formação e a Fanfarra Moreira de Sousa. 2016. 269 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Artes) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21189/1/2016\\_dis\\_amnsantos.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21189/1/2016_dis_amnsantos.pdf) Acesso em: 30 out. 2024.

SEVERINO, Antonio Joaquim. O projeto político pedagógico: a saída para a Escola. **Revista da AEC**, Brasília, DF, v. 27, n. 107, p. 81-91, abr./jun. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/download/52963/30987/141923>. Acesso em: 8 nov. 2024.

SILVA, Francinaldo Rodrigues da. **A aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música**: um estudo com duas Bandas Escolares. 2014. 214 f. Dissertação (Mestrado em Música na Contemporaneidade) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/teses-deser/arquivos/core/bitstreams/f9071416-31c1-47e8-902f-d3d6bb2bca02/content> Acesso em: 6 nov. 2024.

SOUZA, Carlos Eduardo de. **Mitos e possibilidades do ensino de música no contexto escolar**: uma análise crítica à luz da teoria histórico-cultural. 2016. 198 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8476/TeseCES.pdf?sequence=1> Acesso em: 30 out. 2024.

STORCK, Marcelo Daniel. Surpreende o nível do campeonato paranaense. **Magníficas: Bandas e Orquestras**, 12 dez. 2001.

TEIXEIRA, Marizete de Carvalho Cardoso; ROCHA, Gabriela Silveira. Linguagem musical, fanfarra e currículo escolar: algumas considerações. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema, v. 8, n. 1, p. 311-329, jan./mar. 2023. Disponível em: [https://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal/article/view/2469/2019](https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2469/2019). Acesso em: 2 nov. 2024.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. Tradução de Rosaura Richemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOURINHO, Irene. Educação musical: parte integrante do currículo no ensino básico. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTES EDUCADORES DO BRASIL, 11., 1998. Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: FAEB, 1998. p. 167-175.

UNIÃO PARANAENSE DE FANFARRAS E BANDAS. **Federação paranaense de fanfarras e bandas**. 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/UPFBandas>. Acesso em: 30 out. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM). **Desfile de Bandas e Fanfarras**: 1ª edição. 2023. Disponível em: <https://uemfm.uem.br/index.php/77-1-edicao-desfile-de-banda-s-e-fanfarra>. Acesso em: 16 nov. 2024.

VILELA, Ivan. Música popular nas escolas. *In*: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). **A música na escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 134-137.

VILLA-LOBOS, Museu. **Villa-Lobos**: suas ideias. Rio de Janeiro: Museu Villa-Lobos, 2023.

ZANON, Fábio. A música no mundo: o estudo da tradição da música erudita. *In*: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sérgio; TERAHATA, Adriana (org.). **A música na Escola**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 126-129.

## PERIÓDICOS

DIÁRIO DO NOROESTE. Desfile de 7 de setembro comemorado em data posterior devido as chuvas. **Diário do Noroeste**. Paranavaí, 15 set. 1998, p. 4. 1 fotografia.

DIÁRIO DO NOROESTE. Homenagem na Câmara Municipal pelas conquistas em Campeonatos e pelo trabalho prestado. **Diário do Noroeste**, Paranavaí, 24 e 25 de dezembro de 2005, p. 19. 1 fotografia.

## PARTICIPANTES DA PESQUISA

INTEGRANTE A. **Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via forms**. Paranavaí, 7 dez. 2023.

INTEGRANTE C. **Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via forms**. Paranavaí, 2023.

INTEGRANTE D. **Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via forms**. Paranavaí, 7 dez. 2023.

INTEGRANTE E. **Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via forms**. Paranavaí, 8 dez. 2023.

INTEGRANTE F. **Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via forms**. Paranavaí, 8 dez. 2023

INTEGRANTE J. **Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via forms**. Paranavaí, 9 dez. 2023.

INTEGRANTE K. **Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via forms**. Paranavaí, 9 dez. 2023.

**INTEGRANTE M. Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via *forms*.** Paranaíba, 9 dez. 2023.

**INTEGRANTE O. Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via *forms*.** Paranaíba, 9 dez. 2023.

**INTEGRANTE U. Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via *forms*.** Paranaíba, 10 dez. 2023.

**INTEGRANTE V. Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via *forms*.** Paranaíba, 10 dez. 2023.

**INTEGRANTE W. Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via *forms*.** Paranaíba, 10 dez. 2023.

**INTEGRANTE Z. Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via *forms*.** Paranaíba, 10 dez. 2023.

PP IFOR

## APÊNDICES

### Apêndice A – Questionário respondido por ex-integrantes da Fanfarra Pólo (1998-2015) via *forms*

#### QUESTIONÁRIO RESPONDIDO POR EX-INTEGRANTES DA FANFARRA PÓLO (1998-2015) VIA *FORMS*

Este questionário tem por objetivo coletar informações sobre a Fanfarra Estudantil Pólo do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto-EFMP, obtenção de dados para uma pesquisa acadêmica realizada por Vera Rodrigues da Silva Liones, sob orientação da Profa Dra Márcia Marlene Stentzler, do Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Ensino e Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR).

e-mail: \_\_\_\_\_whatts app\_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_anos

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Período em que participou da fanfarra \_\_\_\_\_ Instrumento que tocou: \_\_\_\_\_

Instrumento que toca hoje: \_\_\_\_\_ ou integrante de (Linha de Frente, Corpo Coreográfico, Balizas, Destaque, Mór de Comando, etc) \_\_\_\_\_.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

1. O(a) que o(a) levou a participar da Fanfarra Estudantil Pólo e quais foram as vantagens de integrar este grupo musical?
2. Existiu incentivo por parte da família? Explique como ocorreu.

3. Relate como foi a sua experiência em participar da fanfarra.
4. Quais benefícios a fanfarra trouxe para a sua formação como estudante?
5. A partir de suas memórias, quais as principais dificuldades para manter a Fanfarra em atividade na escola?
6. Você teve dificuldade, ou conheceu alguém que teve, para se manter na fanfarra? Explique.
7. As atividades musicais da fanfarra contribuíram para o seu rendimento escolar?
8. Fale a respeito do ciclo de amizades, que você fez parte ou que existiu na Fanfarra.
9. Existia algum objetivo profissional em participar da Fanfarra ou a atividade foi lazer?
10. Você concorda que a fanfarra estudantil forma uma cultura escolar diferenciada? Por quê?
11. O que a fanfarra representou para a cidade e para a escola?
12. Anexe aqui algo que faz parte da sua história e marca a sua memória como participante da fanfarra. Explique detalhes do objeto anexado.

**Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Prezado(a) Colaborador(a),

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada FANFARRA ESTUDANTIL PÓLO COMO LUGAR DE ENSINO E FORMAÇÃO HUMANA, pela instituição Universidade Estadual do Paraná \_ Campus Paranaíba.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP UNESPAR.

**DADOS DO PARECER DE APROVAÇÃO**

Emitido Pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CEP UNESPAR.

Número do parecer: 5.568.525

CAAE: 59811922.6.0000.9247

Data da relatoria: 07/12/2023.

## ANEXOS

### Anexo A – Parecer do Comitê de Ética da Unespar

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
PARANÁ - UNESPAR



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** FANFARRA ESTUDANTIL PÓLO COMO LUGAR DE ENSINO E FORMAÇÃO

**Pesquisador:** MARCIA MARLENE STENTZLER

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 75267023.8.0000.9247

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.565.898

##### **Apresentação do Projeto:**

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a história da Fanfarra Estudantil Pólo do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto - Ensino Fundamental Médio e Profissional (EFMP), na cidade de Paranavaí/PR, analisando as suas contribuições para a formação humana e musical como parte da cultura escolar no período de 1998 a 2015. Em 1998 houve a troca de instrumentos e no ano de 2015 a fanfarra deixou de participar

de campeonatos e apresentações em outros municípios da região. No período em que se delimita esta pesquisa as fanfarras eram muito valorizadas na formação cultural dos estudantes, contribuindo para a formação humana e musical como parte da cultura escolar. Esta fanfarra dava visibilidade para a escola. Os integrantes se dedicavam aos ensaios e apresentações. Embora haja outros estados da federação em que elas ainda existam, no

Paraná elas não são mais comuns em escolas estaduais da educação básica, embora haja municípios que apresentam estímulo para esta atividade como projetos em contraturno, mas em escolas municipais. Para a realização da pesquisa, buscamos a conexão entre a música e a cultura escolar, tendo como base a música nas relações socioeducacionais afetas ao ensino e a formação humana dos estudantes participantes desta fanfarra escolar. Trabalharemos tendo como base fatos históricos e socioeducacionais que constituíram a formação das fanfarras e particularmente a que existiu no Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha Neto (EFMP). Buscamos relacionar o particular (o singular, o dado empírico) com o geral, isto é, estabelecer conexão entre a fanfarra, a

**Endereço:** Av: Gabriel Esperidião s/n sala 20  
**Bairro:** Jardim Morumbi **CEP:** 87.703-000  
**UF:** PR **Município:** PARANAVAÍ  
**Telefone:** (44)99973-4064 **Fax:** (44)3141-4334 **E-mail:** cep@unespar.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
PARANÁ - UNESPAR



Continuação do Parecer: 6.565.898

escolarização e a organização da sociedade. Entre os principais autores que utilizamos estão Roger Chartier (2002), para analisar as representações construídas acerca da Fanfarra; Augustin Escolano Benito (2017) que aborda a cultura escolar como parte do processo histórico de escolarização; Jacques Le Goff (2003) trata das memórias e sua relação com o tempo histórico, e Edward P.

Thompson (1998) quando aborda inter-relações entre a sociedade, as experiências e a formação cultural, entre outros. A pesquisa foi organizada de forma a analisar, em um primeiro momento, o contexto sócio-histórico e cultural, as origens das fanfarras escolares e do estudo da música em escolas públicas; na sequência, buscamos conhecer o processo histórico de criação da Fanfarra Pólo, a sua relação com o currículo escolar e a

sociedade, explorando as memórias e representações sobre o processo de educação e formação da cultura musical promovidos pela Fanfarra Pólo. Nesta pesquisa tratamos das origens da música na escola e das possibilidades de promoção de um ambiente socioeducativo em que a música esteja presente como um dos alicerces formativos, sendo esse conhecimento produzido em relação com a sociedade. Buscamos evidenciar a utilização das Fanfarras como recurso para o ensino da música nas escolas públicas, especialmente com os projetos de fanfarras estudantis, oportunizando aos estudantes de escolas públicas múltiplas aprendizagens, sendo a música um dos conteúdos para a formação cultural da juventude

#### **Objetivo da Pesquisa:**

##### **Objetivo Primário:**

Este estudo objetiva investigar a história da Fanfarra Estudantil Pólo do Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto - Ensino Fundamental Médio e Profissional de Paranavaí, analisando as suas contribuições para a formação humana e musical como parte da cultura escolar no período de 1998 a 2015.

##### **Objetivo Secundário:**

A. Analisar, em contexto sócio-histórico e cultural, as origens das fanfarras escolares e do estudo da música em escolas públicas paranaenses.

B. Compreender o processo histórico de criação da Fanfarra Pólo, a sua relação com o currículo escolar e a sociedade.

C. Explorar memórias e representações sobre o processo de educação e formação da cultura musical promovidos pela Fanfarra Pólo

**Endereço:** Av: Gabriel Esperidião s/n sala 20  
**Bairro:** Jardim Morumbi **CEP:** 87.703-000  
**UF:** PR **Município:** PARANAVAI  
**Telefone:** (44)99973-4064 **Fax:** (44)3141-4334 **E-mail:** cep@unespar.edu.br

Continuação do Parecer: 6.565.898

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Informo que a presente pesquisa poderá apresentar os seguintes riscos ao entrevistado: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; constrangimento ao relembrar certas memórias; desconforto; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; medo de não saber responder ou de ser identificado.

Será garantido a liberdade de resposta não sendo obrigado a responder questões que julgar constrangedoras e assegurando a confidencialidade e a privacidade das informações e dados coletados. Lembramos que a sua participação é totalmente voluntária, podendo recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

**Benefícios:**

Os benefícios esperados são: os ex-alunos e ex-integrantes da Fanfarra, voluntários da pesquisa terão como benefícios imediatos a possibilidade de participar do resgate histórico e das memórias da Fanfarra Estudantil Polo, contribuindo para a análise das relações sócio-históricas e culturais que a escola estabeleceu com os participantes da fanfarra, de forma direta (compondo a fanfarra) e de forma indireta (a sociedade que admirava suas apresentações).

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Estudo nacional, unicêntrico e retrospectivo. Será feito com 20 participantes no Brasil.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide Campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Recomendações:**

Vide Campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foi encontrado óbice ético no protocolo de pesquisa apresentado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que sejam devidamente apreciadas no CEP, conforme Resolução CNS nº 466/12, item XI.2.d e Resolução CNS nº 510/16, art. 28, item V.

Endereço: Av. Gabriel Esperidião s/n sala 20  
 Bairro: Jardim Morumbi CEP: 87.703-000  
 UF: PR Município: PARANAÍVAI  
 Telefone: (44)99073-4064 Fax: (44)3141-4334 E-mail: cep@unespar.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
PARANÁ - UNESPAR**



Continuação do Parecer: 6.565.898

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2231381.pdf	24/11/2023 17:04:09		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2231381.pdf	24/11/2023 16:56:02		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2231381.pdf	24/11/2023 12:28:17		Recusado
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	modelo_projeto_brochura_Vera.docx	24/11/2023 12:27:34	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	modelo_projeto_brochura_Vera.docx	24/11/2023 12:27:34	MARCIA MARLENE STENTZLER	Postado
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	modelo_projeto_brochura_Vera.docx	24/11/2023 12:27:34	MARCIA MARLENE STENTZLER	Recusado
Outros	projeto_brochura_alterado.docx	24/11/2023 12:27:01	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito
Outros	projeto_brochura_alterado.docx	24/11/2023 12:27:01	MARCIA MARLENE STENTZLER	Postado
Outros	projeto_brochura_alterado.docx	24/11/2023 12:27:01	MARCIA MARLENE STENTZLER	Recusado
Cronograma	Cronograma.docx	24/11/2023 12:26:37	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	24/11/2023 12:26:37	MARCIA MARLENE STENTZLER	Postado
Cronograma	Cronograma.docx	24/11/2023 12:26:37	MARCIA MARLENE STENTZLER	Recusado
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2231381.pdf	13/11/2023 16:00:20		Recusado
Outros	projeto_brochura_alterado.docx	13/11/2023 15:58:39	MARCIA MARLENE STENTZLER	Recusado
Outros	Carta_Resposta_CEP.docx	13/11/2023 15:42:27	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito
Outros	Carta_Resposta_CEP.docx	13/11/2023 15:42:27	MARCIA MARLENE STENTZLER	Postado
Cronograma	Cronograma.docx	13/11/2023 15:41:08	MARCIA MARLENE STENTZLER	Recusado
Outros	questionario.docx	13/11/2023 15:23:10	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito
Outros	questionario.docx	13/11/2023 15:23:10	MARCIA MARLENE STENTZLER	Postado
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_brochura.docx	18/10/2023 17:12:30	MARCIA MARLENE STENTZLER	Recusado

**Endereço:** Av: Gabriel Esperidião s/n sala 20  
**Bairro:** Jardim Morumbi **CEP:** 87.703-000  
**UF:** PR **Município:** PARANAVAI  
**Telefone:** (44)99973-4064 **Fax:** (44)3141-4334 **E-mail:** cep@unespar.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
PARANÁ - UNESPAR



Continuação do Parecer: 6.565.898

Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	18/10/2023 16:50:17	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito
Outros	autorizacaovera.pdf	17/10/2023 21:35:42	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito
Outros	autorizacaoNREvera.pdf	17/10/2023 21:35:05	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito
Outros	Autorizacaodeimagemevoz.doc	17/10/2023 21:33:18	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	16/10/2023 19:20:53	MARCIA MARLENE STENTZLER	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PARANAVAI, 08 de Dezembro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Willian Augusto de Melo**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av: Gabriel Esperidião s/n sala 20  
**Bairro:** Jardim Morumbi **CEP:** 87.703-000  
**UF:** PR **Município:** PARANAVAI  
**Telefone:** (44)99973-4064 **Fax:** (44)3141-4334 **E-mail:** cep@unespar.edu.br

## Anexo B – Autorização do Núcleo Regional de Educação de Paranavaí



### ANEXO VI da RESOLUÇÃO N.º 406/2018 – GS/SEED

#### TERMO DE CONCORDÂNCIA DO NRE PARA A UNIDADE CEDENTE

Senhora Dra Márcia Marlene Stentzler

Declaramos que este Núcleo Regional de Educação de Paranavaí, está de acordo com a condução do projeto de pesquisa **FANFARRA ESTUDANTIL PÓLO COMO LUGAR DE ENSINO E FORMAÇÃO HUMANA**, a ser realizado pela pesquisadora Vera Rodrigues da Silva Liones, na Unidade, Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto-EFMP, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com Seres Humanos, da Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranavaí.

Estamos cientes que os participantes da pesquisa serão ex-alunos, adultos e voluntários, outrora pertencentes à Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, bem como de que o presente trabalho deverá seguir a Resolução 466/2012 (CNS) e o Decreto nº 7037, de 2009.

Da mesma forma, temos ciência que o (a) pesquisador (a) somente poderá iniciar a pesquisa pretendida após encaminhar, a esta Instituição, uma via do parecer de aprovação do estudo emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Paraná – Campos Paranavaí.

Paranavaí, 21 de setembro de 2023.

Lara Polido-Cardoso  
Representante da CAA no NRE

Emerson Pereira Branco  
Chefe do NRE de Paranavaí

Anexo C – Corporações inscritas no campeonato paraense de fanfarras e bandas de 2023



## FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FANFARRAS E BANDAS

**XXX Campeonato Paraense de Fanfarras e Bandas**  
16 de setembro - Bandeirantes - PR

**ORDEM DE APRESENTAÇÕES**

**A PARTIR DAS 08h00min**

Nº	CORPORAÇÃO	CATEGORIA	HORÁRIO DE CONCENTRAÇÃO
01	Banda Marcial Munic. São Sebastião da Amoreira - PR	Banda Marcial – Infantil I	08:00 horas
02	Projeto Fanfarra da Guarda Mirim de Altônia - PR	Banda de Percussão – Infantil II	08:15 horas
03	Banda de Percussão Blue Angels – Prudentópolis - PR	B.Perc.Inst.Melódicos – Infantil II	08:30 horas
04	Fanfarra Municipal de Rondon - PR	Banda de Percussão – Inf.Juvenil	08:45 horas
05	FAMUL – Fanfarra Municipal de Luiziana - PR	B.Perc.Liras – Infanto-Juvenil	09:15 horas
06	Fanfarra Municipal de Iretama - PR	B.Perc.Liras – Infanto-Juvenil	09:30 horas
07	Projeto Fanf.da Guarda Mirim de Altônia - PR	B.Perc.Liras – Infanto-Juvenil	09:45 horas
08	COMUSF – ACSGA. Cândido de Abreu - PR	Banda Marcial – Infanto-Juvenil	10:00 horas
09	Banda Marcial Madre Merloni – Curitiba - PR	Banda Marcial – Infanto-Juvenil	10:15 horas
10	Escola Agrícola Henriette Morineau – APAE Curitiba	Banda PCD - Sênior	10:30 horas
***	Premiação da Faixa Etária Infantil e Infanto Juvenil	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX	

**A PARTIR DAS 13h00min**

Nº	CORPORAÇÃO	CATEGORIA	HORÁRIO DE CONCENTRAÇÃO
11	FAMUBAN (BAMUB) – Fanf. Municipal de Bandeirantes - PR	Banda Tradicional - Sênior	13:00 horas
12	DRUM FORCE – B. Perc. da COMMUSF – Candido de Abreu	B. de Percussão - Juvenil	13:15 horas
13	FAMUG – Fanfarra Municipal de Guamiranga - PR	B.Perc.Liras - Juvenil	13:30 horas
14	Fanfarra Municipal Gralha Azul – S. Manoel do Paraná - PR	B.Perc.Liras - Juvenil	13:45 horas
15	Guarda Mirim de Irati - PR	B.Perc.Sinfonica - Juvenil	14:00 horas
16	Banda Municipal Villa Lobos – Reserva do Iguazu - PR	B.Mus.Concerto - Juvenil	14:30 horas
17	FAMUEM – Fanfarra Munic. Emilio de Menezes – Japurá - PR	B.Perc.Liras - Sênior	14:45 horas
18	FANBACAP – Fanf. Barão de Capanema - Prudentópolis - PR	B.Perc.Liras - Sênior	15:00 horas
19	Corporação Musical Fênix – São Mateus do Sul	B.Perc.Liras - Sênior	15:15 horas
20	FALC – Fanfarra Alberto de Carvalho - Prudentópolis	B.Perc.Liras - Sênior	16:00 horas
21	FAMUL – Fanfarra Municipal de Luiziana - PR	B.Perc.Sinfônica - Sênior	16:30 horas
22	FANBACAP – Fanf. Barão de Capanema – Prudentópolis - PR	B.Perc.Sinfônica - Sênior	16:45 horas
23	FAMUEM – Fanfarra Munic. Emilio de Menezes – Japurá - PR	B.Perc.Inst.Mel. - Sênior	17:00 horas
24	Banda Sinfônica Municipal de Pinhão - PR	Banda Sinfônica - Sênior	17:30 horas
25	Banda Municipal de SENGÉS - PR	B.Mus.de Marcha - Sênior	18:00 horas
26	COMUSF – ACSGA. Cândido de Abreu - PR	B.Mus.de Marcha - Sênior	18:20 horas
27	Banda Musical do Caximba – Curitiba - PR	B.Mus.de Marcha - Sênior	18:40 horas
28	Banda Mun. Maestro Luiz Vaz da Silva – Salto do Itararé - PR	Banda Marcial - Sênior	19:00 horas
29	Ass. MUDART – Guarda Mirim do Paraná – Curitiba - PR	Banda Marcial - Sênior	19:20 horas
30	BAMUV – Banda Marcial de União da Vitória - PR	Banda Marcial - Sênior	19:40 horas

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=685523740277218&set=a.461150486047879>

## Anexo D – Projeto Fanfarra



COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR BENTO MUNHOZ DA  
ROCHA NETO – E. F. M. P.

Autorizado Conforme Decreto 2997/1977 DOE 03/03/1977



COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO-EFM

### PROJETO FANFARRA

#### **IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO**

##### **FANFARRA ESTUDANTIL POLO**

Área Musical – Segmento de Música Instrumental

Modalidade Música Instrumental

Endereço: Rua ~~Escola~~ Braga, 313 Jardim Nakamura

Fone/Fax (44) 3423-2928

Paranavaí – Paraná

CEP 87701-050

#### **JUSTIFICATIVA**

Como toda instituição de ensino fundamental e médio, nossa instituição reflete em sua filosofia interna a promoção a êxito, e o sucesso da aprendizagem na Escola com o apoio de todos os segmentos, buscando desenvolver certas habilidades consideradas fundamentais. O ensino em sua função absorve, quase todos os recursos da instituição, e, numa fase em que os recursos sócio - culturais são imprescindíveis, justifica-se a ampliação do material da instituição, para que mais alunos se integrem através da música e da dança, despertando sua sensibilidade em contraste à sua intelectualidade.

Nossa Fanfarra tem buscado incentivar a parte cultural de nossos alunos, apresentando em diversas localidades do nosso estado, e visando dar continuidade a este projeto estamos constantemente buscando parcerias.

#### **OBJETIVOS**

O projeto tem sido social, pois visa proporcionar às crianças e adolescentes da cidade de Paranavaí o ensino gratuito de música. O projeto também visa o resgate da tradição das bandas de marcha da cidade, bem como a integração sociocultural dos seus participantes. O programa pedagógico do projeto conta com aulas específicas de instrumentos, com aulas práticas de instrumento de sopro (trompete, trombone, tuba, bombardino, etc.) e instrumentos de percussão (caixa, bumbo, prato a dois, e etc.). O projeto conta ainda com dinâmicas de grupo e orientação no que se refere à teoria e a percepção musical. O programa também proporciona aos alunos momentos de composição e de criação musical, momentos de apreciação e discussão musical, através de aulas expositivas e prática.

Ainda fazem parte do projeto alunas e alunos que compõe o Corpo Coreográfico, com apresentações teatrais, de dança e marcha com coreografias marciais; bem como balizas, alunas que aprendem o básico em Ginástica Rítmica.

De sobre maneira não poderiam faltar a Linha de frente com as Porta



**COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR BENTO MUNHOZ DA  
ROCHA NETO – E. F. M. P.**  
Autorizado Conforme Decreto 2997/1977 DOE 03/03/1977



bandeiras e devidas guardas de honra que aprendem todas as normas civis de conduzirem o pavilhão nacional.

Deste modo o civismo e boas maneiras, como também a conduta, lateralidade, dinamismo e arte tem feito a diferença na vida de nossos alunos que vislumbram dias melhores.

### **ESTRATÉGIAS DE AÇÃO**

- 1 - Oficinas de música
- 2 - Ensaios por ~~naipes~~ ~~naipes~~
- 3 - Ensaios gerais
- 4 - Grupos de dança
- 5 - Ensaios de coreografias
- 6 - Teorias musicais

1 - Nas oficinas os membros aprenderão como se faz a leitura de partituras musicais e também farão aplicações práticas dos conteúdos utilizando os instrumentos;

2 - Ensaios com determinados alunos de mesmo instrumento, otimizando o aprendizado e melhorando a qualidade do grupo;

3 - Ensaios com todos os integrantes visando o aperfeiçoamento das músicas propostas e ajustes que se façam necessários.

4 - Através das músicas proporcionará grupos de danças para trabalhos de apresentação da fanfara;

5 - Através da dança e apresentações formar com os definidos grupos as coreografias do corpo coreográfico;

6 - Estudo das teorias musicais entre os alunos dos diferentes naipes.

Participação em eventos e concursos regionais e nacionais.

Todas as etapas tem sua duração definida de acordo com o período em que a corporação estiver desenvolvendo seu trabalho, o estudo de notações musicais deve ser contínuo para um melhor desempenho, assim como os ensaios específicos e os ensaios gerais.

Os profissionais envolvidos serão o Regente musical e também a Coreógrafa. Todos empenhados no ensino teórico e prático. Contará também com o apoio de alunos com maior conhecimento para o apoio ao aprendizado dos integrantes novos e maior facilidade no ensino aplicado a grupos reduzidos.

### **REALIZAÇÃO DO PROJETO**

Durante o ano letivo.